

Diretrizes

ANO VI

AGOSTO, 12-1943

N.º 100

ESPECIAL:

A Crise De Habitações E As Manobras Dos Senhorios

Grande reportagem sobre o inquietante problema da moradia nestes dias de guerra

+

A Inteligência Livre Contra A Disciplina Fascista

Entrevista do jornalista Rodolfo Motta Lima sobre a guerra e outros problemas da América

+

A Lição Do Torpedea- mento Do "Bagé"

+

NO SUPLEMENTO L I T E R Á R I O

Zé da Luz

Grande conto de Graciliano Ramos

+

A Alma De Anton Pa- vlòwitch Tchekoff

Por Maximo Gorki

+

Crítica Literária

Secção de Edison Carneiro

+

PREÇO: Cr\$ 1,00



**"SOU CONTRA OS
SINDICATOS LITERARIOS!"**

**Genolino Amado denuncia a ação
das "igrejinhas" intelectuais**

O BRASIL NOS CAMPOS DE BATALHA

FINALMENTE, já não resta dúvida de que o Brasil estará presente à segunda frente na Europa. Desde o começo, sustentamos essa iniciativa como verdadeiro imperativo nacional.

Não provocamos a guerra. Fomos a ela arrastados da forma mais grosseira. Até há um ano passado, a posição do governo brasileiro foi da mais formal neutralidade. O inimigo nazi-fascista aproveitou-se, aliás, dessa neutralidade para fazer o seu jogo. Antes dos primeiros afundamentos de barcos brasileiros, já havíamos sido praticamente agredidos em nosso próprio solo.

* * *

A preparação da agressão teve início com a fundação do integralismo, hoje plenamente identificado como o agente político organizado do nazi-fascismo entre nós. Ao mesmo tempo que procurou lançar a opinião pública contra todas as Nações Unidas — contra a Rússia, contra a China, contra a Inglaterra, contra os Estados Unidos, contra o México —, o integralismo fazia a propaganda do Eixo — da Alemanha hitlerista, da Itália fascista, do Japão militarista — e desmoralizava a democracia como regime político e os democratas do país e de todo o mundo.

Além disso, conspirou e promoveu revolta para se apossar do poder, visando conduzir a nação para as aventuras sangrentas em proveito do Eixo.

Quando vieram os primeiros afundamentos, a opinião pública não ocultou seu desejo de ver o Brasil imediatamente na guerra ao lado das Nações Unidas contra o nazi-fascismo. O governo continuou, porém, a manter a sua atitude neutral, agindo invariavelmente com a maior cautela e serenidade.

Só em face do afundamento de cinco barcos brasileiros, em poucas horas, a pequena distância de nossas costas, a que as massas populares responderam com ondas de protesto em todas as capitais e grandes cidades do país, reclamando a guerra, o governo, como sancionando a vontade nacional, declarou o estado de beligerância. Tínhamos aceito, afinal, o desafio. Entramos na guerra e, desde então, só devíamos pensar e agir no sentido de fazê-la do modo mais ativo e mais brilhante. Achar que o Brasil devia, desde aquele momento, participar, na prática e não por símbolos, do conflito armado era e é uma questão de brio, de punção para as nossas forças armadas, de defesa e de honra para a nacionalidade.

* * *

Aqui dentro do país mesmo, na calma aparente em que temos vivido, estamos em guerra. Até aqui vieram os agentes do Eixo. A sua base tática, o integralismo, forceceu-lhes os elementos para os atos de sabotagem, para os afundamentos dos navios, antes e depois de Agosto de 1942, para os crimes traiçoeiros contra a vida de nossos irmãos e nossos aliados.

A guerra do nazi-fascismo é, e sentimo-lo na própria carne, uma guerra totalitária. Guerra de vanguarda e de retaguarda. Estamos e continuamos, assim, fazendo a guerra de retaguarda, desde que o inimigo atingiu o nosso solo, o nosso "front" interno. É essa um tipo de guerra difícil, em que o agressor quase sempre está oculto e excelentemente protegido. Fazemo-la com muitos êxitos.

Mas não se ganha a guerra lutando apenas na retaguarda e na defensiva. É necessário ir à vanguarda e fazer a ofensiva. Neste momento, todos os nossos aliados se encontram na ofensiva, às vésperas do esmagamento total do inimigo. Permanecerem em casa, seria o mesmo que termos começado uma viagem e ficarmos no meio do caminho. Não teríamos atingido o nosso objetivo. A quinta-coluna que fez uma enorme força para que o Brasil não reconhecesse o estado de guerra com o Eixo, fez depois força maior ainda para que o Brasil não enviasse os seus soldados ao "front". Mandar tropa aos campos de operação, seria atacar concretamente o nazi-fascismo e concorrer para a sua mais rápida liquidação. E isto não convinha nem convém à quinta-coluna. Mas todas as suas manobras, as mais sutis, as mais demagógicas, as mais "nacionalistas", foram, enfim, anuladas... Já no almoço de Ano Bom às classes armadas, o presidente Getúlio Vargas havia dito: "As Nações Unidas, e principalmente os nossos aliados americanos, sabem que podem contar conosco". E chegou o instante de confirmarmos com atos a palavra do presidente. Tomamos, de fato, embalagem para a guerra.

* * *

Ainda agora, o ministro Gaspar Dutra concedeu ao "New York Times" uma oportuna entrevista, reafirmando categoricamente a decisão do nosso governo de enviar tropa expedicionária aos campos de batalha. Depois da promessa do presidente Vargas, nada mais importante do que a declaração do ministro da Guerra, neste momento, aliás, em viagem para os Estados Unidos — declaração que, pelo vigor do tom e pela sua ressonância, transmitida que foi em resumo de Nova York, durante a Hora do Brasil de quarta-feira da semana finda, dissipou todas as dúvidas a respeito. Marchamos resolutos para a guerra. Estaremos presentes, sim, à segunda frente. Daremos o nosso quinhão de esforço, de coragem, de sacrifício pela queda do nazi-fascismo.

As portas dos quartéis se abriram para receber os vo-

(Conclue na 9.ª pag.)

Diretrizes

ANO VI

AGOSTO, 12-1943

N.º 163



AS PRIMEIRAS palavras de Rodolfo Motta Lima foram de entusiasmos arrebatado pelos Estados Unidos, assunto que desde logo provocávamos.

— Não foi propriamente o país que me encantou. Estava preparado para ver maravilhas e realmente as vi. Não adivinhava era o esplêndido grau de juventude e bom humor que apresenta aquela gente. Povo comunicativo, sadio, feliz é o norte-americano. Isso deve em grande parte correr por conta de um regime alimentar muito bom. Bem alimentado, com intestinos, fígado e coração funcionando normalmente, o homem será sempre o que é o americano. Seja por isso ou não, certo é que constitui um belo e agradável espetáculo o povo do país irmão. Hája agora uma palavra bem merecida para o carinho com que nos recebe, a nós, os brasileiros. São extremamente carinhosos conosco. Trago essa inesquecível impressão da cordialidade e afeto com que nos rodeiam. Ou porque o Brasil sempre se orientou pela política americana ou por lutar, ontem, como hoje, ao lado dos Estados Unidos, o fato é que existe uma excepcional boa vontade por parte deles. Essa boa vontade cumpre que saibamos aproveitar.

Indagamos da nossa propaganda naquele país. Resultados positivos?

— É um assunto que desgosta muita gente, mas que devo dizer a verdade. Somos lá conhecidos como grandes produtores de café. E só. Há muito mais que mostrar o Brasil mas eles nada sabem, apesar do vivo interesse atual que manifestam pelas nossas coisas. Se isso é assim só posso concluir pela ineficiência ou deficiência da nossa propaganda.

Rodolfo Motta Lima volta aos pequenos flagrantos da consideração que os americanos dispensam aos brasileiros. Dois deles são especialmente curiosos.

ENTREVISTA COM RODOLFO MOTTA LIMA SOBRE A GUERRA E OUTROS PROBLEMAS DA AMÉRICA

Fala através desta entrevista para os leitores de DIRETRIZES o jornalista Rodolfo Motta Lima. Foi ele, durante alguns anos, deputado federal pelo seu Estado, as Alagoas. Mas, a sua principal, a sua fundamental atividade é o jornal. Antes, durante e depois de sua função de parlamentar, jamais deixou de ser jornalista, e jornalista político com banca num jornal, que vale por uma verdadeira trincheira popular: o "Correio da Manhã". Tendo ido aos Estados Unidos, Rodolfo Motta Lima falou, agora, sobre os principais aspectos que ali observou da preparação humana, bélica e industrial para a liquidação, pelas armas, do nazi-fascismo. É um democrata da velha guarda falando sobre a atualidade dramática do maior país democrata da América. Daí, o vivo e amplo interesse desta entrevista exclusiva para os leitores de DIRETRIZES

— Os almoçadinhos de Los Angeles são apetizados de "zoo-suits". São moços bonitos que se enfiavam em vastas calças apertadas na bainha, à moda de bombachas. As suas parceiras vestiam-se de "slacks", e são as nossas melindrosas. Essa gatinha ociosa costuma, aqui como lá, passar desaparecida. Os tempos de guerra porém, são duros, há muito sacrifício coletivo para que

esses pelintras não provoquem irritação. O pessoal que voltava do Pacífico, onde conheceu as privações da luta contra o amarelo, resolveu acabar com os "zoo-suits". Marinheiros e soldados, à paisana, limpavam as ruas de Los Angeles dos pelintras, em meio a incidentes. O ba-

(Continua na 11.ª pag.)

As comemorações do 22 de Agosto

COMEMORAR-SE-Á no próximo dia 22 de agosto o primeiro aniversário da entrada do Brasil na guerra. Em consequência do afundamento do "Annibal Benévolo" e do "Baependi", torpedeados dentro das nossas águas, crime que rematava muitos outros anteriormente cometidos pelos corsários nazi-fascistas, o governo brasileiro declarou aceitar o estado de beligerância com a Alemanha e Itália. Já hoje temos a acrescentar, ao rol dos navios perdidos em nossas próprias águas, o "Bagé", afundado no dia 31 último. Com ele perfozem as nossas perdas no mar o total de 27 navios afundados, somando 115.996 toneladas. Quasi duas mil vítimas de morte pagaram com sangue brasileiro a atitude do seu país de, antes, facilitar o esforço aliado e em seguida unir-se às nações livres do mundo para o esmagamento do nazi-fascismo.

Comemorando a 21, tarde de sábado, o aniversário da nossa participação na guerra, a Sociedade Amigos da América, Liga de Defesa Nacional e União Nacional dos Estudantes promoverão uma grande passeata popular, que se movimentará na Esplanada do Castelo, onde os patriotas se reunirão junto à estátua de Rio Branco. O trajeto será feito até o Largo do Machado, compreendendo homenagens a grandes vultos da nossa história, prestadas em frente aos monumentos que a gratidão popular fez erigir em nossa capital. Um único orador falará junto a cada estátua, no tempo máximo de oito minutos. Do Largo do Machado a massa popular, em bondes cedidos pela empresa proprietária, se dirigirá ao cemitério de São João Batista para reverenciar os mortos brasileiros da Grande Guerra, junto ao túmulo das vítimas de Dakar.

Antes da concentração o general Manoel Rabelo, acompanhado de elementos das três entidades promotoras das comemorações cívicas, se dirigirá à estátua de Benjamin Constant, fundador da República, depositando uma palma de flores naturais no monumento. Virá em seguida ao encontro da massa concentrada no Castelo, que se movimentará, a pé, até o Largo do Machado, tomando daí o caminho do cemitério.

A Sociedade Amigos da América, Liga de Defesa Nacional e União Nacional dos Estudantes pedem o comparecimento do povo a essa demonstração de patriotismo e sentimento anti-fascista.

OS PONTEIROS DA CONFERÊNCIA DE ADVOGADOS

Muito oportunamente reunem-se no Rio de Janeiro a II Conferência Inter-Americana de Advogados, cuja instalação oficial teve lugar no sábado último. Como acontece geralmente, os discursos desse dia não revelaram maior expressão, permanecendo nas fórmulas vagas das orações em que o propósito primeiro é simplesmente desincumbir-se de uma função protocolar. A vida da Conferência estará sem dúvida no bom funcionamento dos seus órgãos, ou seja, das suas comissões, especialmente as que se ocuparão de problemas de direito público. Destas mesmas, sem dúvida, tem maior relevo a Comissão Permanente de Problemas de Após-Guerra.

Muita contribuição desentendida ameaça tomar o tempo dos membros dessa comissão, o que sempre é natural numa reunião em que o nível das mentalidades não excede do médio e umas poucas figuras se sobressaem por uma ampla cultura geral, capaz de fornecer perspectivas aos debates da matéria especializada. E nem apenas uma sólida cultura geral informando o conhecimento jurídico será suficiente para que a Comissão de Problemas de Após-Guerra possa deixar o terreno das considerações inoperantes e largar âncora em porto seguro. Naqueles juristas aos quais faleçam o instinto das necessidades populares, a sensibilidade para afinar com as esperanças das massas do mundo inteiro, a capacidade de bem julgar os problemas que se decidem nesta guerra, inútil será a cultura, que não se apresentará com outro aspecto que não o de uma erudição pedante e acadêmica.

A palavra de Roberto Lira, membro da Comissão de Direito e Processo Penal, definiu o que esperamos todos possa marcar o sentido da Conferência que se reúne em nossa capital: "Não nos restringiremos a debates puramente técnicos, que não tem razão de ser numa hora de renovação do Direito".

Em entrevista publicada há poucos dias ouviamos a afirmação de um juiz, membro da conferência de desembargadores, recentemente encerrada,

de que não podíamos abandonar as fontes do direito romano. Sabemos o que significa esse pensamento, que podemos traduzir, em linguagem nada jurídica, por estas expressões de desabafo: "Com Hitler ou sem Hitler queremos continuar reacionários". Temos que esperar que essa mentalidade também se manifeste (por que não?) no agosto conclave que ora inicia seus trabalhos. Feados nas palavras do prof. Roberto Lira, que exprimirão os sentimentos não apenas do ilustre criminalista, mas de todo um grupo de juristas de espandador na mão, acreditamos que uma outra mentalidade procurará preponderar na Conferência, a dos que acertam seus ponteiros pela "hora de renovação do Direito".

PROBLEMAS DE APÓS - GUERRA

Já salientamos a importância da Comissão Permanente de Problemas de Após-Guerra no seio da Conferência Inter-Americana de Advogados, que se reúne quando o Instituto dos Advogados Brasileiros festeja seu primeiro aniversário.

Juizes, membros do ministério público e advogados, em grau vário, são homens inclinados a encarar os problemas e sentimentos humanos através do vidro liso da doutrina jurídica, que não permite refrações nem irizações, revelando sempre por um mesmo ângulo. Daí constituírem aqueles profissionais um corpo geralmente apontado como excessivamente conservador, preso a textos e fórmulas, incapaz de ver um homem sem o situar num dispositivo de código para bem o compreender. A caricatura não sentaria mal ao grupo, se não entendessemos que nele, como em qualquer outro grupo social, penetra o pensamento novo através das reações e compreensões individuais dos elementos que não se sujeitam ao confinamento dos estudos técnicos. Vemos, efetivamente, no Brasil como em outros países, homens que, fazendo sua vida habitual no Palácio da Justiça, são igualmente capazes de se distinguir em outros campos da atividade intelectual, na política, no jornalismo, no magistério superior, nas letras e nas artes, o que lhes infunde maior agilidade no trato dos problemas sociais

NOS QUATRO CANTOS DO MUNDO

A CIÊNCIA E A GUERRA

Para proteger os naufragos nos mares infestados por tubarões, a Marinha norte-americana anunciou a utilização de uma substância que é repelente para os tubarões. Um cozimento secreto de diversos ingredientes detestados, ele foi desenvolvido pelo Escritório de Pesquisas e Desenvolvimento Científico, em cooperação com Investigações Navais Inc, e já foi submetido a um test nas águas da Flórida e Equador. Outra conquista científica a serviço da guerra são as lentes óticas que permitem aos observadores dos aviões olhar diretamente para o sol, esconderijo favorito dos bombardeiros inimigos.

A LUTA DO POVO IUGOSLAVO

Quando as operações na Sicília chegam a seu fim, e se aproxima o momento em que finalmente será aberta a verdadeira Segunda Frente, o heroico povo iugoslavo ativa a sua luta contra o nazismo. Os "partisans" comandados por Kosta Nagy, se bem que hostilizados pelos agentes desagregadores de Mihailovich, que recebeu armas dos italianos para combatê-los, já forjaram um Estado livre abarcando um sexto da Iugoslavia, equivalendo a uma área igual à do Estado do Rio. Há uma Assembleia Nacional composta de 68 membros e um presidente, o partisan Ivan Ribar, chefe da Iugoslavia Livre.

A TIRANIA NAZISTA NA BULGÁRIA

Apesar das medidas tomadas pelos governantes de mentalidade nazista, e da pressão exercida pela Gestapo, o povo búlgaro continua profundamente anti-nazista e profundamente russofilo. As emissões de Moscou em búlgaro são ouvidas por todos os que possuem aparelhos de rádio. Após o fracasso da ofensiva da primavera em 1942 e do desastre alemão em Stalingrado, aumentou o ritmo da resistência búlgara. O custo da vida em Sofia aumentou de 600 por cento. As deportações em massa para os campos de concentração se tornaram um acontecimento comum. Os judeus são particularmente visados. Há 50 mil judeus na Bulgária e somente cerca de mil conseguiram fugir. Como os de Salônica, eles são obrigados a trabalhar na construção de estradas e outras obras de interesse para os nazistas, nenhum deles podendo escapar do trabalho realizado em péssimas condições.

que se definem na ordenação jurídica. Estão esses habilitados a compreender que, se evoluem os problemas sociais, e já um spencereano há cinquenta anos atrás o admitia, deve a ordem jurídica necessariamente acompanhar essa evolução. Se os fatos sociais caminham na frente das leis essa constatação só pode estimular os estudiosos do direito a acelerar o passo.

Já começam a aparecer na Comissão de Problemas de Após-Guerra, submetidas a debates, indicações e teses que refletem nada mais que um desejo de repetir velhas frases feitas do direito público do século XIX. Certo que desse direito muita coisa deve ser mantida, mas também muita coisa acrescentada. Quando

foram os direitos do homem definidos pela primeira vez, vá o exemplo, neles não se incluíam os que, com rigorosa atualidade, Roosevelt manifestou nos dias de hoje: o de não passar fome e o de não ter medo da polícia secreta. Os enciclopedistas e políticos da França revolucionária teriam possivelmente admitido que não passar fome e não ter medo da polícia secreta constituíam direitos implícitos nos que nomearam na famosa declaração. Vemos hoje que eles devem se destacar dos outros, ser assegurados isoladamente, desde que os rotulos democráticos não são suficientes para garantir, não estando eles expressos, direitos como esses vitais à existência social do homem.

Os direitos das nações, por outro lado, tem sido repetidamente reconhecidos, nestes e naqueles termos, nestas e naquelas conferências internacionais. Qualquer compêndio para uso das escolas de direito referir os tratados de Versalhes, em seguida à Guerra dos Trinta Anos, o Congresso de Viena, depois de Napoleão, o Tratado de Versalhes, consequência da Grande Guerra, todos eles determinando não apenas alterações nos mapas como, igualmente, no direito internacional. Nenhum desses documentos, ou mesmo qualquer outro inspirado nas reco-

(Continua na 27.ª pag.)

Agora há gemidos em Roma

Especial para DIRETRIZES

EMIL FARHAT

OS ingleses já aprenderam agora a dar respostas duras, diretas e boas. Agora não ha mais aquele exoterismo meio-hípocrita meio-mozoquista, com que mister Chamberlain ia entregando o mundo e a Inglaterra para o cepo dos carneiros de Munich. Agora Churchill e Eden vão dando logo o troco imediato a quem quer que surja com manobras de "suavização" depois que a dor começou a doer no lombo dos eixistas.

Enquanto Londres era "coventrizada" e Coventry era arrasada, nenhuma voz beata ou piedosa se levantou dos seus arraiais de recolhimento e fingida indiferença, para protestar contra a guerra de terror aéreo. Foi o que Churchill e Eden responderam aos que, com fumaças de incenso, querem encobrir manobras de proteção ao nazi-fascismo senão agonizante, pelo menos irremediavelmente condenado.

Agora essas mesmas vozes se elevaram, frenéticas e gemebundas. Pois Roma foi bombardeada. Roma, que sacrilégio! Que heresia, que abominação!

Choremos com eles, irmãos. Choremos. Realmente é cem mil vezes lamentável que tenha sido necessário bombardear a vetusta e sagrada capital dos césares.

Choremos, porem, as crianças que tal-

vez tenham morrido. Choremos as mulheres inocentes talvez atingidas pelos escombros ou pela viuvez. Choremos o sangue e a vida dos não culpados que estão pagando involuntariamente. Mas não choremos as pedras e os tijolos, as colunas ou as paredes. Por Deus, não choremos essas coisas, que é uma blasfêmia só a elas chorar quando há vidas e corações para chorar.

Tristeza das tristezas, talvez eu ande errado e obrando contra Deus: mas se fosse necessário decidir entre matar um mendigo inocente e improdutivo, ou então destruir cinquenta relíquias, por mim o mendigo ficaria vivo. E' triste, irmãos: mas prefiro ver o sangue das pedras, o esqueleto das paredes em ruínas, a ver o sangue de um inocente, ou os ossos de um mutilado.

Roma bombardeada. Que teria atraído a Roma as bombas demolidoras dos aviadores norteamericanos? Que razão muito poderosa teria levado as Nações Unidas a correrem os riscos de um gesto de tão grande repercussão política? Só a cretinice e a estupidez poderiam admitir que se tivesse planejado arrazar a capital mundial do Catolicismo. O que as bombas americanas estão destruindo são as fábricas, os quartéis e todas as numerosíssimas instalações industriais-militares que a celebrizada

(Continua na 27.ª pag.)

O NOVO DIRETOR-GERENTE DO "O GLOBO"

Assumiu as funções de diretor gerente do "O Globo" o nosso confrade Hugo Barreto antigo e brilhante profissional. Hugo Barreto iniciou-se na profissão de jornalista no Rio Grande do Sul, onde ocupou posição destacada na imprensa local. Vindo para o Rio, trabalhou no "Diário Carioca" e, depois, no "O Globo", como redator político. Possui largo tirocinio e grande capacidade jornalística. Mas Hugo Barreto, desde alguns anos, é também tesoureiro do Instituto de Previdência e também da Associação Brasileira de Imprensa. Nas novas funções que está agora ocupando, não é portanto, um novato. Ele conhece como poucos, em todos os seus detalhes, o que é um jornal. E a sua presença na tesouraria de "O Globo" será uma garantia de maiores êxitos para o grande vespertino.

A CRISE DAS HABITAÇÕES E AS MANOBRAS DOS SENHORIOS

O MEDO das incalçáveis consequências da guerra dominava o primeiro ministro. E foi sob a influência desse sentimento que Mr. Chamberlain, sorrindo encabulado, com os seus dentes enormes, suas espessas orelhas e seu triste guarda-chuva, tomou o avião para Munique.

Alguns observadores duvidosos esforçaram-se para transformar a de agitada e agonia da capitulação nazi em graciosa pomba da paz. Mas dentro de pouco tempo os acontecimentos demonstraram que o vergonhoso episódio serviu apenas para adiar a guerra e fortificar materialmente o Eixo. Não adiantou a política de jogar carne às feras fascistas.

E aí está a guerra. E aí estão suas consequências, que não podem ser conhecidas senão através de uma política desligada de velhos preconceitos, baseada em propósitos francos e honestos, livre de segundas intenções inconfessáveis.

Um vasto cenário se para o Brasil dos principais teatros da guerra. Mas os seus reflexos já nos atingem de cheio. Mesmo antes de reconhecermos o estado de beligerância com a Alemanha e a Itália, os efeitos da guerra já se fazem sentir entre nós.

Hoje a população do Rio está diante de uma tremenda crise de habitações. A guerra, ao mesmo tempo que provocou a escassez de materiais de construção e a dificuldade de transportes desses materiais, determinou um grande aumento de população, com a entrada de muitas levas de refugiados no país. E os refugiados, além de numerosos, são de um tipo especial.

O governo tornou obrigatório um depósito em dinheiro no Banco do Brasil por parte dos refugiados que procurassem asilo no Brasil. Essa medida redundou numa seleção.

Entraram no país somente pessoas de certas posses. Médicos e pequenos capitalistas. Não entraram, porém trabalhadores — operários ou lavradores. Entraram pequenos comerciantes e pequenos industriais. Esses elementos, de alguma capacidade aquisitiva, quase não têm capacidade produtiva. Infiltraram-se nos grandes centros urbanos, principalmente no Rio e em São Paulo.

De sorte que a guerra, ao mesmo tempo que diminuiu, de certo modo, a febre de construções (principalmente de pequenas construções residenciais), fez com que aumentasse rapidamente o número de candidatos a casas e apartamentos.

Hoje, bairros como por exemplo Copacabana, mudaram de feição. Tornaram-se cosmopolitas. Mas o seu cosmopolitismo não é como por exemplo o do Braz, em S. Paulo, onde as correntes imigratórias despejavam periodicamente centenas de famílias de operários, que vinham para aqui não apenas encher as casas, mas também produzir na indústria e na lavoura. Esses imigrantes construíram também casas, como operários da construção civil e de outras

PROPRIETÁRIOS E INTERMEDIÁRIOS APARECEM COMO INFRATORES DAS LEIS DE INQUILINATO — POR CAUSA DA GANANCIA DE UNS POUCOS, O POVO JÁ NÃO TEM ONDE MORAR — A INFLAÇÃO E A ESPECULAÇÃO, CAUSAS PRINCIPAIS DO AFLITIVO PROBLEMA

Reportagem de J. L. Ferreira

Especial para DIRETRIZES

indústrias relacionadas e representavam incontestavelmente um fator de progresso e de bem estar.

Não nos cabe, aqui, pregar normas para o solução do problema dos refugiados de guerra. Abordamos, apenas, a questão da crise de habitações. Em face dessa crise, o critério de seleção dos refugiados de guerra que se adotou, positivamente não beneficiou os inquilinos cariocas.

de certos proprietários, o governo houve por bem elaborar os decretos-leis n. 4.598, de 20 de agosto de 1942 e número 5.169, de 4 de janeiro deste ano. A execução fiel desses dois decretos impediria a exploração dos aproveitadores e resguardaria a economia popular. Mas a lei começou a ser burlada com engenho e arte. E hoje há uma verdadeira jurisprudência firmada pelos fraudadores...

com a corda no pescoço, muitas vezes cooperam com os senhorios, ajudando-os a burlar a lei. Tornam-se cúmplices dos exploradores e ajudam em muitos casos os senhorios gananciosos nas manobras em que eles próprios são as vítimas diretas. E desde que as leis de inquilinato não são fiscalizadas pelos inquilinos, os maiores interessados no assunto, torna-se impossível a sua fiel execução.



Bairros inteiros de casas de apartamentos foram construídos no Rio. Mesmo assim, não há onde morar e os senhorios, prevalecendo-se das dificuldades, inventam maneiras de burlar as leis de inquilinato.

AS LEIS DE INQUILINATO

As casas e apartamentos são poucas para o número sempre crescente de moradores. Esta é a causa fundamental da crise. Tudo mais gira em torno desse fator material. E uma das primeiras manifestações da crise foi a pasmosa exploração dos senhorios. Visando por termo ao revoltante e criminoso procedimento

FORAM OS ALUGUEIS AUMENTADOS?

Foram os aluguéis aumentados depois de entrarem em vigor os decretos-leis? No papel, não. De fato, sim. Os aluguéis foram aumentados de fato porque subsistem as causas materiais da crise de habitações. E como não há casas para todos os pretendentes, os próprios inquilinos,

OS PORTEIROS MUDAM DE MENTALIDADE

Com o aumento do preço das casas e apartamentos, com a falta de residência e a enorme procura de casas e quartos, os porteiros começaram a mudar de mentalidade. Hoje são mais importantes que os contínuos de gabinetes ministeriais frequen-

tados por pretendentes a empregos.

Ouvimos diversos deles, em várias casas de apartamentos. Apressam-se em dizer que em seus domínios não há cômodos para alugar nem nenhuma perspectiva de vaga. Informam que é grande a lista de pretendentes.

— Nem é bom pensar nisso — informou-nos um deles, na Praia do Flamengo. Todos os apartamentos daqui estão alugados com contratos. E como o edifício é novo e os contratos são válidos no mínimo por seis meses, não temos nenhum para vagar.

— Quem sabe, falando com o proprietário...

— Não adianta. Os primeiros inquilinos entraram com alguns andares ainda em construção e já temos uma grande lista de candidatos a vagas. Só se o senhor descobrir alguém daqui que esteja disposto a passar o contrato, mas isso só se consegue com muito dinheiro. E isso mesmo é difícil. Quem tem onde morar, hoje, segura o que tem e não quer fazer negócios.

No centro da cidade, na Tijuca, e em Copacabana ouvimos ainda alguns desses funcionários.

Em Copacabana perguntamos a um deles:

— Qual o tipo de apartamentos mais procurado?

— Ah, meu amigo. Hoje todos os tipos são procurados e não se encontra nenhum.

OS ANÚNCIOS DE PAPELÃO

No centro da cidade, na Lapa, no Catete e noutros bairros ainda há quartos para alugar, anunciados pelo clássico papelão pendurado. O preço desses cômodos não subiu muito, estes últimos cinco anos. Mas esta não é solução para os casados, principalmente os que têm filhos. Mesmo porque nesses quartos dá-se preferência aos solteiros ou então a casais sem filhos que trabalhem fora. Uma verdadeira conspiração contra a instituição da família, proverbialmente a base da sociedade.

MOVEIS E CORTINAS

Nos anúncios de jornais, ultimamente, os preços das casas e apartamentos não aparentam acréscimo. Mas há sempre uma condição aos inquilinos: compra de móveis, compra de cortinas, concertos, pinturas, etc. Aí é que está a esperteza. Aí é que está a maneira de burlar a lei.

Eis um anúncio recentemente publicado:

"Trapassa-se apartamento em Copacabana, perto do Lido, com 2 quartos, 1 sala, etc., aluguel 700 cruzeiros mensais, a quem comprar um grupo estofado de sucupira, uma sala de jantar de sucupira, um dormitório de solteiro com colchão de mola, mesa e armário de cozinha, tudo com pouco uso, por 7.500 cruzeiros".

Note-se que os móveis estão anunciados por dez vezes o valor do aluguel mensal.

Lemos também o seguinte anúncio:

"Apartamento com sala e quarto conjugados, varanda, copa, etc., viagem urgente a

quem comprar por qualquer preço rádio eletrola e outros moveis”.

E' claro que muitos interessados aparecerão para ver o apartamento. E então os moveis vendidos a qualquer preço e por motivo de viagem, serão passados naturalmente a quem der mais.

UMA MOBILIA POR DOZE MIL CRUZEIROS

Foi anunciado um apartamento no Flamengo por 1.100 cruzeiros. Dada a localização e o número de cômodos, não seria excessivamente caro, em face dos preços atuais. Entretanto, segundo o anúncio “dá-se preferência” a quem comprar uma mobilia por doze mil cruzeiros...

Invariavelmente essas mobílias impostas como condição aos inquilinos são empurradas por preços escandalosamente altos.

Eis aí outro anúncio curioso:

“Traspassa-se bom apartamento no Flamengo, com uma sala, dois quartos, dependência para empregada, etc., por 630 cruzeiros mensais, a quem ficar com os moveis, no valor de 20 mil cruzeiros”.

E' verdade que um aluguel de 630 cruzeiros já é um pouco salgado. Mas, 20 mil cruzeiros de moveis usados é positivamente muito dinheiro para um apartamento de 630 cruzeiros. Neste caso está muito evidente a manobra astuta.

UMA CASA COM DOIS PREÇOS

O jornal anunciava uma casa, na rua Saturnino de Brito, na Gávea, por 700 cruzeiros. Fomos vê-la.

Como sempre acontece hoje em dia, era grande o número de pretendentes.

Havia uma “fila” de pretendentes no papel.

Atendeu-nos uma senhora muito distinta. Por uma coincidência muito comum nestes últimos meses, a senhora era forçada a ceder uma cortina, que não desejaria desmontar, pois não ficaria bem na casa para onde vai. Pura questão de estética...

Havia também alguns moveis dos quais pretendia desfazer-se. (Mais uma coincidência). Ainda assim, como a casa é muito boa e está, devido a lei do inquilinato, por um preço evidentemente baixo, a senhora propôs mais uma condição: o pagamento de mais 500 cruzeiros mensais, por fora do contrato, que rezeria 700 cruzeiros mensais.

Eis aí uma habilidosa maneira de conciliar as coisas. Pelo contrato, que estipulava em 700 cruzeiros o preço do aluguel, a casa seria alugada sem nenhum desrespeito à lei do inquilinato. Quanto aos moveis, às cortinas e aos 500 cruzeiros pagos por baixo do pano, tratava-se, evidentemente, duma justa compensação, dada a majoração atual do preço dos alugueis...

CONCERTOS E PINTURAS

São também frequentes as exigências de pintura e concertos por conta dos inquilinos. A Saude Pública não dá o “habite-se” para casas que não estejam limpas e com todas as instalações em perfeito funcionamento. Os senhorios, que são naturalmente os responsáveis pela conservação de seus imoveis, agora exigem que os concertos e pinturas sejam feitos pelos inquilinos.

Como é grande o número de pretendentes a casas que vagam, há sempre um inquilino em situação mais afiliva que se sujeita a fazer pinturas e concertos por conta própria. Esse processo, também muito comum, representa uma das formas de burlar a lei do inquilinato para a qual os senhorios sempre contam com a cumplicidade forçada dos inquilinos.

DONDE SAEM TANTOS MOVEIS?

Afinal, onde vão os senhorios ou intermediários buscar tantos moveis e cortinas para vender? Eis aí um aspecto curioso da crise de habitações.

Qualquer pessoa que se dê ao trabalho de percorrer as colunas dos anúncios verificará uma verdadeira febre de vendas de moveis e cortinas. Qual a razão desse aumento de oferta no mercado dos moveis usados e das cortinas desbotadas? A razão já vimos qual é: arfanjar um pretexto para burlar a lei do inquilinato. Mas resta uma questão: donde surgem tantos moveis e tantas cortinas?

Não será que já existe uma organização de vendedores de moveis e cortinas a preços proibitivos? E' possível que sim, mesmo porque o negócio, que é dos piores para quem compra, é o dos melhores pa-

oportunidade de declarar que a Prefeitura nada podria fazer, pois o caso não é da alçada da administração municipal.

Realmente, a legislação que trata do problema do inquilinato é federal. Em a sua forma não pode ser condenada. Apenas, os exploradores sempre encontram meios de burlar os dois decretos-leis que regulam o assunto.

OUTRAS COMPLICAÇÕES

Fizemos uma peregrinação pelos domínios dos senhorios. Esses senhores cultivam hábitos especiais. Muitos, não dizem o preço dos alugueis e pedem referências aos candidatos. De posse de uma lista de pretendentes com as respectivas fichas, escolhem a pessoa com quem poderão fazer melhor negócio.

Uma condição favoravel nessa corrida de candidatos a

uma oferta vantajosa, passando-os adiante. AS “REFORMAS SUBSTANCIAIS”

Tamer está muito em voga um outro recurso. O senhorio pede a casa ao inquilino alegando que vai residir nela. O inquilino, por lei, é obrigado a atendê-lo num determinado prazo. Desocupada a casa, o senhorio começa a fazer obras. Não é difícil obter provas de que essas obras tenham sido “de grande porte”. Feito isto, o aluguel pode ser aumentado, pois a lei permite o aumento do preço depois que o imóvel é submetido a reforma substancial.

OS TRANSPORTES URBANOS

Certamente, a falta de transportes urbanos influe no preço das casas. Essa influência, entretanto, é relativa. A

O ENSARDINHAMENTO E A FUGA PARA OS SUBURBIOS

O ensardinhamento e a fuga para os subúrbios são duas soluções que logo ocorrem às vítimas dos gananciosos senhorios e intermediários. Trata-se evidentemente, de paliativos muito precários.

O ensardinhamento chega a ser uma solução de desespero. Um cômodo superlotado não tem cubagem de ar suficiente. E a cubagem de ar prevista pelos higienistas não é luxo. E' coisa indispensavel à manutenção da saúde.

Há, porém, outros inconvenientes mais graves, que constituem as pragas dos “cortiços”.

Muitas doenças infecciosas são de diagnóstico difícil. A tuberculose, por exemplo, em certa fase de seu desenvolvimento, só pode ser constatada através de um exame de Raio X. De sorte que não se pode saber, pelas aparências, e nem mesmo por um exame clínico, se uma pessoa está ou não tuberculosa.

A lepra, em certas formas, pode permanecer oculta por muito tempo, principalmente, quando se trata de lepra nervosa ou de uma fase inicial da doença, quando ainda não se pode notar deformações. Só um especialista pode, também, constatar que uma pessoa é portadora de lepra.

Há ainda as pessoas que não são doentes e tem germes de doenças como o tifo, a desenteria e ou a difteria.

As doenças venereas podem ser transmitidas às crianças com a vida em promiscuidade. E é sabido que muitas pessoas, principalmente do sexo feminino, podem ser portadoras de certas molestias dessa espécie, ainda que o ignorem.

Constitue um sério perigo para a vida em habitações superlotadas a transmissão de parasitas. E num cômodo atravancado de moveis, mal varrido, mal encerado ou mal lavado, é comum a proliferação de parasitas.

As molestias de pele, também resultantes, quase sempre, da falta de boas condições sanitárias, são muito comuns em residências coletivas excessivamente cheias. A sarna, por exemplo, é muito difícil de ser combatida numa aglomeração de pessoas.

Quanto à fuga para os subúrbios, pode-se dizer que a solução não é boa. Representa um rebaixamento do nível de conforto para os que saem dos bairros mais próximos. Significa mais tempo gasto em viagens de ida e volta para o trabalho, impossibilidade de almoçar em casa, viagem mais desconfortavel, menos escolas nas proximidades, menos diversões. Tendo-se ainda em vista que nos subúrbios já há também, embora menos acentuada, uma crise de habitações, a mudança de muitos moradores dos bairros mais próximos para os mais afastados dentro em pouco transferirá os aspectos mais agudos do problema de uma zona para outra. Além disso, nos subúrbios constroem-se menos que no centro, pois a falta de material de construção atinge mais em cheio as firmas que trabalham em pequenas edificações.

PARA OS GRANDES MALES OS GRANDES REMEDIOS

Para o grande mal que é a crise de habitações, o grande remédio seria intensificar a construção de residências baratas, pondo a serviço dessa campanha os amplos recursos da técnica moderna. Esta solução torna-se difícil, no momento, porque há falta de materiais de construção, há falta de transportes desses materiais dos centros de produção para os centros de consumo e

(Continua na 12.ª pag.)

DIRETRIZES PUBLICARÁ NA SEMANA PROXIMA

O SEU GRANDE SUPLEMENTO INTERNACIONAL

contendo, entre muitas colaborações e reportagens da maior importância, o seguinte:

A VERDADEIRA SITUAÇÃO DA GUERRA
— num esplêndido artigo de J. Ferguson, o famoso comentarista da “Reuters”.

SERA' VON NEURATH O BADOGLIO DA ALEMANHA?
— Importante artigo de Lynn Heinzerling

FRANCO QUER SABER QUEM VAI GANHAR A GUERRA
— As vacilações do ditador espanhol através de um documentado estudo de Sigrid Arne

CARTA DE WASHINGTON
— correspondência especial dos EE. UU.
Nesse número: — o repto do vice-presidente Wallace.

E MAIS AS GRANDES REPORTAGENS:

ONDE O BRASIL ESTÁ EM GUERRA
— Samuel Wainer, enviado especial de DIRETRIZES ao Norte, numa sensacional reportagem sobre o esforço de guerra do Brasil

BALANÇO DA LUTA NO BRASIL CONTRA A QUINTA-COLUNA DURANTE O PRIMEIRO ANO DE GUERRA

ra quem vende. Além de constituir uma forma de impor o pagamento de luvas por parte dos inquilinos, a venda de moveis e cortinas a candidatos a casas e apartamentos representa um comércio completamente isento de impostos. Portanto, essa abusiva venda de moveis velhos, geladeiras paradas, rádios caducos e cortinas pre-históricas, além de constituir uma maneira de burlar os decretos leis n. 4.598 e n. 5.169, é um comércio clandestino, que não paga impostos e que faz desleal concorrência ao outro comércio.

O POVO PROCURA PROTEÇÃO

Acosados pelos que atentam contra a economia popular, os inquilinos buscam amparo junto aos poderes públicos.

Muitas queixas tem sido endereçadas, por exemplo, a Prefeitura. Tratando desse caso em entrevista à imprensa, o Sr. Osvaldo Romero, diretor do Departamento da Renda Imobiliária, já teve

inquilinos é a pronuncia estrangeira. Os senhorios sabem que os estrangeiros estão sempre em condições de atender às suas exigências, que visam burlar as leis. Mais facilmente, compram cortinas e moveis “por qualquer preço”. A distribuição de gas também dá margem a manobras. Assim, é muito frequente, quando se procura casas, encontrar cinco apartamentos servidos por um relógio. A quota é distribuida por cabeça, arbitrariamente. Esbarrando com tantas dificuldades, os candidatos deixam os seus nomes e aguardam uma resposta. Nesse intervalo, os que estão mais necessitados, naturalmente, procuram os senhorios ou intermediários e se submetem às mais absurdas exigências.

Os compradores e revendedores de apartamentos também contribuem para o encarecimento das moradias. Esses cidadãos compram apartamentos ainda em construção, certos de sua valorização e pouco depois concentram

crise de transportes atinge a todos os bairros. E a falta de casas e apartamentos também se estende a todos os bairros, se bem que o problema seja mais agudo na zona sul.

O ALUGUEL E OUTRAS DESPESAS

O aumento dos preços do aluguel não é o único acréscimo nos orçamentos domésticos. Também subiram de custo a roupa, o calçado, o transporte, a educação, as diversões, etc. O aumento geral do custo de vida transformou por completo a economia de muitos lares.

Calcula-se que o preço do aluguel deve ser no máximo um terço do orçamento de cada família. Outros acham que não se deve gastar mais de um quarto da despesa geral com os alugueis. De sorte que, embora o encarecimento da vida atinja a todas as parcelas do orçamento doméstico, a despesa mais sensível é sempre a do aluguel da casa.

LONDRES, — Julho, de 1943.

As pessoas que estavam perto do general De Gaulle quando ele derrubou uma mesa de chá numa grande e importante festa, afirmam que ouviram-no murmurar com desgosto: "Somente eu poderia ter feito isso."

Aqueles que o conhecem mais intimamente duvidam de que tenha realmente pronunciado tais palavras. E lembram que De Gaulle não possui uma natureza introspectiva. E afirmam ser muito pouco provável que um homem que, nas mesas políticas e militares do passado, derramou turbulentamente tanto leite, preocupasse seriamente por ter derramado agora um pouco de chá.

Em resumo, dizem que a frase citada não está de acordo com o caráter de De Gaulle, e desafiavam quem quer que se a apontar outras ocasiões, ao longo dos últimos 10 ou 15 anos, em que De Gaulle não tenha sido fiel a si mesmo.

Está mais do que provado que De Gaulle sempre foi, desde que atingiu a maturidade, exatamente como é hoje em dia — de uma constância inexorável, direto em suas intenções, indesejável, inflexão a contemporizações e nem sempre, diga-se, bem sucedido no que tentou.

De Gaulle é um homem muito forte e muito determinado. Tira sua força de suas convicções; e estas derivam igualmente do raciocínio e da "intuição". Segue inflexivelmente pelo caminho que se traçou, e de olhos bem abertos. Raramente preocupa-se com as consequências de seus atos. Não pensa nelas, muito simplesmente.

E, tão longe quanto podemos alongar a vida, De Gaulle sempre foi assim.

O mais vívido exemplo para provar-lo, embora haja muitos outros, ainda, consiste num fato passado há dez anos atrás. De Gaulle um jovem, mas não inteiramente obscuro oficial, havia de envolver o que era, na época, uma nova teoria de guerra: tanques, manejados por especialistas... grande velocidade e surpresa... ataque concentrado sobre um só ponto. Isso já não é novidade agora mas era em 1933. De Gaulle procurou difundir sua teoria por meio de um livro.

O livro atraiu imediatamente as atenções de Berlim. E logo o Quartel General Alemão prestou-lhe a homenagem de adotar todos os princípios que nele eram explanados.

O livro permaneceu obscuro na França até que De Gaulle declarou, publicamente, que seis divisões blindadas poderiam romper a Linha Maginot. Com tal declaração, De Gaulle pisou rudemente em calos sagrados — os calos de Philippe Pétain, Marechal de França.

Tudo prova à evidência que Pétain era o apóstolo da guerra defensiva. O ataque era por ele anatematizado. Se a Linha Maginot chegou a ser uma religião para os franceses, Pétain foi, sem dúvida, seu mais alto sacerdote.

Consequentemente, com sua crítica à guerra defensiva em geral, e à Linha Maginot em particular, De Gaulle arriscava-se a um completo e rápido suicídio profissional. Na hierarquia do velho exército francês, um jovem oficial, caso abrigasse algumas ambições, não deveria andar publicamente condenando a alta

A CURIOSA PERSONALIDADE DE CHARLES DE GAULLE

De RELMAN MORIN

A figura de Charles De Gaulle foi posta ultimamente em evidência, mais uma vez, a propósito de uma declaração de Churchill, a seu respeito. O artigo do jornalista americano Relman Morin, que oferecemos a nossos leitores, com exclusividade para todo o Brasil, é um excelente estudo, focalizando a personalidade do chefe militar francês. No estudo de Relman Morin, De Gaulle aparece com as suas qualidades de lutador determinado e com os seus pequenos defeitos: temperamento glacial, modos

um tanto ríspidos e por vezes mal humorados. Há quem atribua a esta rispidez certa reserva que se nota, às vezes, em torno do chefe dos franceses combatentes. Este artigo de Morin foi escrito antes das últimas interpelações surgidas na Câmara dos Comuns. E' portanto um depoimento insuspeito, elaborado num momento em que a personalidade do líder da resistência gaulesa não era objeto de debate. E isto ressalta o seu interesse.

Exclusivo para DIRETRIZES

estratégia e muito menos a pessoa sacrosanta de seu principal defensor, o venerável Marechal.

Os franceses que conheceram De Gaulle à época, afirmam que ele se lançou à questão sabendo perfeitamente o que poderia acontecer, plenamente consciente das consequências prováveis que suas palavras teriam. "Mas acre-

bastante maduras para as democracias.

Veiu então a segunda guerra mundial — e encontrou De Gaulle imutável, e mais do que sempre fiel às suas convicções.

Primeiro, foi a "drôle de guerre", com os franceses e os alemães repousando por detrás de suas linhas, nada fazendo. De Gaulle fora para

que substituir Gamelin, preocupava-se mais com uma possível revolução comunista em Paris do que com os alemães. Reynaud, o primeiro ministro, estava hesitante, sem saber ao certo o que fazer.

De todos eles, De Gaulle foi o único que desejou continuar com a luta. — Aonde — perguntaram-lhe. Na Bretanha,



Charles De Gaulle, o bravo chefe dos franceses combatentes, condecorando alguns companheiros de armas que nunca deixaram de lutar pela honra e pela liberdade da França

ditava no que acreditava, e para ele nada mais tinha importância além disso".

Ai está De Gaulle.

Se nada mais conseguiu o primeiro livro (dois outros se seguiram a ele, a despeito da tempestade), atraiu sobre De Gaulle um pouco de atenção, em seu país. Começaram a surgir perguntas a seu respeito. Quem era Charles De Gaulle?

A biografia era rápida... Nascido em Lille, a 22 de novembro de 1890, filho de um professor de uma universidade católica. Graduado em St. Cyr, a academia militar de elite. Foi para o "front" em 1914 sob o comando do coronel Philippe Pétain, que o citou nos termos mais elogiosos. Ferido três vezes, aprisionado em Verdun. Cinco tentativas infrutíferas de fuga. Serviu na Polónia com Weygand. Professor de História Militar em St. Cyr.

Não há nada de grande importância em tudo isso. Poucos anos depois, as lições da guerra civil espanhola já estavam amadurecidas. Mas não

a frente como coronel. Gamelin era o comandante em chefe.

De Gaulle estava convencido de que os alemães atacariam quando o momento apropriado chegasse. E mais uma vez, com audácia inacreditável, colocou sua cabeça sob o cutelo do Alto Comando.

Teve a temeridade de enviar a Gamelin um "memorandum" em que afirmava que o ataque alemão era iminente, e aconselhando uma ofensiva sem mais delongas.

O ataque veio, os alemães romperam, e, ironicamente, seis divisões destroçaram todo o exército francês e isolaram os ingleses em Dunquerque. O governo fugiu para Bordéus. Chamado por Reynaud, que o observava desde as primeiras controvérsias, De Gaulle foi também para Bordéus, como membro do Ministério da Guerra.

Desempenhou lá um papel diferente, mas sempre de acordo consigo mesmo.

Pétain, mergulhado num êxtase de martírio, era pela rendição total. Weygand,

respondeu. Temos as costas para o mar, e o mar está aberto.

E, supondo-se que não pudessem conservar nem mesmo aquele cantinho de território francês?

— África do Norte, então. O exército do Oriente está intacto. A esquadra está intacta. O que importa é conservar a França na guerra.

Não podiam concordar. Por iniciativa própria, De Gaulle voou para a Inglaterra. Atravessou o Canal três vezes numa semana, antes da capitulação final. Poderia ser fuzilado por traição, e ele bem o sabia. Mas parece que isso não lhe importava muito.

E agora, a fase atual, o período de debates políticos é esforços, nem sempre, ainda, bem compreendidos e bem sucedidos, período em que De Gaulle aparece, às vezes, fora de seu habitual modo de ser. As mesmas qualidades que fizeram dele uma figura de herói, fazem com que seja um mau político. Não admite contemporizações, e está longe de ser um homem maleável.

Sua posição em Londres é a seguinte:

Os ingleses não esqueceram, nem podem esquecer, que ele foi à Inglaterra para continuar a guerra, pessoalmente, depois que seu país abandonou o campo de luta. Não se trata de um Darlan. Sem hesitar, escolheu no cavalo inglês e apostou nele tudo o que possuía, num momento em que a corrida parecia perdida.

Não reconheceram seu Conselho Nacional como um governo formal. Nem ele pediu nunca que o reconhecessem.

Os próprios franceses acham-se mais divididos em sua atitude para com De Gaulle do que ninguém mais. De nenhum modo aderiram todos, em massa, à sua organização. Pelo contrário, muitos deles criticaram abertamente, a ele e ao seu movimento. Suas razões são um tanto difíceis de aceitar; muito simplesmente temem que De Gaulle deseje tornar-se Ditador da França.

Desde a Terceira República os generais franceses tornaram-se um tanto suspeitos nesse ponto. E De Gaulle, segundo seus críticos, é o "beau idéal" de um ditador.

Afirmam que ele dirige seu Conselho Nacional com mão de ferro, dando ordens, nunca aceitando sugestões. Descrevem De Gaulle, e correntemente, como um homem forte. Apontam seus gestos do passado como evidências de fanatismo do gênero Hitler.

Até seus gesto lembram-lhes sua semelhança com Hitler. Um, é bem verdadeiro, não deixa de apresentar certa semelhança. As vezes, durante seus discursos, De Gaulle detém-se, com os punhos nos quadris e os cotovelos projetados para a frente. Seus amigos procuraram, com muito tato, fazer com que abandonasse o "tic", mas ele pensou que estivessem apenas brincando.

No setor político, muito singularmente, De Gaulle parece ser tudo para todos os seus inimigos. Em contraste com aqueles que o chamam de fascista, outros, numerosos, tratam-no de comunista. Lembram que a Rússia o reconheceu, que deputados socialistas e comunistas são membros de seu Conselho, e que as uniões operárias francesas enviaram-lhe delegados especiais.

Não se sabe em que medida ele atualmente. Mas sabe-se que é, claramente, um ardente nacionalista — encardando a França como o líder cultural do mundo. Mas nenhuma conclusão de qualquer outra natureza surgiu de nada do que tem dito e escrito.

Pessoalmente, não se parece com Dale Carnegie. A distância, apresenta uma figura bastante impressionante, pois é alto, vigoroso, simpático e de perfil severo.

Mas de perto, parece frio, incisivo, mau humorado. Nunca foi visto beijando crianças ou batendo amigavelmente nas costas de alguém. Não parece ter amigo íntimos, e todos que o veem tem a impressão de que ele não tem necessidade de amigos íntimos. Seu traço essencial é a idéia de distância glacial que infunde em quem o vê.

Isso, naturalmente, não corrobora a opinião dos que suspeitam de suas ambições políticas.

Apesar de tudo isso, De Gaulle é imensamente popular. Recebeu uma genuína ovação recentemente, enquanto esperava o automóvel na calçada da Catedral de Westminster. Vai a pé para o ho-

(Continua na 9.ª pág.)

GUIDADO COM AS IMITAÇÕES:

COLCHÃO VENTILADO DE MOLAS MARCA REGISTRADA Só HOLLYWOOD

OUVIDOR, 59 TEL. 43-7136

DURANTE A REVOLUÇÃO PAULISTA DE 32

Os estudantes bateram-se com o mesmo idealismo de um e outro lado, e muitos foram às trincheiras como voluntários. Data deste ano uma série de campanhas nem sempre justificáveis. Ademais, a luta partidária desviava as atividades acadêmicas, impedindo que o movimento de unificação prosseguisse. Os estudantes fizeram uma acerba campanha contra o aumento das taxas escolares; e, após cessar a Revolução constitucionalista, desenvolveram um movimento pró média, que positivamente foi o predomínio do espírito de vadição prevalente até há alguns anos. Obtiveram os estudantes do governo a conhecida e felizmente revogada Lei 9A.

Mal surgiram os primeiros indícios de um movimento fascista no Brasil, a mocidade acadêmica esclarecida, protelando a realização de todas as suas aspirações, não teve mais outra preocupação que obstar-lhe os passos, presentindo o grande risco que corria o futuro do país. Desde então, sempre e cada vez mais fortemente, vê-la-emos empenhada na luta que se intensificava ao passo que se desenvolvia o monstro reacionário.

A luta contra o fascismo prosseguia e, ao surgir o integralismo, anunciaram-se embates consideráveis. Embravecia sobretudo os mocos acadêmicos verificarem que a demagogia nacionalista do sigma arrastava colegas bem intencionados que se gastavam na defesa de um movimento de traição nacional. Muitos desiludiam-se logo e desligavam-se do integralismo. Outros se fanatizavam com o contágio místico e se tornavam exaltados plinianos.

O 2º CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDANTES

obteve o patrocínio do presidente da República e subvenção do Ministério da Educação. Presidindo a reunião dos estudantes vindos de todos os Estados, o ministro Gustavo Capanema salientou, em seu discurso de encerramento, o progresso que havia feito, no sentido da compreensão e da cooperação, o movimento universitário, e solidarizou-se com a assembléia.

Nesse Congresso teve origem a atual União Nacional dos Estudantes, cujas normas

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Publicamos nesta página a segunda parte do magnífico documentário de Edgard Snow, conhecido jornalista norte-americano, sobre as atrocidades que os alemães veem praticando no território russo ocupado. Melhor do que quaisquer palavras a respeito, falam mais alto os fatos citados por Snow, e através dos quais se pode pesar e medir a barbarie e sadismo nazistas na sua fria realidade. A história, no desenrolar dos seus acontecimentos, nunca nos havia dado, nem mesmo nos tempos obscurantistas da Inquisição, amostras tão frias e tão terríveis de crueldade e furor criminoso.



O sr. Getúlio Vargas, patrono do 2º Congresso Nacional de Estudantes, reunido no Rio em dezembro de 1938, entre os representantes do IV Conselho Nacional de Estudantes (julho de 1940) que foram visitar a. exca.

políticas foram admiravelmente expostas pelo acadêmico Wagner Cavalcanti, em nome da Comissão organizadora, num discurso que ainda hoje lemos com emoção. A que se havia fundado a 11 de agosto de 1937, e que não chegara a reunir a maior parte dos estudantes dos Estados, que reivindicavam um sistema de representação equitativo, reorganizou-se por proposta nossa, apoiados pelos representantes do Centro Acadêmico XI de Agosto de São Paulo e, enfim, pela quase totalidade dos delegados acadêmicos.

O RECONHECIMENTO OFICIAL DA U. N. E.

foi levado à consideração do presidente da República pelo ministro Gustavo Capanema, em fevereiro de 1942. De sua exposição de motivos são as seguintes palavras: "A classe acadêmica de nosso país tem

realizado um esforço digno de atenção e apreço no sentido de se organizar para fins de significação universitária. A União Nacional dos Estudantes criada pelos estudantes universitários, há quase um lustro, tem sido orientada no sentido de dar à vida acadêmica mais ligação, unidade e entendimento." A 11 do mesmo mês, o presidente Getúlio Vargas assinou decreto reconhecendo a "União Nacional dos Estudantes como entidade coordenadora e representativa dos corpos discentes dos estabelecimentos de ensino superior de todo o país". Para a consecução deste fim tão desejado e que poderia ser considerado como uma prova do apreço que mereceu do primeiro magistrado da nação o esforço dos estudantes, contribuiu preponderantemente a atividade incessante do acadêmico Paes Leme, então presidente da U. N. E. num desdobrar de energias e resolução.

O CONGRESSO DE GUERRA DA U. N. E.

realizou-se com pleno êxito e é a sua sexta assembléia nacional. A reunião anual dos congressos desde 1938 demonstra o quase perfeito funcionamento de um sistema de representação de uma classe eximamente movel, como é a classe acadêmica, postos de parte o tumulto das discussões e o entusiasmo dos jovens estudantes.

II

São estes os principais episódios do histórico e vitorioso movimento da mocidade acadêmica. A U. N. E., seu antigo e máximo objetivo, não se formou, contudo, sem luta nem oposição. E, ao falar em oposição, salientemos o apoio animador e contínuo, jamais enfraquecido, que lhe deu a nossa imprensa, no Rio e nos Estados, mesmo quando a U. N. E. não passava de uma aspiração. A luta pela U. N. E. foi longa e demorada. Todavia, as dificuldades nunca superaram o ideal, sobretudo generoso e patriótico dos que batalhavam por ela. Seria justo, neste momento, em que ela é

estudantis dos países que visitou na Europa e comprometendo-se moralmente perante os congressos de que participou a promover, de regresso, a criação de um órgão que expressasse a representação nacional dos estudantes brasileiros, dedicou-se à realização do 2º Congresso Nacional de Estudantes, cujo plano foi em grande parte de sua autoria. Sua volta ao Brasil coincidiu com a intensa campanha em prol da unificação dos estudantes então desenvolvida; aos esforços dos esforços se juntou a sua útil colaboração e o congresso se realizou com o escopo final de se fundar a U. N. E.

Tarefa ingente foi também tornar compreensível à grande massa dos estudantes espalhada na grandeza de nosso território, indiferente em sua maioria e falha de espírito universitário, as grandes vantagens de uma organização nacional. E, na verdade, somente quando elas começaram a se evidenciar, os estudantes de fato compreenderam a U. N. E.

Esta foi

A GRANDE FUNÇÃO DOS CONGRESSOS NACIONAIS

Neles, os estudantes vindos de toda a parte do país discutiam exaustivamente, expunham os seus anseios otimistas e seus desabaços céticos, os seus sentimentos e opiniões com inteira liberdade; por isso quasi sempre as resoluções foram unânimes. As discussões liquidavam toda incompreensão.

O PROGRAMA DA U. N. E. É UNIVERSITÁRIO

O Congresso de 1938 elaborou um plano de sugestões para a reforma do ensino, e este plano constitui o seu programa educacional. Sua principal finalidade é a aproximação universitária. E esta a U. N. E. realiza com êxito nos conselhos nacionais que reúne todos os anos e no intercâmbio continuado que as suas diretorias e secretarias mantêm com os estudantes do Brasil inteiro por meio dos centros acadêmicos filiados. Seu programa de reivindicações universitárias é constituído anualmente pelas reivindicações dos estudantes de cada faculdade, submetidas ao conselho nacional e, se justas, por ele aprovadas.

A U. N. E. NA BANTERA DA LUTA CONTRA O EIXO

contra os nossos inimigos internos e externos, é um fato que decorre do alto grau de civismo e de cultura política desta mocidade que desempenha o papel de esclarecedora do povo, como disse o Presidente Getúlio Vargas, estimulando-a. E a quem o Presidente Roosevelt, recebendo sua mensagem de simpatia não hesitou em responder-lhe como a uma força considerável e conciente do seu papel afirmando em carta dirigida ao Presidente da U. N. E.: "Todos nós temos um posto vital na luta para preservar a sacra herança da liberdade que é indispensável ao homem em seu anseio de cultura".

Repitamos ainda que a luta contra o fascismo no Brasil, seus disfarces e agentes, não surgiu entre os estudantes com a fundação da U. N. E., porém desde que os emissários de Hitler começaram a agir entre nós. E a oposição dos estudantes lhes foi mortal.

CONTRA O INTEGRALISMO

de São Paulo partira a luta e, em seguida, os estudantes cariocas seguiram a mesma trilha, e a estes os do Brasil inteiro. Em julho de 1936 uma proclamação dos universitários dizia: "Oporemos todas as nossas forças ao integralismo. Contra esse falso nacionalismo arrogmentaremos os elementos mais combativos da (Conclue na 10.ª pag.)"

AGORA DIARIAMENTE
OS ÚLTIMOS COMENTÁRIOS
 irradiados diretamente dos
ESTADOS UNIDOS

EM PORTUGUÊS das 21 às 21¹⁵ hs.

MAYRINK-VEIGA (PRD. 2. 1.220 Kcs)
TUPI (PRD. 3. 1.280 Kcs)
CRUZEIRO DO SUL (PRD. 2. 1.060 Kcs)

A ESPANHA ESTARA' COM QUEM VENCER

ALGUNS comentaristas aliados já observaram que a nova atitude política da Espanha, de estrita neutralidade, que constitui, agora, sua diretriz oficial, chega demasiado tarde. A resposta da Espanha a tal crítica e o tradicional retrato "mas vale tarde do que nunca..." O ditado oferece uma peculiar e autêntica significação no que diz respeito a Espanha.

Entretanto muitos críticos e advinhos políticos procuram atenciosamente esquecer seus previsões e rotundos vaticínios: "Espanha logo se unirá ao Eixo". "Espanha para suas bases militares, navais e aéreas à disposição do Eixo". "Havia, na verdade, muitas razões para prever que a Espanha entraria na guerra ao lado do bando dos países do Eixo; pelo menos durante os três primeiros anos do conflito armado".

Uma de tais razões era a de que a Alemanha e a Itália ajudaram o ditador Franco a conseguir a vitória, na guerra civil espanhola que terminou na primavera do ano de 1939. Por outra parte, o regime estabelecido por Franco era de caráter totalitário e o seu partido político — a Falange — tem grande analogia com os partidos políticos nazi e fascista.

Outra razão era a de que desde o verão de 1940, após a derrota da França, até o outono de 1941, quando as forças norte-americanas ocuparam o Norte da África, uma simples cadeia montanhosa separava a Espanha, débil e exausta, do mais forte e poderoso exército do Continente.

— Que queria você que fizéssemos em tais condições? — Terão perguntado, naqueles dias, os nacionalistas interrogados pelos críticos. — Iriamos provocar Hitler? Se tivéssemos feito isto, não teríamos durado nem o tempo necessário para ouvir as aclamações e felicitações dos países aliados. Não nos agrada a ideia do suicídio nacional.

É um fato irrefutável que a grande maioria dos espanhóis, independentemente de suas opiniões políticas sobre o regime interno do país, mostram-se satisfeitos de que a Espanha não tenha participado da conflagração. Se fossem realizadas, de surpresa, eleições gerais — o que não parece, certamente, provável — e Franco apresentasse sua candidatura, o lema mais apropriado e vantajoso para sua apresentação seria este: "Ele manteve a Espanha neutra". É verdade que seus inimigos poderiam replicar, sem faltar com a verdade: "Mas foi ele quem começou a guerra civil..."; porém este fato não contradiz aquele de que os espanhóis estão satisfeitos de que o Governo totalitário de Franco não se tenha unido ao Eixo durante os três primeiros anos de guerra.

Hoje em dia, ao mesmo tempo que a atitude do Governo, quanto aos problemas internacionais, é de autêntica neutralidade, pelo menos aparentemente, o país atravessa um período de profunda transformação em relação à sua atitude de não-beligerância que beneficiava o Eixo. Somente em poucos redutos continua predominando a antiga atitude política em favor da Alemanha. Entretanto, o Ministério de Assuntos Estrangeiros, dirigido pelo astuto e veterano diplomata e general, o conde de Jordana, continua seguindo a mesma atitude de neutralidade, e isto já há alguns meses. O conde de Jordana iniciou tal trajetória ao tomar conta do Ministério, no mês de setembro de 1942, um mês e meio antes que as forças expedicionárias norte-americanas ocupassem as posições estratégicas de Marrocos, vizinhas à zona de retaguarda da Espanha. A imrensa do país, sob o controle da Falange Espanhola tradicionalista, mudou muito recentemente sua atitude, mas tal mudança foi notória, pelo menos para quem durante vários anos, vinha lendo seus artigos editoriais anti-britânicos e anti-norte-americanos, ou para quem procurava inutilmente encontrar nos periódicos notícias de procedência aliada.

A mudança afetou também o comércio internacional: os representantes do Eixo já não obtêm tudo quanto desejam do país e o comércio internacional está orientado agora por um sistema de igualdade e de completa neutralidade.

É quase seguro que a Espanha continuará firme na sua atitude de neutralidade durante mais algum tempo; não podem sem dúvida desconfiarem-se as possibilidades de uma mudança repentina

Neste artigo, da autoria de C.S.F., um dos mais autorizados comentaristas políticos europeus, é estudada a política oportunista de Franco, que prepara a Espanha para aderir a quem vencer, depois de ter iniciado este conflito, com a guerra civil que derrubou o governo republicano graças ao ostensivo apoio de Hitler, Mussolini e de todos os inimigos da democracia. Torna-se ainda mais oportuno este trabalho no momento em que, na Itália, Badoglio procura contemporizar ante o desmoronamento das armas germano-italianas, procurando retardar a derrota e resguardar os interesses do totalitarismo. O artigo de C.S.F. posque ainda a vantagem de ser um trabalho sereno e desapassionado.

e imprevisão no regime. Segundo a frase de um conspícuo personagem oficial, a "neutralidade" significa chegar-se o mais perto possível do verdadeiro significado de tal palavra, isto é: nem aliado-filho nem partidário do Eixo.

Tal atitude não resultará agradável a nenhum dos grupos em guerra, pois cada um deles desejaria que a Espanha se decidisse plenamente pela causa. Em particular, a posição a respeito da Alemanha se tornará difícil, já que até agora o Governo espanhol tem sido abertamente simpático aos nazis.

Eis aqui as razões que os nacionalistas espanhóis opõem aos beligerantes como resposta aos seus convites para que se juntem ao seu respectivo grupo:

OS ALEMAES — Vocês já esqueceram a ajuda prestada por Hitler ao general Franco? Sem tal ajuda, vocês teriam perdido a guerra. Os Estados Unidos e a Inglaterra, então, não os ajudaram. Ambos têm pouca simpatia pela Espanha.

OS NACIONALISTAS ESPANHÓIS — Não; nós, nacionalistas, não esquecemos a ajuda material prestada pela Alemanha à Espanha, porém sabemos que ela já foi suficientemente paga. O armamento e material bélicos vendidos à Espanha foram pagos por um preço sumamente conveniente para a Alemanha. É verdade que, em alguns casos, o governo alemão nos concedeu o benefício de



FRANCO

longo prazo. A dívida denominada "Condor", do governo espanhol, foi valorizada pela Alemanha em 230.000.000 de marcos. Também foi abonada em excesso, em vista do que vocês nos devem agora pelos artigos que lhes

temos enviado durante esta guerra; agora vocês nos devem 500.000.000 de marcos e ainda pedem ampliação de débito.

OS ITALIANOS — E a dívida da ajuda material de guerra que lhes facilitamos? Ainda nos devem vocês 5.000.000.000 de liras.

OS NACIONALISTAS ESPANHÓIS — Como? Se vocês mesmo manifestaram que não queriam o pagamento para não ter imobilizado esse capital em liras, o que não era recomendável nas atuais circunstâncias...

OS ITALIANOS — Está bem... Esqueçamos o exemplo das liras; mas, e a dívida que vocês têm para conosco pelo sangue vertido pelos voluntários italianos em seu país? Milhares deles morreram heroicamente no solo espanhol...

L. N. E. — É certo. Agradecemos tais sacrifícios e a ajuda à nossa causa, porém sabemos que isso se deveu. Vocês, os italianos, enviaram os voluntários porque Mussolini não queria que neste outro lado do Mediterrâneo existisse um governo espanhol Republicano, e não por amor à Espanha. Vocês, os alemães, enviaram soldados bisninhos que ainda estavam sendo adestrados para os postos de oficiais da arma da Aviação, de Artilharia e de Engenheiros. Enviaram aviões novos, canhões modernos, armamento novíssimo que pretendiam experimentar na atmosfera real da guerra. Nossa guerra civil lhes deu uma excelente oportunidade

para um ensaio; seus canhões, seus "Messerschmits", seus equipamentos técnicos, foram treinados e melhorados em vista da prática que a guerra civil facilitou, antes que tivesse início a guerra mundial. Graças aos objetivos espanhóis e as lições aprendidas em nossa guerra. As perdas que vocês sofreram foram as perdas lógicas num treino realista de tal valor. Esquecendo, porém, tudo isso e supondo que tenhamos, na verdade, contraído uma dívida de sangue com vocês, podemos citar o exemplo da "Legião Azul", composta de soldados nossos e que esteve na frente russa desde o começo da guerra com o povo soviético; milhares de espanhóis foram mortos combatendo com uniforme alemão e numa frente alemã. Nossa dívida de sangue já foi saldada.

OS ALEMAES — Sim, Mas, e os sistemas políticos? O governo de vocês é um governo totalitário como o nosso. É um governo fascista.

L. N. E. — Sem dúvida. Nosso regime político é totalitário. Temos um governo de partido, porém se vocês querem saber, na exata, o que é a organização interna do regime, leiam o que o conde Jordana expressou no mês de dezembro findo sobre a Espanha e Portugal. "Nosso sistema político — disse ele — está inspirado num profundo sentimento católico, que o diferencia dos restantes regimens". Isto significa que é possível que a Falange tenha copiado o Fascismo em grande escala, mas a Espanha Nacionalista continua sendo profundamente católica e tradicional.

OS ALEMAES — Sim, mas continua sendo um sistema político anti-comunista. Vocês não compreendem que seu país desapareceria se as Nações Unidas ganhassem a guerra; a Espanha seria devorada pelo comunismo e seus dirigentes seriam todos executados.

L. N. E. — Já pensamos nisso. O perigo do comunismo é o que mais nos tem preocupado nesta guerra. Sabemos, porém também que se nos unimos a um ou a outro grupo beligerante, nosso país será invadido e nem nosso governo nem nosso povo poderiam suportar outra guerra. Somos uma raça nobremente orgulhosa; cremos — os nacionalistas — haver lutado à nossa guerra e nela vencido. Não acreditamos que tal guerra haja sido lutada em vão nem que seja necessário repeti-la em nosso próprio solo. Já resolvemos o nosso problema. Se nos unimos a vocês na luta contra o comunismo e vocês perdem a guerra, a Espanha se tornaria um campo propício para a experiência comunista. Além disso, porém, não estamos absolutamente seguros de que o dilema desta guerra seja o Fascismo ou Comunismo como nos querem fazer crer. As Nações Unidas afirmam que o regime político interno do país é assunto de nossa peculiar incumbência, e não acreditamos que nele intervenham depois da guerra, mesmo que tal enunciado, agora, não seja absolutamente sincero.

OS NORTE-AMERICANOS — Esse é o ponto... Assim é que se fala... Porque, pois, não entram vocês na guerra ao nosso lado? Depois de tudo, estamos lhes fornecendo gasolina, petróleo, e outros artigos de que necessitam.

L. N. E. — Vocês disseram "dando"? Naturalmente querem dizer "vendendo". Bem sabemos tanto vocês quanto nós, que se a Espanha obtém petróleo dos Estados Unidos ou da Venezuela não é por amor de vocês ao nosso país. Vocês nos proporcionam gasolina e nos mandam através dos oceanos nos seus próprios navios, se, em troca, nos lhes fornecemos os artigos de que necessitam e que devem ter fora do raio de ação do eixo, como o tungstênio, o couro, ferro, etc.

OS INGLESES — É verdade; porém o trigo argentino, o café brasileiro, a gasolina norte-americana e todos os produtos que vocês recebem não lhes chegaram se a frota das Nações aliadas não tivesse autorizado seu trânsito.

L. N. E. — Certo. Porém, e os submarinos alemães? Nossos barcos não poderiam importar o "bacon" inglês se os submarinos alemães não lhes permitissem navegar livremente. Na realidade, os alemães já puzeram a pique alguns dos nossos navios, como para nos recordarem tal circunstância. Também necessitamos dos alemães para nosso comércio marítimo.

(Continua na 27.ª pag.)

Aconteceu Nesta Semana

OS últimos telegramas já não deixam dúvidas: até o sr. Ataúlfo de Paiva, tão cauteloso e comedido em suas afirmações, será capaz de jurar que Kharkov não chegara até o fim da semana. Ontem um cidadão muito esclarecido esteve explicando como é a situação. Um dia, os alemães desconfiaram que os russos estavam preparando um assalto bastante legal contra Orel e adjacências. Ora, se tal assalto se desse e se revestisse de sucesso, estaria desmantelada toda a linha do fuhrer. O jeito era impedir o assalto. Impedir como? Os generais, incapazes de uma imaginação, folhearam os seus livros didáticos e aprenderam que somente um contra-assalto evitaria o assalto. Então fizeram aquela ofensiva que eles diziam que não era ofensiva, os amigos devem estar lembrados. Ao soar o primeiro tiro de canhão, reinava a maior alacridade entre os alemães. Até que enfim eles iriam enganar os danados dos russos, oh! tão ladinos! Mas do segundo tiro em diante reconheceu a tragédia. Por uma original coincidência, os russos esperavam o ataque alemão. E um exército prevenido vale por dois, explicam os estrategistas. Veio o primeiro ato, veio o segundo, o terceiro e o apoteose. Uma apoteose wagneriana, como o fuhrer gosta: os russos aguentaram os alemães, mataram alguns milhares deles, depois foram empurrando os mesmos, e retomando as cidades que iam encontrando pela frente, o que é unir o útil ao agradável. Uma das cidades era precisamente Orel, também conhecida na Unter der Linden pelo nome de "ouríço". Os alemães, entre dois chopos ersatz, garantiam que Orel jamais cairia, pois tal proeza estava fora de todas as possibilidades militares. Mas há mais possibilidades no mundo, oh, Hitler! do que sonhar a tua vã presunção. Depois de Orel, foi a vez de Bielgorod. Para não falar nas centenas de vilas, povoações, fazendas, granjas de terríveis nomes e, agora, de lembrança ainda mais terrível para os nazis.

Há ainda um detalhe: é que, à proporção que os soviéticos iam reconquistando o terreno ocupado pelos nazis, descobriam sujeiras e mais sujeiras dos alemães. Coisas medonhas. Somente em Orel, os homens de Hitler mataram, com gases letais ou simplesmente a tiros, 15 mil judeus. Mataram também crianças, velhas e moças. Em Bielgorod, a mesma coisa; apenas as vítimas foram em menor número porque a população da cidade é menor do que a de Orel, e os alemães levam muito em conta as coisas da estatística.

Agora as colunas russas estão marchando

em direção Kharkov. Vamos atrás delas e presenciemos grandes coisas. Grandes e belas.

QUANTO à Sicília, depois da tomada de Catania, cuja queda foi prevista por nós e pelos demais comentaristas internacionais do mundo, os aliados estão avançando em direção a Messina. Messina é a única coisa mais ou menos que resta aos nazi-fascistas na ilha. Depois de Messina, eles têm que pular para o território italiano propriamente dito, onde começará uma nova história. Aliás, como diz o Grande Otelo, já estão pulando. Pulos inúteis, de resto, pois que os aviões aliados não dão uma folga aos fugitivos. Dia e noite, alemães e italianos são metralhados e falecidos no estreito que separa a ilha do continente. A hora vespertina em que traçamos este ensaio, os ingleses e norte-americanos estão a nove milhas de Riposto. Riposto, explica o telegrama, fica a meio caminho entre Catania e Taormina. Agora, diz um colega que está lá na frente, a questão é de saber quem corre mais. Ressuscitaram os esplendurosos tempos da maratona, e alemães e italianos, numa solidariedade comvente, se confundem numa única disparada. Não poderemos terminar esta revista às tropas sem falar nos destruidores bombardeiros de Turim, Milão e Gênova. A coisa aconteceu há quatro ou cinco dias atrás, quando uma robusta lua argêntea brilhava sobre os Alpes. A luz e o vácuo, já ensinava Julieta, creio que do conhecido balcão. A opaca lua que mostrava Londres aos nazistas, na idade média desta guerra, é a mesma que agora ilumina Milão e Gênova para que os aliados não desperdicem suas pontarias. É a mesma, apenas mais limpa.

NO que diz respeito às nossas questões locais, há a chegada de N. S. de Copacabana, que estava na Bolívia e que foi trazida de lá para cá, como um meigo presente do país amigo, por um grupo de distintas e elegantes senhoras bolivianas. Há um artigo do sr. Barreto Leite Filho informando que o desembarque na Sicília foi efetuado, ao mesmo tempo, em 24 lugares diferentes. Outro artigo, da senhora Raquel de Queiroz, que acha que tudo é fuletagem. Há também, entre muitas outras, uma crônica de Genolino Amadio onde vem esta sabedoria que muitos desejariam consentir: e fe nunca morreu no coração do povo.

EXPEDIENTE

FUNDADA EM MARÇO, 1938

EXPEDIENTE

Propriedade da
EMPRESA EDITORA
"DIRETRIZES" LTDA.

Rua 1.ª de Março 7-8º and.
(Beço dos Barbeiros, 6)
Tels.: 43-8570 e 43-8598

DIRETOR
SAMUEL WAINER

SECRETARIO
JOEL SILVEIRA

SUCURSAIS

S. PAULO: — Diretor: ABGUAR BASTOS — Rua Xavier de Toledo, 140 — 5.º andar — Telefones: 4-1068 e 4-2638.
Administração: SICLA Ltda.

SANTOS: — Diretor: ROBERTO SILVA — Palácio da Bolsa, 2.º.
BELO HORIZONTE: — Diretor: J. GUIMARAES MENEGALE — Edifício Rex — Rua Carijós, 436, sala 306
RECIFE: — Diretor: ANTONIO FREIRE — Rua do Imperador número 369-2.º.

Correspondentes em todas as demais capitais do Brasil
Representantes para venda avulsa e assinaturas em 389 municípios do Brasil

REPRESENTANTE NA ARGENTINA — "Inter-Prensa", Florida, 229. Tel.: 33-9109 — Buenos Aires

PREÇOS:

Número avulso Cr\$ 1,00 | Assinat. anual Cr\$ 50,00
Número atrasado Cr\$ 2,00 | Assinat. semestral ... Cr\$ 28,00

Composta e impressa nas Oficinas da A MANHA

A lição do torpedeamento do "Bagé"

O torpedeamento do "Bagé" veio demonstrar mais uma vez que não podemos sub-estimar o perigo da pirataria nazi-fascista nas costas brasileiras e que se torna necessário consolidar dia a dia a nossa frente interna para prevenir o país contra surpresas que o inimigo tente ainda fazer. Há um ano, precisamente em agosto, o sinistro assalto nazi-fascista aos nossos navios costeiros marcou uma nova época de luta nacional contra o hitlerismo e o mussolinismo. O Brasil tomou a sua posição ofensiva que lhe cabia por força das convicções democráticas de seu povo. O trucidamento de mulheres e crianças brasileiras definiu a "boa vontade" tão conclamada pelos quinta-colunistas e simpatizantes do Eixo, "boa vontade" que levaria a soltar paraquedistas em nosso litoral e tomar de assalto as nossas bases e bombardear nossas cidades.

A opinião de que estamos livres da pirataria fascista e que não devemos nos concentrar tanto no esforço total de guerra acaba de ser negada pelo torpedeamento do "Bagé", no mesmo local em que foram afundados os navios costeiros em agosto do ano passado. Dizer que o fascismo está vencido e que o Brasil não precisa reforçar as suas defesas e trabalhar ativamente na sua mobilização e na sua participação na guerra é uma tendência perigosíssima negada pelos fatos que se sucedem todas as horas. A quinta-coluna no Brasil, por exemplo, está ainda manobrando as suas armas e quem duvida de sua cumplicidade com o torpedeamento do "Bagé"?

As crianças mortas, as mulheres, os marítimos desaparecidos, o navio perdido, tudo isto nos adverte, violentamente, que necessitamos lutar de modo mais concreto contra a quinta-coluna e contra as hordas sanguinárias de Badoglio e Hitler.

A guerra não está somente no Pacífico, nas rotas dos comboios no Atlântico, na Sicília, na frente oriental, sobre as cidades italianas, germânicas, inglesas e russas. Ela está aqui sobre nós, nas nossas costas, trazida pelos submarinos fascistas, pelos torpedos e pelos canhões da pirataria totalitária. O que nos cabe fazer senão defender-nos e atacar os corsários, fazer a guerra profundamente, limpar nossos mares do banditismo nazista? Como aguardar tranquilamente o desfecho da guerra na Europa se ainda temos o inimigo às nossas portas, trucidando as nossas mulheres e as nossas crianças? Como "torcer" apenas pelas vitórias aliadas na Sicília e na Rússia, sem uma contribuição maior dos nossos sacrifícios e do nosso sangue, da nossa capacidade de luta e do nosso justo desejo de vingança numa guerra que é nossa, pela qual unimos as nossas esperanças, porque é a guerra da democracia contra o fascismo?

A guerra está em nossas casas, em nossas ruas, em nosso país. Há luto, pronto e ódio em centenas de lares brasileiros atingidos pela fúria assassina do hitlerismo. A resposta à barbárie é: mais esforço de guerra contra os nazis, morte aos que assassinaram nossos irmãos e ensanguentaram nossos mares!

Panorama de todas as Fronts

Por Neil Kennedy
redator da Reuters

(Especial para DIRETRIZES)

LONDRES, 9 — Dois livros sobre o Japão analisam profundamente a mentalidade do povo e dos estadistas japoneses, antes desse país ter entrado na guerra.

O seu autor, Frederick Moore, foi conselheiro do Departamento de Estrangeiros do Japão, durante 14 anos, tendo servido sob os três últimos embaixadores em Washington, Saito, Horinouchi e almirante Monura, antes do ataque a Pearl Harbour.

Assim, o seu interessante livro "With Japanese Leaders" é o primeiro relato do persistente esforço japonês para intimidar a América e fazer com que ela deixasse livre aos nipônicos o Extremo Oriente.

Os japoneses estavam convencidos — escreve Frederick Moore — de que a Inglaterra seria derrotada, o mesmo acontecendo aos Estados Unidos, antes que o Japão se visse obrigado a lutar em duas frentes.

O autor não esclarece no seu livro como puderam os leaders japoneses se conservar no erro ao julgar os seus inimigos, e principalmente no que diz respeito à psicologia do americano.

Os retratos simpáticos que Frederick Moore faz no seu livro dos embaixadores e outros leaders civis do Japão, baseados num longo trato íntimo com os mesmos, justificam a esperança do que podem se tornar os nipônicos, quando forem instruídos de "que não foram favorecidos pelos seus deuses, mas arruinados pelos leaders militaristas".

Helen Mears, autora do livro "Year of Wild Board" foi para o Japão em 1935, no momento mais crítico, logo depois que esse país deixou a Liga das Nações e viveu em companhia de um amigo, em Toquio, longe da influência ocidental, em contacto com as classes mais humildes — estudantes, agricultores e pescadores.

Como todos os que já viajavam pelo Japão, Helen Mears achou-o um país hospitaleiro, embora turvado por uma atmosfera produzida pela "convicção de que os seus filhos pertenciam a um mundo seu diferente, do qual eu era excluída, hipnotizando a si mesmos, com a repetição a cada momento de que "o nosso Império data do ano 60 A. C." e "a nossa linha direta de imperadores é divina".

Posteriormente, durante a sua estada ali, a autora conheceu um professor americano, experimentado no ensinar os japoneses e que falava sem receio em aulas muito instrutivas, dizendo que a conduta japonesa era um composto de ambições, complexo de inferioridade e principalmente de superstição e um medo doentio.

A edição do livro "Road to Victory", foi preparada especialmente pelo arcebispo de Nova York para as forças combatentes estadunidenses.

O Dr. Spellman recorda aos católicos, aos judeus e aos próprios católicos, as palavras do Presidente Roosevelt, ao nomear representante diplomático para o Vaticano: "Apenas com uma associação entre os que buscam a paz e a luz, poderemos enfrentar e vencer as forças do mal".

O Dr. Spellman diz que "as bases dos atuais acontecimentos desoladores está "em se ter negligenciado, os deveres para com Deus" asseverando que a próxima vitória será a "Vitória dos ideais da Amé-

ECONOMIA PARA O POVO

QUE É CAPACIDADE TRIBUTÁRIA

ALGUMAS pessoas dão a entender que pagar impostos é perder parte de sua renda ou de seu trabalho. Apreciam às vezes o

problema da capacidade tributária sob o ponto de vista da imperfeição dos serviços públicos. A boa ou má aplicação dos impostos não decide sobre aquele problema considerado em tese. É um problema diferente como também é diferente a questão de saber quem deva pagar maior ou menor imposto. O nosso sistema tributário padece do mal de basear-se nos impostos que recaem sobre as despesas, encarecendo os artigos obrigatoriamente consumidos pelos que têm pequena renda. Mas hoje não nos ocupamos dos impostos como instrumento de justiça social e sim da capacidade tributária da Nação. Não tratamos agora do que cada pessoa possa ou deva pagar de impostos mas do que seria possível retirar do conjunto do trabalho nacional para as despesas da presente situação.

A divisão mais geral da produção de um país é a que separa a produção do Estado da produção dos particulares. De um lado tem-se a Administração Pública em todas as suas modalidades a produzir e a satisfazer várias das necessidades humanas. De outro são os indivíduos isoladamente ou dentro das empresas trabalhando para os mesmos fins. As repartições e órgãos dos vários governos prestam mais comumente serviços de caráter coletivo como os de higiene, segurança pública, benefícios de seguro social, etc. Já os particulares trabalham indiferentemente na prestação de serviços como hospitais e transportes, ou na elaboração de produtos. Os particulares e suas empresas vendem serviços e produtos diretamente em troca de dinheiro. Os governos só o fazem em parte. Os órgãos industriais do Estado vendem, por exemplo, passagens de suas ferrovias, produtos como livros das impressas oficiais e, em nosso caso, brevemente ferro e aço da Usina de Volta Redonda.

O maior volume das atividades dos governos está, como dissemos, no terreno dos serviços prestados coletivamente, como os de higiene, segurança, difusão cultural e fomento à economia. Em pagamento desses serviços os governos não podem receber de cada cidadão o preço respectivo por unidade vendida e por isso instituem impostos para cobri-los.

Nem sempre os governos podem limitar-se aos serviços indivisíveis que têm seu exemplo mais típico na higiene pública. Os impostos cobrem também serviços prestados individualmente. Neste caso, estão a internação em hospitais públicos, a distribuição gratuita de medicamentos, de viveres essenciais como leite, o ensino gratuito, etc.

De modo que, quando se fala em capacidade tributária, põe-se em jogo a prestação de todos os serviços que o Estado realiza por meio do seu sistema de tributos. Daí a expressão "esgotamento da capacidade tributária" não ter significado propriamente econômico. O povo por seus órgãos políticos pode decidir que determinadas necessidades nacionais e individuais devam ser atendidas pela Administração Pública. Nesse caso, o que tem a fazer é transferir dos cidadãos para o Estado uma parte da renda nacional, criando para isso novos impostos ou ampliando os existentes. Se a nova arrecadação for aplicada racionalmente não haverá prejuízo para a Nação. Serviços que anteriormente compravamos diretamente aos produtores serão agora fornecidos pelos governos em troca dos novos impostos. O regime de distribuição dessa nova produção do Estado não será certamente o mesmo. É possível que os novos impostos retirem a algum uma parte de sua renda que reverta em proveito geral.

Em técnica econômica o resultado do trabalho de toda a Nação sempre pode ser considerado em bloco. E não se pode ter ilusões sobre a maneira de utilizar a soma geral dos trabalhos de todo um povo dentro das fronteiras nacionais. Qualquer que seja o regime político uma parte desse trabalho é administrada pelo Estado, isto é, arrecadada por meio dos impostos e taxas e distribuída na prestação dos serviços públicos. E em qualquer regime sempre uma parte do trabalho nacional é aplicada livremente pelos que auferem rendas. Entretanto a capacidade tributária é considerada como tendo um limite além do qual a instituição de impostos desorganiza a economia nacional. É portanto um limite imposto às tarefas do Estado na prestação dos serviços nacionais que só ele pode realizar. Os motivos por que assim se considera esgotada a capacidade tributária podem cercar os planos oficiais de prestação de serviços públicos em maior escala. Podem impedir que o Estado atenda alguns de seus fins legítimos.

O debate sobre os fins do Estado escapa à técnica econômica. Nesse sentido pode-se dizer que a capacidade tributária varia segundo os fins que o Estado se atribue de modo permanente ou eventual. Ninguém admitiria há três anos que o sistema tributário norte-americano pudesse carrear a renda particular para as áreas do Tesouro as quantias atualmente aplicadas à defesa nacional dos Estados Unidos. As novas necessidades impostas por uma guerra total fizeram o Senado Americano permitir uma nova divisão do formidável queijo que é a renda nacional inaque. A parte do Estado aumentou consideravelmente e a reservada aos particulares diminuiu na mesma proporção.

Daí se conclui que é movel o ponto de saturação denominado esgotamento da capacidade tributária. Ele varia com o grau das necessidades públicas. Para a defesa nacional, por exemplo, além da renda, dá-se a propriedade e a vida.

rica", a qual só virá por intermédio da religião.

LONDRES, 7 (Por Fergus J. Ferguson, correspondente militar da Reuters) — A semana finda foi na realidade uma "semana negra" para as potências do Eixo. Durante esse período, o Eixo assistiu à perda de Orel e Bielgorod na Rússia, de Catânia na Sicília, e dos aeródromos de Munda, em Nova Georgia — um recorde de humilhação e desastre sem igual na história da guerra.

O êxito da ofensiva russa na frente oriental ameaça a segurança de toda a posição alemã na Europa de leste. Orel foi apenas o começo. O avanço russo, tal como uma maré montante vem cobrindo pontos fortificados, um após outro, como se fossem castelos de areia, na rodovia que leva a Briansk, enquanto em Bielgorod tem varrido as linhas alemãs numa extensão de dezenas de milhas, aproximando-se rapidamente de Kharkov, por onde-chave ao sul, que ameaça submergir.

A captura de Kharkov ou de Briansk abriria novas avenidas para o Alto Comando Russo, quasi entontecedoras nas suas perspectivas.

Torna-se evidente que, não só as qualidades combativas e técnicas dos russos melhoraram consideravelmente, com a experiência dos dois últimos anos de guerra, como também os seus suprimentos têm-se mantidos no ritmo das suas necessidades e que as suas armas mais modernas superam de muito as do inimigo. Por outro lado, os alemães parecem ter aprendido pouco, quanto à maneira de solucionar novos problemas e, parece também que as qualidades combativas das suas tropas têm piorado muito.

O ataque lançado contra o saliente russo em Kursk, há coisa de um mês, seguiu exatamente os métodos da guerra "blitz" que se revelaram tão bem sucedidos no início do conflito. As divisões "panzer" foram lançadas contra as po-

(Conclua na 5.ª pág.)

PANORAMA DE TODOS OS FRONTS

(Continuação da 2.ª pág.)

ações russas, sem considerações a consequências, afim de abrir caminho para a infantaria. Sómente em Bielgorod os alemães conseguiram algum êxito, puramente local e em parte alguma não foram rompidas as posições russas.

A tática russa foi muito diferente. Os russos empregaram ao máximo a sua artilharia, como apoio para a infantaria, utilizando os seus tanques para explorar quaisquer ganhos eventualmente obtidos. A batalha pela posse de Orel foi na realidade um "match" de arremetidas vigorosas, no qual os russos levaram todo o seu peso contra as posições alemãs, nos pontos em que estas eram mais fortes.

Não houve sondagem dos pontos fracos. O poderoso "ourico" de Orel foi assaltado praticamente de frente, e revelou-se incapaz de aguentar o peso do ataque concentrado de que foi alvo.

Capturando Orel os russos provaram que nenhum sistema defensivo pode esperar resistir à pressão da sua ofensiva, e destruíram quaisquer idéias que o Alto Comando ale-

mão pudesse estar acalentando, de se colocar atrás de uma muralha inexpugnável. Sem dúvida, os russos tiveram de pagar um alto preço pela vitória, as suas perdas foram consideráveis, mas, de qualquer forma, menores do que as dos alemães, que não conseguiram conter os seus ataques. Uma ofensiva bem sucedida é raramente tão custosa como uma defesa malograda.

Na Sicília, a queda de Catânia privou o inimigo de seu último finca-pé ao sul do Monte Etna, de onde está se retirando ao longo da estrada litorânea, a leste da montanha na direção de Messina, ou atendo-se precariamente a uma linha que corre um tanto a oeste da montanha, rumo ao mar, para o norte. Neste setor o terreno favorece a defesa e, é obvio que os alemães estão combatendo muito desesperadamente, embora sem esperanças.

Aliás, é provável que tenham recebido ordem de aguentar tanto quanto possível, enquanto o Alto Comando tenta retificar a situação resultante do colapso do fascis-

mo. Não se pode esperar que a sua resistência sobreviva muito ao bombardeio concentrado que chove sobre as suas linhas de comunicações, e há certeza de que muito poucos efetivos poderão escapar através do Estreito de Messina.

A captura do aeródromo de Múca, em Nova Geórgia, é um importante ganho para os aliados. Assegura-lhes uma nova base da qual poderão prosseguir no processo de arremeter contra o perímetro da linha de defesa dos nipônicos.

Assim, Rabaul, o nervo central das posições japonesas no Pacífico sul-oriental, encontra-se agora a um alcance de quatrocentas milhas dos bombardeiros aliados.

Mais importante ainda do que a perda do aeródromo propriamente dito, foi o fracasso das tentativas nipônicas de socorrer a guarnição cercada. Isto custou um alto preço aos japoneses, em navios, homens e aviões, pois os comboios de barcaças, transportes e vasos de guerra, constituíam um magnífico alvo para os aviadores aliados, que extrairam plenas vantagens. A experiência ganha em Guadalcanal em Múca, há de servir, indubitavelmente, para simplificar e apressar operações similares contra outras bases japonesas.

A CHINA, O FRONT ESQUECIDO

LIN YUTANG, NOS JORNAIS AMERICANOS, CRITICA A POLÍTICA DE NEGLIGÊNCIA DOS ALIADOS EM RELAÇÃO AOS BRAVOS COMBATENTES DE SUA PÁTRIA



foram desviados para a Índia e sómente depois de complicadas negociações chegaram a seu verdadeiro destino, que era a China.

Os chineses sabem — afirma Lin Yutang — que essa política de desprezo não representa o ponto de vista do povo americano. E até recordam que muitos jornais, como o "New York Times", o "Herald Tribune" e o jornal "Nation" de Nova York, tem publicado editoriais condenando a grande deficiência do auxílio aos bravos combatentes chineses. O próprio sr. Wendell Willkie já teve oportunidade de afirmar de público, depois de sua famosa viagem de inspeção pelos diversos fronts mundiais, que se ele fosse dizer quantos aviões os americanos já mandaram para a China ninguém acreditaria em suas palavras, tão reduzido é o número de aparelhos entregues ao exército de Chiang Kai Chek.

O exército chinês não entrou em colapso nos 4 e meio anos anteriores ao ataque a Pearl Harbor devido as remessas de suprimentos alemães, italianos, russos e americanos que passavam pela estrada de Burma e outras vias de acesso de menos importância. Hoje a situação mudou. Os dois parceiros do Japão, que mandavam armas à China unicamente movidos por interesses mercantis, não o fazem mais. A estrada de Burma deixou de ser a grande via de acesso aos exércitos chineses. Mas os exércitos chineses que enfrentam as aguerridas e bem armadas divisões nipônicas não são exércitos de fantasmas e necessitam de meios materiais para o prosseguimento de sua luta.

A origem dessa política, ou melhor, dessa negligência, é mais psicológica do que material. Ela não obedece à necessidade de se prestar uma ajuda maior aos outros aliados. A mesquinhez do auxílio à Chiang Kai Chek não é consequência do volume de produção da indústria bélica americana, pois ninguém ignora que essa produção é calculada em cifras astronômicas. O que se dá é que muitos americanos continuam a imaginar uma China do século dezenove não se convenceram ainda de que o grande país, deve ser, de igual para igual, uma das potências aliadas desta guerra, pois a China é tão importante para esmagar o Japão quanto o é a Inglaterra para esmagar a Alemanha de Hitler.

Lin Yutang chama em seguida a atenção de seus leitores para o que se passa na guerra do Pacífico. Ninguém por exemplo será capaz de afirmar que as operações de Guadalcanal representam o melhor caminho para se dirigir uma campanha vitoriosa contra o Japão. Sabe-se que depois de Guadalcanal os americanos teriam que conquistar 21 mil ilhas perdidas em toda a imensidão do Pacífico até chegar a Tóquio. E depois a presença de Mac Arthur naquele front e sua determinação de defender a Austrália representam verdadeiro contraste com a ausência de um Mac Arthur em Burma, com a determinação de defender a grande via de abastecimento dos exércitos chineses.

Lin Yutang aponta os remédios para esses males:

1º — Aviões de transporte em quantidade suficiente para a China.

2º — Desencadeamento da campanha de Burma antes que a deficiência do equipamento chinês passe a influir desastrosamente nas operações militares.

3º — Unificação da estratégia aliada, o que parece ainda não se ter verificado, a menos que se trate de uma medida militar rotunda sem o conhecimento oficial ou extra-oficial dos chineses, o que seria errado.

Quando se adotar uma estratégia aliada para a ofensiva contra os nipônicos, o problema dos abastecimentos à China terá que ser levado em consideração, mesmo porque não é possível uma ação anti-japonesa de larga envergadura sem o apoio da China.

NA América do Norte, como naturalmente em todos os países onde há uma ativa participação popular no esforço de guerra, os assuntos mais importantes podem ser ventilados e honestamente discutidos. Por isso mesmo é possível, muitas vezes concertar o que anda errado, através de um debate leal e franco.

Assim é que Lin Yutang, o valente escritor e ativo líder democrata chinês, encontra guarida nos jornais "yankees" para criticar certas debilidades da política aliada em relação a seu país. Coisas da liberal-democracia, diriam, com um sorriso superior, os escribas da panelinha de Berlim, Roma e Tóquio...

Um dos últimos artigos de Lin Yutang publicados na imprensa de Nova York analisa a situação da China, que ele chama "o front esquecido". "Quatro e meio anos antes do ataque a Pearl Harbor — afirma Yutang — a China era para muitos dirigentes aliados um front neutro muito longínquo. Um ano depois do ataque a Pearl Harbor a China continua sendo, incontestavelmente, um front esquecido, um país que é pouco mais do que neutro e um pouco menos que aliado".

Yutang afirma isso com amargura, recordando que sua pátria já perdeu nesta guerra cinco milhões de vidas, que mantém mobilizados e em luta 15 milhões de homens, fazendo frente a quase um milhão de japoneses numa frente de 2.300 milhas e que o território de seu imenso país é a única faixa de terra continental colocada vis-avis ao Japão, constituindo, do ponto de vista militar, o mais eficiente apoio para o desencadeamento de uma ofensiva que vise esmagar o poderio bélico nipônico.

Alega-se que o esquecimento da China obedece à política de esmagamento de Hitler em primeiro lugar. Mas o que a China pede aos aliados é ridiculamente pequeno e mesmo essas migalhas até hoje não lhe foram concedidas. Além disso os suprimentos enviados à China sofrem um bloqueio duplo: o da burocracia de Washington e o da burocracia da Índia. Por exemplo: perdida a estrada de Burma, os chineses pediram aos aliados cem aviões, de transportes. Foram mandados 40. E desses quarenta 25

NA URCA



EDU', o equilibrista do Som, continua em pleno êxito, oferecendo ao público as mais estranhas interpretações da música moderna.

No mesmo SHOW, Alvarenga e Ranchinho e OS TRES ÉBRIOS com EROS VOLUSIA e TODO O CAST.

A CURIOSA PERSONALIDADE DE CHARLES DE GAULLE

(Continuação da 5.ª pág.)

tel em que almoça, e o povo, frequentemente, obriga-o a deter-se na rua para apertar-lhe a mão e desejar-lhe felicidades. Seu inglês é fraco e raramente compreende o que lhe dizem, motivo porque invariavelmente, responde com grave fisionomia: "I am please to meetchoo".

Vive numa pequena casa de campo, em cujas paredes há ainda outras evidências do seu caráter: estão cheias de fotografias e desenhos de outro homem forte, Georges Clemenceau, o "Tigre", da última guerra. De Gaulle frequentemente cita Clemenceau.

Sua biblioteca consta unicamente de história política e militar. Não há nada, nas estantes, que se pareça com leituras ligeiras.

A senhora De Gaulle é pe-

quena e morena. Parece tímida. Nunca aparece em cerimônias públicas ao lado de seu marido. Tem um filho e uma filha, ambos no serviço militar.

Quanto ao problema norte-africano de "união" com Giraud, a linha seguida por De Gaulle é invariavelmente reta, uma linha de conduta que não admite contemporizações. Exige certas coisas porque acredita nelas. O acordo poderá certamente ser conseguido desde que ele esteja melhor disposto a ceder em certos pontos, mas isso não está em sua natureza.

Através toda a confusão e excitação que se seguiu ao desembarque na África — isto é, Darlan, depois Giraud, esperanças e desapontamentos — De Gaulle permaneceu tão frio e inexpressivo como um "iceberg".

O BRASIL NOS CAMPOS DE BATALHA

(Continuação da 1.ª pág.)

lutários da pátria. A seguir, reiniciou-se a convocação em massa dos sorteados. As forças armadas da nação — a nação em armas — adentra-se para partir em perseguição do inimigo.

"Queremos ser eficientes e para isso, precisamos dispor de forças completamente treinadas e aparelhadas, aguardando a marcha dos acontecimentos, que determinará a forma e o lugar onde tenham de operar" — são palavras do presidente Getúlio Vargas. Os acontecimentos estão, no momento, determinando que os soldados do Brasil caminhem para o "front", afim de esmagar o nazi-fascismo, condição fundamental para a construção de um mundo novo. Um mundo em que a liberdade e a justiça social sejam fatos, e a democracia uma prática normal e viva de povos civilizados. Não seremos mais vítimas da barbaria, e não mais haverá, no mundo, lugar para os bárbaros. Ou para os nazi-fascistas e seus sucedâneos.

LEITOR!

Diretrizes lhe oferece
2 REVISTAS EM UMA SÓ
QUE OFERECE V.
A DIRETRIZES?

Uma assinatura é a melhor oferta que um leitor pode fazer à revista de sua predileção. Assine "Diretrizes" hoje mesmo! Preencha o coupon abaixo e mande seu vale postal à nosso gerencial

Nome
Rua
Cidade
Estado
Assinatura anual Cr\$ 50,00
Assinatura semestral Cr\$ 28,00

DIRETRIZES
PRECISA DE SUA ASSINATURA

COLABORE CONOSCO, REMETENDO-NOS
HOJE MESMO SEU VALE POSTAL!

As atrocidades alemãs na parte da Russia ocupada pela Wehrmacht

II

Vera foi espancada repetidamente até ficar inconsciente. Finalmente permitiram a sua irmã levá-la para casa. "Quando o exército Vermelho veio, eu ainda estava coente", terminou ela. Não havia comido senão batatas deterioradas, durante semanas e ainda assim tinha que me arrastar de joelhos para a rua, afim de consegui-las".

Ai está em poucas palavras, uma história que toma muitos minutos para se conseguir que, no entanto, eu suponho, não tem muita significação para quem esteja sentado em um escritório confortável, ou em casa debaixo de um céu livre e pleno de sol — e inquirir assunto desta espécie, é quase tão penoso para quem interroga como para a vítima.

A única coisa que sei, é que durante toda a minha vida recordarei o rosto de Vera e a expressão de terror que lhe vinha aos olhos quando, mesmo semanas depois de restabelecida, tinha que pensar novamente na sua passagem pelo vale da morte. Não foi apenas a Vera que isso aconteceu aqui, mas a criaturas conhecidas de quasi todas as pessoas que se encontram aqui na rua. É o que os russos estão pensando quando nos interrogam sobre a inevitável questão do segundo front.

Kharkov, cidade de 900.000 habitantes, antes da guerra foi visitada pelos correspondentes depois da reocupação. A população havia sido reduzida de dois terços, e toda pessoa ainda existente poderia contar algum fato incrível, que havia visto com seus próprios olhos. — Aleuma coisa a que

havia escapado, somente pela graça de Deus. Difícilmente, uma mulher ou uma criança, teriam deixado de ver corpos de civis pendurados nas janelas. "Não havia uma sacada sem um cadaver flutuando", diziam todos.

Se você fosse de Cleveland, Ohio, poderia ter uma idéia de Kharkov, imaginando a sua cidade com a maioria dos seus antigos edifícios destruídos e duas de cada três pessoas que conhecia mortas ou desaparecidas. Kharkov era mais ou menos do tamanho de Cleveland e quase tão bonita. Atualmente, depois de ter sido libertada o tempo suficiente para dar ao mundo uma idéia dos resultados da Nova Ordem lá, o luto caiu sobre ela novamente, com a volta dos enforcadores nazistas.

Em Stalingrado vi apenas uma casa ainda intacta quando lá estive, logo depois da renição alemã. Deve ter havido casas lá que eu não vi, mas em todas as minhas excursões através os campos ainda minados, outrora acumulados de fábricas e residências, hoje nivelados com o campo aberto, não vi um unico edificio inteiro. Vivi como todos os outros, numa toca perto da cabana que por milagre ficou no cume da colina muito acima do Volga, enquanto tudo o mais foi reduzido a destroços e cinzas. E, ainda mais, uma mulher de meia idade e seu filho permaneceram lá durante a batalha mais destruidora da história. Fui até a sua casa e falei-lhes. Eram quase os unicos habitantes de Stalingrado que ficaram.

Tinha sido uma grande cidade industrial de meio milhão de habitantes — exatamente do tamanho da minha cidade, Kansas City, Missouri — e comecei a fazer a comparação. Era como se Kansas City tivesse todos os edificios, de seus suburbios até o rio Missouri, derrubados, depredados, e suas ruas enterradas em destroços. Colégios, igrejas, residências, fábricas, lojas, escritorios, teatros, monumentos — como se todas as coisas que fazem uma cidade, tivessem sido varridas, sem habitantes deixados para respirar o seu ar, exceto algumas criaturas, como toupeiras, pondo as cabeças para fora de buracos cavados na terra.

(Continua na 22ª pag.)

A história do movimento estudantil

(Continuação da 6.ª pag.)
nacionalidade. Contra o integralismo que se aproveita da situação atual do país e mobiliza todos os seus adeptos para o golpe fatal. Até quando esperará o governo para decretar o fechamento da Ação Integralista? Até que esta largue a máscara e assalte o poder?" Esta proclamação contem centenas de assinaturas e foi respondida pelos estudantes dos Estados com incontáveis adesões. Um dos signatários da mesma, que nós também suscrevemos, Luiz Paes Leme, foi depois presidente da U. N. E., e eleito num prelo onde mais de cem associações acadêmicas, ou seja, a quasi totalidade delas, concorreram, e só não contou com quatro votos. Igualmente o foram, por quasi unanimidade, nos anos anteriores, nós próprios, e Waldmir Ramos Borges, universitário gaúcho.

O Presidente Getulio Vargas executou no momento oportuno a medida tão freneticamente encarecida pelos estudantes no arrebatamento do seu patriotismo. Em maio último observou: "Dentro de dez dias terá decorrido um lustro da primeira tentativa feita no Brasil, segundo os métodos e a inspiração nazista para subversão da ordem: o assalto à residência do chefe do governo, pelas caladas da noite, e o cerco dos lares de elementos destacados da administração militar e civil. A conspiração integralista fracassou, mas só hoje é possível imaginar a que triste condição estaríamos reduzidos si tivesse logrado êxito".

UM EXEMPLO DE UNIAO NACIONAL

eis como foi proclamado pelos estudantes a U. N. E. Realmente, a sua formação oferece, no campo restrito porém altamente significativo da mocidade universitária, experiências à criação da União Nacional. Sobretudo um fato podemos destacar: ela se formou acima dos partidos, das crenças de qualquer natureza. Desapareceu a influência nefasta das facções malsinadas, e a U. N. E. se formou. Não inclui nesta afirmativa uma condenação aos políticos honestos e o desconhecimento da diversidade existente entre os brasileiros de opiniões, tendências e concepções. Dissemos, ao contrário, em nossa tese de fundação da U. N. E., em dezembro de 1938: "Nenhum de nós abdicou de suas idéias políticas para participar do congresso. Colocamos os nossos interesses e mocos e de estudantes acima da diversidade de princípios. O nosso rumo foi o superior interesse da mocidade que repousa na continuação da vida com a conservação dos beneficios e conquistas obtidos numa história nacional de empreendimentos e sacrificios". A União Nacional não poderia ter outro rumo senão a continuação da vida nacional em sua marcha progressiva. E no momento, mais que isso, é a própria existência da Pátria em jogo que impõe a união compacta dos brasileiros e das nações unidas para a defesa de cada povo livre e libertação de cada povo subjogado; para a sobrevivência da civilização e da humanidade. Em face da bárbara agressão existe qualquer divergência converte-se em considerável auxilio ao inimigo; efetivamente reflete um espirito egoista, anti-nacional, quando não a prova evidente de traição.

No inicio da formação da U. N. E. interesses e vaidades pessoais se antepuseram a um entendimento nacional entre os estudantes, o qual somente com muita luta e perseverança conseguiu prevalecer. Durante muito tempo ainda após a sua fundação

persistiu, e certamente ainda hoje persiste, levada continuamente de vencida, esta resistência reacionaria e desagregadora.

O APOIO DOS ESTUDANTES AO PRESIDENTE DA REPUBLICA

a sua política de guerra, é o que há de mais sólido e conciente em matéria de apoio político. Ao mesmo podemos juntar, em termos iguais, o apoio dos mocos e ex-universitários que completaram a sua formação na luta contra os inimigos da cultura e dos povos livres, e que continuam entrelaçados pelas campanhas universitárias que compartilharam. Já manifestam a intenção de darem expressão orgânica aos seus esforços nacionais, e lançam a idéia de se sistematizar a união dos mocos universitários formados.

O apoio dos mocos e a sua colaboração ao esforço de guerra estão, pois, baseados no sentimento nacional e na compreensão de que o futuro do país repousa na sua decisão inquebrantável de preservar as conquistas históricas da nacionalidade e acrescentar com novas. A democracia, considerada como o sistema que garante o exercicio amplo da liberdade, construtivo e honesto, com definidos objetivos nacionais, por meio do qual a autentica politica se deve processar para atingir as suas legítimas finalidades em tempos normais, estamos certos de que sairá mundialmente fortalecida e aperfeiçoada desta prova. Nela se assentará a reorganização dos povos. Tudo o que se conservar estrangeiro no país ou perderá suas características e ligações de origem, e se tornará nacional cem por cento, ou voltará para o seu "habitat" natural: esta é uma afirmação que podemos fazer observando o nitido impulso de reconstituição nacional dos povos que se ativarão ao alcançarem a vitória contra os opressores nazistas. O espirito e o sentimento nacionais, a civilização pátria — afirmação histórica do gênio brasileiro que prossegue aceleradamente na época atual e neste grande impulso de industrialização — como a de todos os povos historicamente formados, impõem seu respeito e soberania como base do entendimento internacional para que este seja amplo, sincero, duradouro e reciprocamente compensador.

ESTE TRABALHO PODERIA SER RESUMIDO

em algumas frases, e o faremos: A mocidade acadêmica sempre esteve com honra na vanguarda dos acontecimentos históricos. Os bons governos e políticos honestos sempre mereceram a sua simpatia e o seu aplauso: a eles sempre esteve aliada a mocidade idealista. Com os mesmos deixa ela de ser oposição e turbulência para se tornar

cooperação. A União Nacional dos Estudantes, na qual se movimentam os universitários do país, é uma legítima expressão da atual geração, que ao lado de um programa de aspirações universitárias, acha-se devotada plenamente, com idealismo e abnegação, a causa nacional. Realizou o seu "Congresso de Guerra", com o apoio do Presidente da República, conciente do seu papel histórico e exuberante de dedicação cívica. Ombreia-se às gerações que lutaram pela Independência, pela Abolição, pela República, e se salienta por lutar pela conservação destas grandes conquistas obtidas em fases sucessivas de nossa História. A ela se acham plenamente solidárias as turmas acadêmicas que a antecederam e que compartilham, homens formados, dos mesmos ideais, do mesmo espirito unionista já tradicional e das mesmas lutas. O dominio do Eixo seria, numa palavra, para o nosso país e para todo o mundo, a escravização total, avassaladora, como a que estão submetidos os povos europeus. Ele será inexoravelmente derrotado, e se encerrará na História humana a mais negra página de crimes hediondos, destruição bárbara, morticínios sem conta e sem paralelo. Servindo no Exército Nacional, como convocados ou voluntários, estudando nas escolas e militando na U. N. E., em prol da causa nacional, da mobilização espiritual do nosso povo para uma participação necessária cada vez mais ativa na guerra, os estudantes brasileiros prestam uma contribuição indispensável à vitória das trincheiras, auxiliam a abertura da segunda frente que virá apressá-la. Juntamente com todos os mocos e todos os brasileiros, ao lado das nações unidas, proseguirão com novas energias nesta guerra que enobrece, honra e glorifica os que dela participam em defesa da liberdade. Obterão galhardamente a vitória que assegurará a Nação Brasileira suas conquistas históricas e instituirá para o mundo e para a Pátria uma era de compreensão, liberdade, progresso e paz.

**A Caspa Mais Rebelde
E' Extinta em 48 Horas**

COM

FAVOGENIO

Loção de fino perfume, impede a queda de cabelo e debela as eczemas, tinnas, seborréia etc., em pouco tempo. Vidro Cr\$ 18,00.

Pelo Correio Cr\$ 20,00.

Perfumaria

A GARRAFA GRANDE
Rua Uruguaiana, 66. RIO

BEATRIZ COSTA com OSCARITO

GRANDE CIA. DE REVISTAS

Estréia: Sexta-feira, dia 13, às 20.45 hs.



Beatriz Costa



Oscarito

**"DEFESA DA
BORRACHA"**

Nova e soberba temporada dos "mágicos da gargalhada"

TEATRO JOÃO CAETANO

(Empresa Celestino Meireira)

IDEAL
PARA DEPOIS
DO
BANHO
DO
BEBÊ

TALCO Malva

FORMULA DO
PROF. ANTONIO ALENG
DA UNIVERSIDADE DE
S. CARLOS

FERRASSIMO E
BERTHOLDO

PERFUMARIA MARCOLLA
BELLO HORIZONTE

(Continuação da 1ª. pág.)
 rullo tinha terminado na véspera quando os jornalistas brasileiros chegaram à cidade, onde os habitantes e jornais ainda comentavam largamente o fato. Os americanos se encabulavam com a coisa e nos davam muitas explicações sobre o episódio, lamentando que se tivesse dado à chegada dos amigos brasileiros.
 Por ocasião também da nossa visita, outra questão que encheu as colunas da imprensa americana foi a dos conflitos em Detroit, havidos entre negros e brancos. Um parque da cidade, assim foi a história, foi praticamente tomado pelos homens de cor. Lá

é uma possibilidade, talvez a mais alta, dos países organizados e livres. Sempre afirmei que as democracias ganhariam a guerra. Palpite cego? Não. Era raciocínio apenas. Os nazi-fascistas, à sombra da confiança do mundo, fortaleceram-se quanto puderam, fabricaram, esconderam, acumularam. Acumularam durante anos o que podiam produzir para a guerra. Aconteceu simplesmente isto: sobrevinda a guerra entraram os democratas também a produzir. Estes e os totalitários empenharam-se nos fornecimentos gigantescos de material para a luta. Mas a inteligência livre das democracias é

fascismo, pelo contrário, que é regime a favor de um grupo, de uma quadrilha, e não da nação, vive desses sacrifícios supremos extorquidos ao povo em caráter de habitualidade: toma-lhe o dinheiro, a liberdade e até mesmo o que as democracias em hipótese alguma chegam a tomar: a dignidade individual. O fascismo é o rebanho desvirilizado; a democracia é a chamada "indisciplina", que traduzimos assim: liberdade, personalidade, consciência política. O direito à crítica, especialmente, é fundamental nos regimens democráticos. Todos nós acompanhamos as horas amarguradas que viveu a nação



"Os fascistas durante anos armazenaram armas para esta guerra — declara Rodolfo Motta Lima — esquecidos de que esse armamento, com a evolução da técnica, poderia tornar-se obsoleto durante o conflito. Eles subestimaram a capacidade de improvisação dos países democráticos."

A inteligência livre contra a disciplina fascista

estavam elas abarrotadas com seus camaradas, (brancos e negros) e os canteiros quando chegaram os brancos para o mesmo fim. Resolveram então os segundos tomar um desforço para resolver a situação. Reuniram-se e, em maior número, agarraram muitos pretos e os jogaram ao rio, de uma ponte existente. Alguns deles morreram afogados, o que talvez não entrasse nas intenções dos brancos. Consequência, porém: uma luta acesa de vários dias, entre os grupos rivais, até que o exército interveio e restabeleceu a ordem.

Devo lhe dizer porém, não obstante relatar esse fato, que a questão racial no país vai se fazendo muito menos aguda. Apenas em uma pequena região do sul ainda se mantem como dantes, assim mesmo com o desuso crescente da lei de Lynch, isto é, do justicamento público, e sem processo, dos negros.

— E os aspectos de guerra nos Estados Unidos?

— Qualquer deles, fabuloso. Seja a preparação militar dos recrutas em qualquer arma, seja o esforço "record" da indústria da guerra, seja a participação da mulher, seja finalmente o espírito de colaboração da população civil. Esse resultado, quero desde logo frizar, é consequência de dois fatos, um de ordem técnica outro de ordem política. Creio que para ele concorrem decisivamente o hábito da especialização e o sentimento democrático, os dois fatos a que me referi. É fácil constatar que a média dos americanos não tem grande soma de ideais gerais: cada americano, no entanto, é sempre doutor na sua especialidade. Digo "doutor" para significar que sempre conhece profundamente o seu ramo. Pode ser um simples técnico em parafusos, mas nisso é doutor. Eleve isso a uma escala surpreendente e terá uma idéia de como todo o vasto maquinismo industrial dos Estados Unidos pode funcionar a perfeição. Cada grupo de trabalhadores e especialistas lida com um assunto — e conhece de fato esse assunto.

A capacidade técnica aliada à convicção da excelência do regimen político sob que vivem infunde no homem americano uma notável confiança no seu esforço. Constitue medida dessa confiança o distico que li na sala de administração das Indústrias Higgins: "Only fools say: 'It can't be done' — só os loucos dizem: 'Isto não se pode fazer'".
 Rodolfo Motta Lima vem escrevendo para o seu jornal, o "Correio da Manhã", uma série de excelentes artigos subordinados ao título de "Sete Semanas nos Arsenais da Vitória", onde passa em revista muitos dos aspectos americanos, dos mais surpreendentes aos simplesmente pitorescos. Tomámos a direção de alguns dos pontos tratados nesses artigos. Nosso entrevistado prontificou-se a os abordar, não sem antes manifestar um velho e decidido ódio pelo nazi-fascismo, que é a outra face da fé que mantem na democracia o nos regimens livres.

— A guerra já está decidida, ainda que não esteja acabada. Os Estados Unidos forneceram um bom quinhão à vitória que já não tarda. Todo o extraordinário vigor que puzeram a serviço da causa democrática não foi milagre nem devia espantari

capaz de improvisar, não sendo isso possível a disciplina em tempo dos fascistas. O que os fascistas acumularam passou aos poucos a ser obsoleto, quase inservível numa guerra de ritmo notadamente acelerado, onde as armas e instrumentos se aperfeiçoam quase de uma batalha para outra. As democracias têm liberdade até mesmo para ser inteligentes, preparar a vitória e realmente vencer. Sucedeu o que era previsível: depois dos grandes arrancos iniciais, esgotados os estôques, caem os fascistas na defensiva, começam as defeições como a da Itália, tudo dá com os burros nágua. E' o que vemos hoje.

— Esta guerra veio demonstrar, melhor do que as palavras que se contrapõem aos slogans sobre a falência das democracias espalhados pelo Eixo, quanto efetivamente podem os regimens livres, já no campo da criação intelectual, já no campo da arremetimento humana e produção industrial. A diferença entre as democracias e os regimens escravizadores é que aqueles não pedem os supremos sacrifícios que se podem eventualmente exigir da comunhão nacional senão em frente à ameaça de sua própria existência. O

inglesa. Vimos, nas horas de perigo nacional e das grandes medidas de salvação coletiva, não se modificar a função crítica da imprensa e do parlamentar. A crítica, sempre construtiva, não atingia a produção das fábricas. Podiam os representantes da nação e os suditas ingleses discutir sobre qual seria a melhor orientação da guerra: enquanto procuravam essa melhor orientação o esforço material prosseguia sem desfalecimento. Qualquer que fosse essa orientação ela teria que se valer em todo caso do material de guerra que se produzia.

— A mesma coisa nos Estados Unidos?

— A mesma coisa. E' de se ver a atividade inimaginável da nação em todos os setores. A mocidade masculina está dividida entre os campos de batalha, no estrangeiro, e os de treinamento, no país. O treinamento se faz em vários pontos, inclusive nos desertos do Texas e do Arizona. Treino árduo, treino de um exército que vai brigar. Os paraquedistas são exercitados em Fort Benning. A preparação completa é feita em seis semanas, obedecendo a etapas progressivas e nenhuma delas é des-

curada ou cuidada de passagem. Preparar um paraquedista completo em seis semanas significa uma alta eficiência de instrução militar. Já Randolph Field prepara pilotos, em lugar de paraquedistas. Nesse centro o que nos reclama atenção maior é a divisão psicológica, onde as reações dos candidatos e alunos são avaliadas por métodos modernos e rigorosamente precisos. São determinados por esse processo o grau de sensibilidade à luz, ao calor, ao frio, às altitudes, pressão atmosféricas. São medidas a segurança de pulso, o sangue frio diante das dificuldades, a firmeza de nervos.

— Ao lado disso, aquele mesmo direito à crítica...

— Certo, desde que não diga respeito a segredos militares. Você perguntou há pouco se não existia lá uma corrente favorável a uma derrota preliminar dos japoneses, porque considera que a guerra do país é sobretudo contra os "japs". Existe uma corrente, aliás sem qualquer importância. Ela dá os seus palpites, que não precisam ser seguidos. Num país em que não se considera ofensa opinar contra o governo, qualquer um pode esperar decidir a guerra deste ou daquele modo. Os órgãos técnicos não se perturbam com isso e decidirão dela como for conveniente.

— Já muita coisa se disse sobre a mulher americana e a sua participação no esforço de guerra...

— E haverá sempre que dizer, mas é matéria para todo um livro. Já todos abem que existem fábricas onde 60 % do pessoal de trabalho é feminino. Em Miami pude verificar que foram requisitados quase todos os seus 400 hotéis, onde funcionam corpos auxiliares femininos. A mulher quase não se distingue dos homens como elementos ativos do trabalho social, especialmente nos grandes centros.

Pedíamos a Rodolfo Motta Lima as impressões que trazia de sua visita aos Estados Unidos, onde integrou a caravana de jornalistas brasileiros convidados pela Coordenação americana. Observador agudo dos problemas desta guerra, cujos antecedentes acompanhou ativamente nos campos de exame que oferecia a sua ação pública, desempenhada como jornalista militante e deputado federal que foi pelo Estado de Alagoas, Motta Lima estava também indicado para fornecer suas impressões sobre a projetada fundação em nosso país, de uma academia de jornalistas. Desviada para esse rumo a nossa palestra, nosso entrevistado não encontrou uma certa mordacidade ao analisar esse projeto, em que reconhece não obstante certas vantagens, que definiu nas seguintes palavras:

— Não se pode inventar um jornalista — pode-se criar um técnico de jornal. E' o que poderia formar uma academia. Fala-se contra o jornalista autodidata. Pergunto agora: não deu até hoje o Brasil grandes jornalistas? Foram quase todos auto-didatas, para não dizer todos. Uma academia, neste país de doutores, virá criar mais um preconceito, que distinguirá entre os "bachareis" em jornais e os "râbulas" do mesmo. Aqueles terão as prerrogativas, estes últimos o conhecimento. A ver-

FRONT LITERÁRIO

"Demais não sou cortesão..."

UM livro de grande significação é "A vida de Gonçalves Dias" da sra. Lúcia Miguel Pereira, cujas qualidades de escritora cada vez mais se apuram e se destacam em nossa literatura. Mostrou-nos ela um Gonçalves Dias até então desconhecido, mais humano, mais brasileiro, voltado aos problemas de seu tempo, interessado realmente pelo nosso índio, pelo destino de nosso povo. Gonçalves Dias não é para nós um clássico vulgar, um romantico no pior sentido mas um poeta vivo e conciente de sua arte, uma admirável personalidade humana que pode ser apontada como um exemplo para todos nós na hora presente.

Com muito gosto passo a citar um precioso trecho da sra. Lúcia Miguel Pereira que bem revela o caráter de Gonçalves Dias, a sua condição de inconformado:

"Estavam as cousas nesse pé quando Alves Branco, receoso de que o acusassem de ter auxiliado Gonçalves Dias por motivos particulares, sugeriu que a dedicatória fosse ao Imperador ou a uma das princesas.

Embora democrata — tendo sustentado, no discurso de Niterói, que a todos os homens, ainda nascendo escravos, deviam ser dados meios de chegar, se fossem capazes, a posições elevadas — Gonçalves Dias apreciava o Imperador, a quem já fizera várias poesias. Mas dedicar-lhe um livro, e um livro destinado a Teófilo, o amigo-irmão, era outra cousa. Não poderia fazer, não lho consentiriam a altivez e o valor que dava às próprias obras. E explodiu, sem temer as consequências: "Então não estive pelos autos; não tinha aceitado o dinheiro, não o aceitaria, com tal condição; fiz-me de pedra e cal, e disse alto e bom som que os mandava bugiar a todos eles — Serra, Alves Branco, Imperador, Princesas e os trezentos mil réis. Que tenho eu com eles, que me fizeram eles, que relação há entre mim e eles, que lhes fosse eu dedicar o meu trabalho, os meus estudos de um ano?"

"E remata, traçando uma norma de vida

pública de que nunca se desviou: "Demais não sou cortesão e não o quero ser; não quero sobretudo aparecer aos pulhas diversos do que sou".

"Pouco depois — é ainda a sra. Lúcia Miguel Pereira quem escreve — "narrando a sessão do Instituto Histórico em que recitou o Canto Inaugural em memória do Cônego Januário da Cunha Barbosa, reafirmaria a sua independência para com o Monarca: "De mim nada te digo" — escreveu a Teófilo "recitei uma poesia que está a sair a luz, e então a julgarás. Só me distingui em não afogar o Imperador à força de bafaradas de lisonja, verdadeiras nuvens de incenso".

E adiante há outro trecho que tão oportunamente a autora de "A vida de Gonçalves Dias" transcreveu:

"... parece-me que sempre que se fala na presença de um poderoso é preciso cautela e reserva nos louvores para que se não convertam em lisonjas; E' PRECISO ter alguma coragem para se poder afrontar com certeza na opinião do vulgo, quando se acaba de louvar um destes — o epíteto de lisonjeiro ou adulador! E' cousa que não poderei fazer nunca, ainda que me sobrasse vontade para isso: não posso, não sei".

E não posso deixar de citar ainda outra passagem da mesma carta de Gonçalves Dias em que se encontra a mar de um verdadeiro homem, em que se ouve a fala de uma nobre creatura humana, um poeta à altura de sua missão, o espelho de toda uma dignidade intelectual hoje tão desdenhada e aviltada:

"... esta gente que se dá comigo não sabe a independência que eu tenho na minha vida, nos meus atos e nas minhas opiniões" e que debaixo desta máscara de cera que todos me vêem, há uma vontade inflexível há uma estatura de ferro".

Este homem que foi o maior poeta de seu tempo soube ser — para maior glória de sua vida — um homem livre e lutou contra a corrupção da inteligência que é talvez a mais triste e a mais vil de todas as corrupções.

DALCIDIO JURANDIR

(Continua na 22ª pág.)

Problemas do momento fixados por um banqueiro do Recife

BANCO DO POVO, instituição bancária com sede no Recife e filiais em João Pessoa, Natal, na cidade do Salvador e em várias cidades do interior de Pernambuco, apresenta tão relevantes somas de serviço às comunidades nas quais desenvolve sua atuação, que constitui hoje em dia o melhor apanágio dessa grande entidade bancária, a tradição de solidez, honestidade, critério e segurança com que vem cumprindo, há vários anos, sua alta finalidade social. Isto influiu decisivamente a par de outros fatores de natureza econômica e financeira, para que o Banco do Povo atingisse pleno desenvolvimento, através de vários períodos de transformação, aplicando o seu raio de ação e de serviços ao comércio e às indústrias dos principais Estados do Nordeste. Assim, o Banco do Povo vem disfrutando uma situação de relevo e de real influência na recuperação econômica da vasta região do país onde desenvolve suas atividades e que se reflete, com decisiva influência, nas condições do mercado de capitais através de larga movimentação de crédito para operações agrícolas, industriais e comerciais. O movimento sempre ascendente destas operações se caracteriza acima de tudo por empréstimos e pela ampliação de créditos destinados às finalidades econômicas. Desfrutando assim de invejável conceito nas diversas praças do norte do país, o Banco do Povo deve, acima de tudo, a situação de invejável prestígio que desfruta aos nomes que compõem a sua diretoria, e sobretudo ao seu principal animador, Sr. Miguel Gastão de Oliveira, à frente da gerência.

UM ESPECIALISTA DEDICADO

Não é o Sr. Miguel Gastão de Oliveira um noviço, uma figura improvisada que no setor das atividades bancárias, empenhasse apenas os recursos de posições financeiras ou de um simples teorista de assuntos econômicos. Ao par de conhecimentos especializados do "métier", de sólidas leituras, o acatado banqueiro pernambucano conta a seu favor com um tirocínio dos mais sérios como técnico, tendo em vista o fato de haver feito toda a sua carreira como bancário, dentro do Banco do Povo, onde desde a mocidade vem empregando sua aguda inteligência, o dinamismo de suas atividades e uma dedicação inigualável.

Daí, por não se tratar ainda de homem que encare os nossos problemas apenas pelo ângulo de sua especialidade e dos interesses de sua própria instituição bancária, pelo conceito que disfruta em todas as classes sociais de Pernambuco, sua palavra autorizada sobre os mais palpitantes problemas do momento reveste-se de interesse para os leitores de "Diretrizes".

FASES REMOTAS E CIFRAS SIGNIFICATIVAS

O traço peculiar da personalidade do Sr. Miguel Gastão de Oliveira — por mais estranho que isto pareça num banqueiro — é a simplicidade de maneiras, a simpatia que provoca desde logo um fácil entendimento com todos aqueles que, por motivos vários, entrem em contato com ele. Gestos medidos, voz branda e calma, o Sr. Miguel Gastão de Oliveira põe o seu interlocutor à vontade, eliminando desde logo qualquer embaraço ou timidez.

O Banco do Povo e sua atuação — Cifras expressivas — Inflação e legislação bancária — Cooperação com os nossos aliados da Norte-América — O Brasil é muito rico

Reportagem de Antonio Freire

Mas, quando conversamos longamente, embora interrompidos de quando em quando pelas consultas dos seus auxiliares imediatos ou de um ou outro cliente do alto comércio, surpreendi-o, uma só vez, emocionado. Foi quando relatou fases das lutas passadas, nos momentos de crise que Pernambuco atravessou — crise econômica como a de 30 a 32 por motivos políticos — em que o Banco do Povo teve de enfrentar, com galhardia, as diversas fases de depressão ou tempestade. Esta emoção se

to comercial. Os próprios Bancos com nomes ou finalidades industriais, emprestam o prazo curto ao comércio, a lavou-ra, a toda gente, indistintamente. Assim o Banco do Povo surgindo modestamente em finalidades e propósitos para servir a comunidade pernambucana, conquistou desde logo as simpatias gerais e, pelas nossas estatísticas, fácil é verificar como o vulto de nossas expansões tomou nesses últimos tempos aspectos verdadeiramente impressionantes.

— Realmente — afirmamos



O sr. Miguel Gastão de Oliveira, gerente do Banco do Brasil no Recife

tornou maior ao referir, com carinho, nomes de seus dedicados auxiliares e companheiros de luta.

— Hoje em dia é um fato que toda gente pode constatar — disse-me ele — que os auxiliares do Banco do Povo, do mais graduado ao mais humilde sob o critério de funções exercidas, formam uma só família e família unida. Vivemos todos no Banco e para o Banco: ele absorve todos os nossos pensamentos. Naturalmente esta unidade de interesses e de sentimentos foi alcançada, como se aconter, através de sérias vicissitudes e percalços cuja lembrança porém ainda hoje concorre para tornar mais sólidos os laços de afetividade comum.

A certa altura, a uma observação que fizemos relembrando fatos ligados à evolução do Banco, ele observou, sorrindo:

— Veja bem o seguinte: o nome de nossa instituição revela bem não só sua finalidade, com a modestia com que se originou. Não demos ao nosso estabelecimento bancário nem o nome faustoso de pessoa ou região, nem mesmo segundo determinado objetivo econômico onde aliás nem sempre se detem os Bancos que são fundados sob esse critério. Porque afinal quasi todos eles manipulam o crédito

— não há entre nós uma só voz discrepante quanto a confiança do público e das classes produtoras em relação ao Banco do Povo. Mas gostaríamos de ver as cifras.

— E' muito fácil. Basta coletar este quadro referente ao último quinquênio e hoje de 43. — Indica o saldo dos empréstimos e dos depósitos dos balanços anuais.

Verificamos então o quadro que se segue:

Anos	Empréstimos	Depósitos
1938	28.139.794,80	36.973.656,50
1939	28.694.291,80	39.287.589,20
1940	33.659.790,60	46.632.150,10
1941	43.549.780,30	57.761.933,10
1942	63.139.149,00	90.459.378,50
1943 (1.º semestre)	84.504.480,90	123.864.419,30

Outro fato a assinalar: O capital subscrito do Banco era de Cr\$ 3.000.000,00. No entanto, na primeira assembleia que o Banco realizou para aumentar o capital em mais 9.000.000,00 a subscrição atingiu no entanto a casa dos 12.000.000,00, sem concorrência pública, num prazo de 30 dias, dentro do corpo de acionistas e clientes do Banco, sem ter necessidade de ser feita chamada pelo edital, alcançando assim o capital subscrito a importância de Cr\$ 15.000.000,00.

PROLIFERAÇÃO DE PEQUENOS BANCOS, INFLAÇÃO, LEGISLAÇÃO BANCÁRIA

Conversamos já agora longamente sobre assuntos atuais e os mais diversos. Indagamos sobre o surto que se nos afigura sintomático e alarmante de casas bancárias e de pequenos bancos, principalmente no sul do país, bancos que nascem como se fosse por geração espontânea. O sr. Miguel Gastão de Oliveira concorda, em linhas gerais, com as nossas observações e acrescenta:

— Indubitavelmente o fenômeno tem suas origens em causas meramente especulativas e não, como poderia suceder, com finalidades produtivas. Muitas casas bancárias que surgem assim de um dia para outro destinam-se à agiotagem simplesmente. Não podem, é claro, à falta de sólidas bases financeiras, colaborar no fomento da produção, no desenvolvimento da indústria, na distribuição de capitais. A função principal dos bancos é sem dúvida aumentar o poder aquisitivo, proporcionar o numerário indispensável ao giro dos negócios, às necessidades de grandes empresas industriais. Incrementar a exploração de todas as nossas riquezas, industriais ou agrárias. As chamadas casas bancárias não podem assumir responsabilidade de tamanho vulto e operam quasi sempre sem nenhum objetivo largo e construtivo. Observamos ao Sr. Miguel Gastão de Oliveira que isto é uma resultante da inflação. Sempre acontece ao par da elevação de juros, da alta dos preços e de um elevado "standard" de vida.

COMO ACABAR COM A ESPECULAÇÃO

— Perfeitamente, respondeu. Mas quanto à inflação a que se refere devo observar-vos o seguinte: o Brasil é muito rico. Creio que isto basta. Ainda no tocante ao caso específico da proliferação dos pequenos bancos, acredito que uma legislação bancária mais previdente poderá por cobro à especulação, realizando uma segura classificação de bancos e estabelecendo a exigência de um capital mínimo.

Um banco não é uma brincadeira, uma simples aventura e, nos momentos de depressão ou crise, em face de conjuntura econômica inesperada, o capital é que responde pela garantia dos depositantes.

COOPERAÇÃO COM OS NORTE-AMERICANOS E CONFIANÇA NO FUTURO

A palestra é interrompida novamente. Desta vez é um visitante ilustre, o engenheiro Jerônimo Cavalcanti, prefeito de Belém do Pará, Regressando ao grande Estado do Norte, vem traçar o seu abra-

ço de despedida ao Sr. Miguel Gastão de Oliveira, de quem é velho amigo. Falam do grande surto de progresso que se verifica atualmente no Pará sob o governo do cel. Magalhães Barata a quem o sr. Miguel G. de Oliveira, seu íntimo também em Pernambuco.

— Meu desejo é que os nossos grandes aliados continuem a cooperar conosco por muitos anos ainda. Estamos lucrando muito e teremos muito a ganhar, sobretudo em experiência, com a presença de técnicos e com a afluência de capitais de norte-americanos em nosso país. Em Pernambuco é fácil constatar que se, de fato, o custo de vida, se elevou de alguma maneira, por outro lado subiram os salários, apareceram novas oportunidades comerciais e o Recife, particularmente, tem lucrado muito, sob todos os aspectos, com a permanência de numerosos grupos de técnicos americanos, entre nós. E' este o meu pensamento e acredito que seja também o de todos os pernambucanos e brasileiros leais, sem discrepância. Não tenho a menor dúvida que a solidariedade e a cooperação entre brasileiros e americanos será, de agora em diante, um fato objetivo e concreto. Há uma interdependência de fatores econômicos que nos aproximam cada vez mais. Os fatos estão aí não só nos objetivos de guerra, que são comuns, mas ainda na compreensão dos mesmos ideais políticos, espirituais e econômicos. Marchemos para o futuro, com toda confiança. E não se esqueça disso — disse-nos a sorrir, o Sr. Miguel Gastão de Oliveira — como única resposta, como "leit-motiv", a quaisquer dúvidas ou inquietações quanto ao futuro: "o Brasil é muito rico".

Estas palavras finalizaram a entrevista com o banqueiro do Recife, figura insinuante e das mais distintas, em Pernambuco do "self-made-man" que é, acima de tudo, um "gentleman" e cujas maneiras fidalgas e aguda inteligência trazem à sua palestra motivos de satisfação e prazer.

A CRISE DE HABITAÇÕES E AS MANOBRAS DOS SENHORIOS

(Continuação da 4.ª pág.)

há uma redução de produção de materiais básicos, como o ferro e o cimento, por exemplo.

A crise de habitações e as manobras ilegais que reduzem o encarecimento dos alugueis são coisas ligadas a um problema geral e que é o aumento do custo da vida. Para combater a carestia da vida é preciso combater a inflação e a especulação em geral.

Embora o mar nos separe dos principais teatros da luta armada, muitas consequências da guerra chegam até nós, sequências, porque também temos que suportar essas consequências lutando. Mas é preciso evitar os abusos e as medidas prejudiciais ao interesse nacional e ao esforço de guerra.

Mesmo porque, hoje em dia, os que especulam com alugueis e obtêm lucros acima dos normais, são autênticos "profiteiros" da guerra, e, como tais, sobre eles devem pesar a majoração do imposto de renda ou novos impostos sobre os lucros de guerra.

PARA reduzir-me as travessuras escassas, encerrar-me na ordem, utilizaram diversos elementos: a princípio os lobishomens, que, por serem invisíveis, nenhum efeito produziram; em seguida a religião e a polícia, reveladas nas figuras de padre João Inácio e José da Luz. Resumiram-me o valor dessas autoridades, que admirei e temi de longe, mas quando elas se aproximaram, só o vigário manteve a reputação. José da Luz desprestigiou-se logo. Não havia meio de apresentá-lo sério e firme, capaz de inspirar medo. Um papão ineficaz. Rosto cor de azeitona, a grenha domada a banha de porco, nos olhos espertos a alegria fervilhando, nariz chato, boca larga, provida de armas fortes, ruidosa. Na pele baça nenhuma ruga, nenhuma ruga na blusa, nas calças alisadas a capricho pela Rosenda lavadeira. Limpo, de colarinho lustroso, botinas ringidoras e brilhantes, José da Luz, diferia muito dos policiais comuns, desleixados, amarrotados, provocadores de barulho nas feiras e em pontas de ruas, entre caboclos e meretrizes.

Provavelmente esses homens se comportavam assim por vingança. Tinham, nos duros tempos de paisanos, sofrido repelões e desaforos, dormido na cadeia sem motivo, aguentado nos calos saltos de reunas, zinco no lombo. Vestindo o uniforme, eram isolentes e agressivos, apagavam as humilhações antigas afligindo outros infelizes. Bebiam cachaça, malandravam, torvos, importantes, vagarosos, e o desmazelo — o cinto frouxo, o quepi de banda, o topete ameaçador — dava-lhes consideração. Arredios, obliquos, promoviam sambas e furdunços nas casas de palha, onde as violências passavam despercebidas e ninguém se queixava.

José da Luz chegava-se aos tipos que jogavam gamão e discutiam política. Um caboré enxerido, bem falante, escorregando na companhia dos proprietários. Jeitoso, amavel, com certeza escapava às marchas rigorosas da fôrça volante, às diligências cruas. Não guardava ressentimento, não precisava desforra. Aceitava de coração leve a tarimba. E cantava, fanhoso e mole:

Assentei praça. Na polícia
[eu vivo
Por ser amigo da distinta
[farda.
Agora é tarde. Me recorde e
[penso.
Trabalho imenso. Não se lu-
[cra nada.

José da Luz

(Ilustração de Percy Deane)

Graciliano Ramos

Uma das estrofes terminava com estes versos:

Eu largo a farda, pego no
[capote,
Vou remar no bote: tudo é
[serviço.

José da Luz abria muito o e de **serviço**, prosódia que depois ouvi confirmada em várias terras. Em geral os militares inferiores arrastam

tumavam prender-me algumas horas na loja. Sentenciavam-me sem formalidades, mas o castigo implicava falta. E ali, no silêncio e no isolamento, adivinhando o mistério dos códigos, fiz compridos exames de consciência, tentei catalogar as ações prejudiciais e as inofensivas, desenvolvi à toa o meu diminuto senso moral. Atrapalhava-me perceber que um ato às vezes deter-

encolhido junto ao balcão, provisoriamente em segurança. Estava escrito, era vontade de Deus. E esgueirava-me como um rato, desfazia montes de papel, capim e maravilhas da embalagem, sondava as prateleiras e os caixões.

O castigo moderado, além de inculcar-me as regras de bem viver, tinha o fim de obrigar-me a vigiar o estabelecimento. Enquanto me



a voz na primeira sílaba de **serviço** quando se referem aos misteres da caserna, que deste modo se distinguem das ocupações civis e ordinárias, sem vogal modificada.

Foi nessa cantiga mofina que José da Luz se manifestou, achando excessivas as exigências do ofício. Parecia um desgraçado, na longa choradeira. Afirmaram-me depois que ele era péssimo, e isto me perturbou. Sugeriu-me um terceiro indivíduo, nem triste nem mau. Realmente jovial e bom, meio tonto, ingênuo. Os botões amarelos, a farda vermelha e azul, a distinta farda mencionada no lamento, eram brinquedos.

Nesse tempo, em razão de culpas desconhecidas, cas-

minava punição, outras vezes não determinava. Impossível orientar-me, estabelecer uma norma razoável de procedimento. Mais tarde familiarizei-me com essas incongruências, mas no começo da vida elas me apertavam sem disfarces e me atenuavam. Mexia-me como se andasse entre cacos de vidro. Julgando inúteis as cautelas, curvei-me à fatalidade. Corroboravam esta disposição certas frases ouvidas na sala de jantar e na cozinha: "Que se há-de fazer? Tinha de ser. Foi vontade de Deus. Estava escrito". Ainda hoje suponho que os meus poucos acertos e numerosos escorregos são obras dum destino irônico e safado, fértil em astúcias desconcertantes. Resignava-me,

achava ali, meu pai se distraía pela vizinhança, na parolagem, aos gritos. Alarmava-me com frequência, convenciam-me de que ele estava brigando. O riso grosso de Filipe Benício e o cacarejo de Teotoninho Sabiá tranquilizavam-me. Livre do susto, recolhia-me ao passatempo ordinário e arrancava dele alguma satisfação. De fato as horas pingavam monótonas no espaço que me concediam, mas em qualquer parte à insipidez era a mesma. Proibiam-me sair, e os outros meninos, distantes, causavam-me inveja e receio. Certamente eram perigosos. Afastado, não possuindo bolas de borracha, papagaios e carrinhos de lata, divertia-me com minhas irmãs, a construir casas de

encerado e arreios de animais, no alpendre, e a revolver a milho no armazem. Durante a prisão lembrava-me desses exercícios com pesar. Entretinha-me remexendo as maravilhas, explorando os recantos escuros, observando o trabalho das aranhas e a fuga das baratas. Divaga imaginando o mundo coberto duma população miudinha, homens e mulheres da altura dum polegar de criança. Não me havendo ainda chegado notícias das viagens de Gulliver, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas. Esse povo mirim falava baixinho, zumbindo como as abelhas. Nem palavras ásperas nem arranhões, cocorotes e puxões de orelhas. As desavenças eram quase suaves. E esforcei-me por dirimi-las. Quando os meus insetos saíam dos eixos, revelavam instintos rudes, eram separados, impossibilitados de molestar-se. E recebiam conselhos, diferentes dos conselhos vulgares. Podiam saltar, correr, molhar-se, derrubar cadeiras, esfolar as mãos, deitar barquinhos no enxurro. Nada de zangas. Impedidos os gestos capazes de motivar lágrimas.

Largando esses devaneios, entregava-me à inspeção das mercadorias. Trepava-me na escada, abria caixas, desmanchava pacotes de dobradiças, admirava o mecanismo das fechaduras. Experimentava as chaves, ouvia o tilintar seco, via as linguetas entrando e saindo. Receava que me surpreendessem, reprovassem a curiosidade. Manejando aquilo, talvez rebentasse uma peça lá dentro. Forças ali contidas iriam soltar-se, explodir, jogar-me da escada abaixo. Recordava-me do caso da pistola. Tinha sido anos atrás, na fazenda. Meu tio, hóspede, guardara a arma numa gaveta, recomendando-me que não tocasse nela. Eu havia assegurado não tocar. Sozinho, desejava conhecer de perto a máquina horrível que detonava, matava bichos. Rondara a mesa, reagindo à tentação, sabendo que não resistiria muito tempo. Descerrara a gaveta, com o coração aos baques, jurando não pegar naquele demônio. Era o que havia prometido. Queria apenas vê-lo. Bem, estava ali. Uma garrucha comum, preta, carregada com chumbo e pólvora. Apoiando nela um dedo e não acontecendo nenhum desastre, retirara-a, desvanecendo as precauções. Levantara o gatilho e não conseguira fazê-lo voltar ao descanso. Em seguida me viera a idéia de examinar o conteúdo dum pequeno estojo embutido na coroa
(Continua na 23.ª pág.)

A T. OS PRIMEIROS meses da guerra, Genolino Amado aparecia com frequência nos suplementos de jornal, assinando artigos e ensaios — mais tarde reunidos em livro — sobre variadas questões de literatura e da vida moderna. De repente, o escritor sumiu das colunas onde antes era tão raro faltar a sua colaboração. O fato causou estranheza a muita gente, sobretudo a quem não sabia que só entrara em férias o ensaísta, isto é, o comentarista mais ou menos distraído de assuntos gerais, continuando em plena atividade o outro Genolino Amado, aquele que produz todos os dias, sem assinatura, uma porção de crônicas de rádio e editoriais de imprensa. Ficava o jornalista, a tratar das realidades imediatas do seu tempo; desaparecera o homem de letras, que discutia coisas vagas e distantes, versando problemas sutis da cultura e da vida. No entanto, como este era o mais conhecido, por dar o nome aos seus escritos, muitos pensaram que o autor de "Vozes do Mundo" encerrara a sua atividade intelectual.

Essa impressão, embora falsa, ainda mais se fortaleceu quando Genolino Amado publicou um artigo algo melancólico, em que se despedia dos seus

apenas de fazer divagações literárias em torno de assuntos que já não tinham importância nem mesmo sentido com a deflagração da guerra. E esta não podia ser, principalmente naquela primeira fase tenebrosa, um assunto para divagações e floreios de espírito. O jornalista cumpria o seu dever, fixando pontos de vista sobre as figuras e os fatos do momento mundial. Mas o ensaísta não desejava teorizar os acontecimentos. A sua atitude foi definida assim, no artigo já lembrado: "Para não dizer banalidades líricas em tom profético sobre o destino da Europa e também para não recuar da vida que me cerca, em procura de meros temas de recreação literária, deixei de frequentar os suplementos de jornal". E não são muitas as pessoas que, neste mundo e nos outros, se apresentam assim tão sinceras, com posição tão marcada.

SOU CONTRA O SINDICALISMO LITERÁRIO

Quatro anos depois, Genolino Amado reaparece, com atividade intensa, na crônica e no ensaio assinado. Essa "rentrée" causou tanta surpresa como o próprio afastamento do escritor. Ele, porém, explicou-me o caso:

a queda da França, e enquanto literatos fora da vida ainda discutiam as Cartas Chilenas ou as futilidades estéticas mais em voga, achei melhor, mais sério e mais útil, não falar de coisas que não podia esclarecer e muito menos de coisas que não mais interessavam quando estava sendo jogada a sorte dos povos. Minha atividade intelectual foi então puramente jornalística, debatendo no anonimato dos artigos de imprensa e das crônicas de rádio as figuras e os episódios da guerra, na expressão palpitante de cada dia e buscando afirmar, através dos assuntos coti-

contribuir para o esclarecimento ou, pelo menos, para o debate de problemas populares e até mesmo culturais que já não podem nem devem ficar à margem de discussão. Outros — e melhor do que eu — já começaram a fazer a mesma coisa. E é preciso que todos o façam, pois a inteligência brasileira tem de renovar-se para que possa ser um instrumento de renovação. E é por isso também que não tenho vacilado em chamar a atenção para as "inocências do Leblon", para as guerras microscópicas das vaidadezinhas contrariadas, para os romancistas que tanto

pausa. Declara depois, muito sério:

— Sou contra o sindicalismo literário! Sou contra os sindicatos que se instalaram nas portas das livrarias! Sou contra o academicismo e as superstições da "cadeia da felicidade". Como não pertencço a nenhum grupo, como não sou um reacionário nem um retardado intelectual, como não se poderá dizer que ajo por despeito, já que não tenho mais reivindicações literárias a fazer, minha atitude só pode ser esta: lamentar toda essa gente nova que está envelhecendo de propósito e depressa para poder se compor no ambiente de decrepitude que predomina, lutar para que a inteligência brasileira seja uma força atuante e não um jogo de prendas.

UMA BIOGRAFIA

Hoje (estou escrevendo no dia 8) faz precisamente quatro anos que Genolino Amado me deu sua primeira entrevista. Tudo parece se repetir: o apartamento é outro, mas continua diante do mar, e somente um poeta conhecedor do assunto descobriria nesta chuva de agora qualquer diferença da chuva que despencou sobre o Rio no dia 8 de agosto de 1939. Na nossa primeira conversa, em 39, Genolino Amado falou-me principalmente de sua vida. Era costume da época. Fora um menino doente, metido dentro de casa, uma enorme casa de uma vila sergipana, rodeada de canaviais. Porque não podia brincar com os outros meninos, devido às febres, aos cansaços, ao mal-estar constante, inclinou-se para os livros.

— Uma bronquite de muitos anos, agravada por uma timidez tremenda e por um nervosismo exasperado e exasperante, me obrigava a viver quase sempre empacotado e aborrecido dentro de casa, longe dos brinquedos turbulentos e gostosos da rua, receoso de correntes de ar e dos músculos esportivos da molecada gritadora, bravia e feliz. O resultado é que dei para ler e acharam que eu devia ser homem de letras. Não é que se confiasse muito nas possibilidades de meu espírito. E' que se desconfiava muitíssimo da saúde de meu corpo. A literatura era um esperto "truc" da família para me afastar de traquinadas mais ativas e fisicamente mais perigosas. O certo é que — oh! vergonha, oh! tristeza — aos dez ou doze anos eu andava em casa às voltas com um detestável tratado de metrificação e sonhava receber como presente de festas um dicionário de rimas.

Mas o poeta ficou lá mesmo em Itaporanga. Genolino fez versos, às centenas, aos milhares, mas nunca os publicou. Ele hoje diz isto com uma espécie de felicidade. "Você não pode calcular o prazer que nos dá, depois dos trinta anos, o fato de nunca termos publicado os versos da infância". Logo que o poeta morreu ou ficou metido nas gavetas, surgiu o jornalista. Esta era uma vocação mais forte. Em Itabuna, no sul da Baía, onde passava as férias escolares, Genolino fundou e escreveu o seu primeiro jornal. Tratava-se de um pedaço de

papel, de tamanho mínimo, cheio de comentários e palpites sobre a vida da cidade. Viviam da venda avulsa, e vivia folgado. Um jornalista tem que ser um homem culto — pensava Genolino naquele tempo — e começou a devorar tudo que caía sob seus olhos. "Era uma mistura danada de Victor Hugo, Blasco Ibañez, Rubem Daró, versos de Bilac e histórias de Zevaco, Alexandre Dumas às voltas com Dickens e no meio de tudo isso, entre parágrafos de Coelho Neto e dralhões choramingas de Camilo Castelo Branco, traduções horríveis de Kropotkine e Bachelard". Ele conta que, mais tarde, a confusão livresca se gravou com o aparecimento de uma livraria espanhola, na capital baiana, que passou a lhe fornecer tudo o que aparecia de Vargas Llosa e Gomez Carrillo, a preços bastante módicos.

— Essa livraria — afirma Genolino — la estragando quase toda a minha geração na Baía.

E' dessa época também o encontro com o velho Campos, diretor da Biblioteca Pública de Salvador. Há poucos dias, na revista "Leitura", Genolino lembrou, numa crônica, a figura do velho Campos, o melhor dos homens e o mais desmazelado de todos os funcionários públicos. "Foi o tipo que, em toda minha vida, mais me impressionou". Sob a influência do velho Campos, veio a leitura dos clássicos, porque o diretor da Biblioteca não concebia nada a quem de Shakespeare e Cervantes.

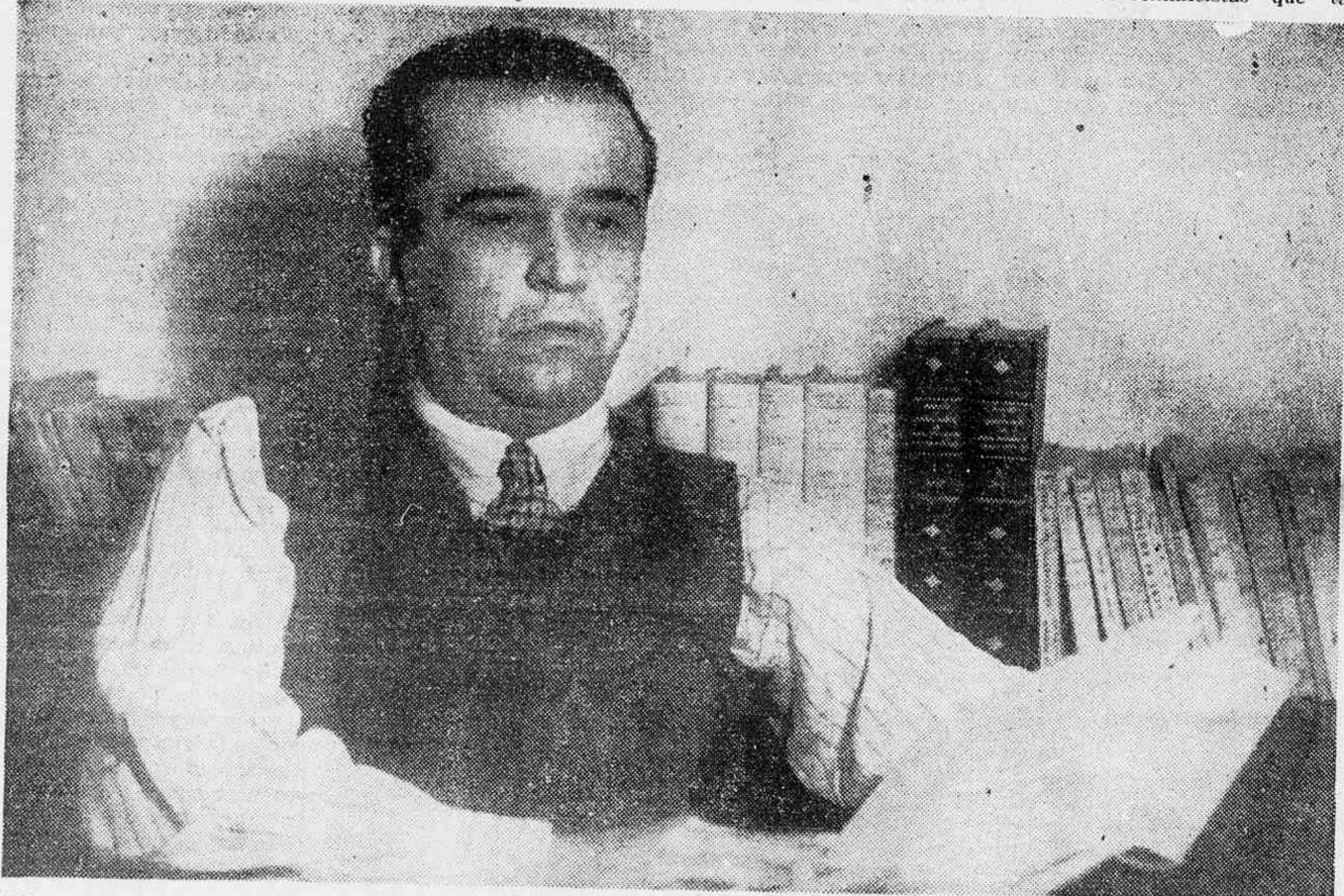
— A não ser Gilberto Amado, meu grande e decisivo guia na fase posterior, o verdadeiro responsável pela completa formação do meu espírito, a ninguém devo mais, sob o ponto de vista cultural, do que a esse precioso e comovido velhinho caturra da Baía, um tanto amalucado com a sua mania de descobrir a quadratura do círculo, mas dono de raro senso crítico em assuntos de letras. O resultado de minha amizade com o velho Campos foi o de que, aos vinte anos, eu já havia lido e relido quase todo o Shakespeare, era íntimo de D. Quixote, conhecia a maior parte de Racine e Corneille, vivia a conversar com Voltaire e enciclopedistas do Século XVIII, entrara pelo teatro de Lessing e Schiller.

Depois veio a intoxicação de Byron e D'Annunzio, depois veio a necessidade urgente de escrever um livro. O livro seria à moda de Carlyle, e trataria dos heróis verde-amarelos. Teria um título mais ou menos imponente: "A Simplicidade dos heróis Brasileiros". Mas tudo ficou nos planos da adolescência. Em seguida, foi a Faculdade de Direito da Baía.

A INTELIGÊNCIA É' AÍ INSTRUMENTO PARA A VIDA

Genolino confessa que não sentiu nenhuma alegria quando iniciou seu curso de Direito. No meio dele, veio para o Rio, onde fez os três últimos anos que faltavam.

— Os três anos e pico que passei aqui foram decisivos para a minha formação. A convivência de Gilberto Amado fez que se assentasse pouco a pouco o mundo revoltado de tantas impressões recebidas desordenadamente, em anos de leitura intensa, sem método, sem programa, disparatada.



"Não ajo por despeito, pois não tenho mais reivindicações literárias a fazer. O que não aceito é a superstição da 'cadeia da felicidade' — declara Genolino Amado.

leitores de suplemento dominical e explicava as razões por que deixara de escrever ensaios. "Já morreram — dizia ele — quase todas as coisas que antes compreendia. Talvez mesmo já estivessem mortas quando a guerra começou. Mas, se ainda era fácil então iludir-se com a sua aparência de vida, daí por diante esse engano existe apenas para o coitadinho tonto, para o pobre ser inhumano, para o triste acúmulo de ingenuidade e de insensibilidade que se chama o "literato" ou, pior ainda, o "intelectual".

Lembro-me dos comentários que vieram depois do artigo de Genolino. Um escritor, que dias antes discutia sobre Proust e que agora discutia, como técnico autorizado, a batalha da França (uma afirmação sua, viva dentro dos meus ouvidos; "Os alemães" nunca chegarão a Paris!)" me disse à porta da José Olímpio:

— Genolino fugiu da guerra. Isso é uma fuga!

E era exatamente o contrário. Genolino Amado deixara

— Quando a guerra me apareceu em toda a sua verdade terrível, como a fase decisiva e culminante de um longo processo histórico para a destruição de um mundo velho e a construção de um mundo novo, a grandeza dos acontecimentos superava a capacidade crítica dos indivíduos. Só os ingénios e os pretenciosos poderiam julgar-se aptos a interpretar, no frêmito do cataclismo, o sentido das imensas forças desencadeadas. Era fácil tomar posição e eu a tomei desde logo, contra o nazismo e o seu horror reacionário. Mas era quase impossível compreender até onde iria nos arrastar a torrente da História. A única atitude justa era, ao meu ver, ficar humilde diante do fato, sabendo porque lutava na sua trincheira, mas

sem pretender analisar o conjunto da batalha. Esquecê-la seria, por outro lado, mostrar-se insensível ao drama do mundo, ao nosso próprio drama. Por isso, enquanto gordos poetas aproveitavam o intervalo dos seus negócios igualmente gordos para emitir gemidos sobre

dianos, o sentimento brasileiro de repulsa a todos os elementos de reação e obscurantismo.

E mais:

— Agora, porém, a grande noite em que vinhamos combatendo já se dilui no alvorecer do mundo. A luta desesperada, no escuro, transformou-se na esperança que vê o seu caminho. Com a batalha virtualmente ganha, já podemos nos preparar para que a vitória não seja um fim, mas também um começo, uma força criadora e não somente restauradora. Os assuntos da paz já predominam sobre os assuntos da guerra. Questões que ontem eram inoportunas, inadequadas ao momento político e intelectual, são hoje oportuníssimas e exigem comentário. Foi por isso que decidi reaparecer com os meus artigos e aceitei o honroso convite de Assis Chateaubriand para escrever cotidianamente a crônica de atualidade que os maiores órgãos dos "Diários Associados" publicam, ao mesmo tempo, no Rio e nos Estados. E' a minha forma de

cuidam de futebol, para os sociólogos que fazem evocações recreativas, quando não organizam receitas de doce e discutem a qualidade dos charutos; para o sindicalismo da crítica literária, posta a serviço de grupos fechados, favorecendo velhos amigos e desconhecendo os talentos novos, sem fazer um estudo honesto das obras e dos autores; para as jovens decrepitudes professorais, atolhadas na gramática, cuja impotência criadora tenta se disfarçar por detrás de uma cortina de pronomes bem colocados, exigindo que se escreva hoje na mesma língua dos fradaldões, dos campônios, dos marujos portugueses, dos poetas que se meteram nos negócios ou que trocaram a sua missão renovadora pelos interesses acadêmicos; para a máquina de fabricação de gloriolas que se instalou em colunas e rodapés de jornais, em proveito dos acionistas e sacrifício de todos os valores que não foram ou não quiseram ser incluídos nesta indústria de elogios combinados.

Genolino Amado faz uma

OS SINDICATOS LITERARIOS!

O DENÚNCIA A "IAS" INTELLECTUAIS

causa. Declara depois, muito sério: — Sou contra o sindicalismo literário! Sou contra os sindicatos que se instalaram nas portas das livrarias! Sou contra o academicismo e as superstições da "cadeia da felicidade". Como não pertence a nenhum grupo, como não sou um funcionário nem um retardado intelectual, como não se pode dizer que ajo por despeito, já que não tenho mais reivindicações literárias a fazer, minha atitude só pode ser esta: lamentar toda essa gente nova que está envelhecendo de propósito e depressa para poder sempre no ambiente de decretação que predomina, lutar para que a inteligência brasileira seja uma força atuante não um jogo de prendas.

UMA BIOGRAFIA

Hoje (estou escrevendo no dia 8) faz precisamente quatro anos que Genolino Amado me deu sua primeira entrevista. Isso parece se repetir: o apartamento é outro, mas continua ante do mar, e somente um poeta conhecedor do assunto descobriria nesta chuva de orla qualquer diferença da nova que despençou sobre o dia 8 de agosto de 1939. Nossa primeira conversa, em Genolino Amado falou-me principalmente de sua vida, do costume da época. Fora um menino doente, metido dentro de casa, uma enorme mãe de uma vila sergipana, cheia de canaviais. Porque não podia brincar com os outros meninos, devido às febres, cansaços, ao mal-estar constante, inclinou-se para os estudos. — Uma bronquite de muitos anos, agravada por uma timidez tremenda e por um nervosismo exasperado e exasperante obrigava a viver quase sempre empacotado e aborrecido dentro de casa, longe dos ruídos turbulentos e gostos da rua, receoso de cortes de ar e dos músculos estívidos da molecada gritado-bravava e feliz. O resultado foi de ler e acharam que eu devia ser homem de letras. Não é que se confiasse tanto nas possibilidades de espírito. É que se desconfiava muitíssimo da saúde do corpo. A literatura era o esperto "truc" da família para me afastar de traquinagens mais ativas e fisicamente perigosas. O certo é que oh! vergonha, oh! tristeza dos dez ou doze anos eu andava em casa às voltas com o detestável tratado de mecânica e sonhava receber o presente de festas um diário de rimas. — Mas o poeta ficou lá mesmo em Itaporanga. Genolino fez anos, às centenas, aos milhares nunca os publicou. Ele diz isto com uma espécie de felicidade. "Você não pode falar o prazer que nos dá, pois dos trinta anos, o fato nunca termos publicado os seus da infância". Logo que esta morreu ou ficou metido em gavetas, surgiu o jornalismo. Esta era uma vocação mais forte. Em Itabuna, no sul da Bahia, onde passava as férias escolares, Genolino fundou e escreveu o seu primeiro jornal. Passava-se de um pedaço de

papel, de tamanho mínimo, cheio de comentários e palpites sobre a vida da cidade. Vivia da venda avulsa, e vivia folgado. Um jornalista tem que ser um homem culto — pensava Genolino naquele tempo — e começou a devorar tudo que caía sob seus olhos. "Era uma mistura danada de Victor Hugo, Blasco Ibañez, Rubem Dario, versos de Bilac e histórias de Zevaco, Alexandre Dumas às voltas com Dickens e no meio de tudo isso, entre parágrafos de Coelho Neto e drambhões choramingas de Camilo Castelo Branco, traduções horríveis de Kropotkin e Bounine". Ele conta que, mais tarde, a confusão livresca se travou com o aparecimento de uma livraria espanhola, na capital baiana, que passou a lhe fornecer tudo o que aparecia de Vargas Vilas e Gomez Carrillo, a preços bastante módicos.

— Essa livraria — afirma Genolino — la estragando quase toda a minha geração na Bahia.

E' dessa época também o encontro com o velho Campos, diretor da Biblioteca Pública de Salvador. Há poucos dias, na revista "Leitura", Genolino lembrou, numa crônica, a figura do velho Campos, o melhor dos homens e o mais desmazelado de todos os funcionários públicos. "Foi o tipo que, em toda minha vida, mais me impressionou". Sob a influência do velho Campos, veio a leitura dos clássicos, porque o diretor da Biblioteca não concebia nada aquém de Shakespeare e Cervantes.

— A não ser Gilberto Amado, meu grande e decisivo guia na fase posterior, o verdadeiro responsável pela completa formação do meu espírito, a ninguém devo mais, sob o ponto de vista cultural, do que a esse precioso e comovente velhinho caturra da Bahia, um tanto amalucado com a sua mania de descobrir a quadratura do círculo, mas dono de raro senso crítico em assuntos de letras. O resultado de minha amizade com o velho Campos foi o de que, aos vinte anos, eu já havia lido e relido quase todo o Shakespeare, era íntimo de D. Quixote, conhecia a maior parte de Racine e Corneille, vivia a conversar com Voltaire e enciclopedistas do Século XVIII, entrava pelo teatro de Lessing e Schiller.

Depois veio a intoxicação de Byron e D'Annunzio, depois veio a necessidade urgente de escrever um livro. O livro seria à moda de Carlyle, e trataria dos heróis verde-amarelos. Teria um título mais ou menos imponente: "A Simplicidade dos heróis Brasileiros". Mas tudo ficou nos planos da adolescência. Em seguida, foi a Faculdade de Direito da Bahia.

A INTELIGÊNCIA É UM INSTRUMENTO PARA A VIDA

Genolino confessa que não sentiu nenhuma alegria quando iniciou seu curso de Direito. No meio dele, veio para o Rio, onde fez os três últimos anos que faltavam.

— Os três anos e pico que passei aqui foram decisivos para a minha formação. A convivência de Gilberto Amado fez que se assentasse pouco a pouco o mundo revolto de tantas impressões recebidas desordenadamente, em anos de leitura intensa, sem método, sem programa, disparatada,

"Sou contra a máquina de fabricação de gloriolas que se instalou em colunas e rodapés de jornais, em proveito dos acionistas e sacrifício de todos os talentos novos que não foram ou não quiseram ser incluídos nesta indústria de elogios combinados", declara Genolino Amado — Porque deixou de escrever, em 1939, e porque voltou ao jornal, em 1943 — A guerra já não é mais um mistério — Os problemas da paz no mundo do futuro — Ligeira biografia — Duas influências: o velho Campos e Gilberto Amado — A história de um cataclisma, ou uma gargalhada destrói um mundo artificial e literário — "Não sou um despeitado porque não tenho mais reivindicações literárias a fazer" — O prazer de não ter publicado os versos da juventude — Rádio e Literatura — "Diante do mundo novo".

Reportagem de JOEL SILVEIRA

E mais:

— Comecei a entender que a inteligência era instrumento para a vida, para a compreensão da gente e das coisas vivas, era uma força atuante, uma graça, um dom, uma festa da realidade. Escrever principiava a parecer-me muito menos importante do que viver.

O CATACLISMA

Foi, então que se deu um grande cataclisma na vida de Genolino Amado. É a palavra que ele emprega: cataclisma.

— Isto mesmo: um cataclisma. É que eu me encontrei

com o "humour" inglês. Foi uma transformação em regra. Virei-me pelo avesso. Bernard Shaw e Chesterton me fizeram outro. Até então, eu ainda era meio enfático, cheio de cacoties. Tudo isso ruuiu, como sob a ação de um terremoto de riso. Tudo: o meu falso danunzianismo, o meu precário Nietzsche e, para efeito de exaltações ilusórias, todo o meu Carlyle.

Genolino garante que os humoristas ingleses atuaram até, de modo muito benéfico, na sua saúde. O rapaz que, até então, era uma pilha de nervos, passou a saber controlar-se, e o que era intransigên-

cia. Ele nos diz tudo isso agoravou tolerância e até indulgência, e acrescenta:

— Creio até que engordei.

A descoberta dos ingleses trouxe, também, outra consequência para Genolino Amado: e que ele, um dia, chegou à conclusão de que não devia mais escrever. Tinha que tratar de outras coisas e deixar jornal e literatura de lado. Foi por essa época que se viu bacharel, com um pomposo diploma da Faculdade de Direito do Distrito Federal. Do outro lado da Faculdade, era a vida, a obrigação de conquistar o pão de cada dia, a luta diária. Genolino mediu suas forças, suas habilidades, suas armas — quase nulas.

— Eu era apenas um bacharel, que não sabia nada de Direito, mas que teria de advogar, pela falta de outra solução como meio de existência. Não me passava pela idéia que poderia ganhar a vida escrevendo, como faço agora. O tempo não era próprio para isso e, numa súbita reviravolta, estava convencido de que não tinha mesmo jeito nem vocação para escritor.

Vai para São Paulo, tentar a advocacia. Mas no dia seguinte, por uma dessas coisas que acontecem de vez em quando na vida de um cavalheiro, dá-se uma vaga no "Correio Paulistano", então castelo do P. R. P. — Genolino é convidado para a vaga. Isto significa que, no dia seguinte à sua chegada a São Paulo, Genolino estava sentado na redação de um jornal, com a obrigação de escrever uma crônica diária, em substituição a Menotti del Picchia. Durante muito tempo, Genolino escreveu no "Correio" com pseudônimo.

UM ARTIGO CONTRA PLINIO SALGADO

Mas um dia, em 1928, Genolino Amado publica no "Correio Paulistano" o seu primeiro artigo assinado. Tratava-se de um terrível libelo literário contra "O Estrangeiro", de Plínio Salgado, que acabava de aparecer. Os grupos perrepostas de São Paulo estavam alvoroçados com o livro: diziam eles que se tratava de algo novo na literatura, que afinal surgira o romancista do Brasil, coisas assim. Genolino Amado leu o livro, com muita atenção, e não encontrou nenhuma daquelas virtudes. O que achou foi muita literatura, ou, por outra

muita literatice, muita demagogia, muito falso verde-amarelismo, muita rima de terceira categoria, muito devaneio doente — enfim, todo esse arcaísmo "poético e cultural" que, cinco anos depois, geraria o malfadado Integralismo. O desencanto foi tão grande que Genolino não aguentou: escreveu um longo artigo, muito corajoso, pondo a literatura de Plínio no seu devido lugar.

— O secretário do "Correio" — diz-nos ele — recebeu o artigo, sem saber que era contra Plínio Salgado, e mandou para a oficina. No outro dia, saía o meu trabalho, o primeiro que eu assinava, com grande destaque. Foi uma coisa louca. Plínio mandava lá dentro.

E Genolino acrescenta: — Até hoje, o meu juízo crítico sobre Plínio Salgado e sua literatura continua o mesmo. "O Estrangeiro" é de uma estupididade única. Tenho muito orgulho daquele meu artigo de 1928, não pela importância do assunto, que era nenhuma, mas pelo instinto que me fez ver, com antecipação, o erro em que muita gente caiu e ia cair.

"O RESTO SE PASSOU FORA DE MIM"

Genolino passou um ano e meio no jornal. Várias coisas aconteceram depois na sua vida, coisas que ele assim resume:

— O resto se passou fora de mim, ao jogo da vida. Deixei o jornal, despreocupe-me de escrever e fui um jovem e próspero burocrata até outubro de 1930. A revolução me fez o benefício de tirar o cargo. Assis Chateaubriand chamou-me para os seus diários paulistas, onde comeci a fazer o suplemento literário e a escrever crônicas diárias.

E ainda: — Fui para o jornalismo porque não sabia fazer mais nada. Mas, quando dei por mim, estava escrevendo diariamente para cinco jornais, com produção cotidiana de quase uma dúzia de artigos, crônicas, tópicos, etc.

Flizemos uma pergunta a Genolino: como é que ele entrou para a literatura de rádio? Ele explica:

— A idéia surgiu em 1932, numa conversa com Origenes Lessa, que então chefiava a publicidade da Rádio Record. Era uma idéia simples: fazer literatura e jornalismo adaptados aos microfones. Dias depois, boquiaberto com o êxito da iniciativa, ou, por outra

(Continua na 25.ª pag.)



Genolino Amado é um dos escritores mais bem pagos do Brasil. Em compensação, é um dos que mais trabalham. De meio dia até o começo da noite, ele dita à sua secretária artigos, crônicas e programas de rádio.

Inédito no Brasil: 2.000 exemplares vendidos antes que o livro saísse!

O que aconteceu em consequência de intensa e bem feita propaganda — Uma editora que entrou com o pé direito e assegurou que prestará enormes serviços à educação literária do povo — Propaganda, boa propaganda, propaganda bem orientada para suprir o que não há no curso ginásial: iniciação e educação literárias — Fala-nos o sr. Frederico Chateaubriand

JAMAIS se lançou no país, com tão inteligente e intensa campanha publicitária, uma organização editorial como a Editora Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S. A. Sua propaganda já está se refletindo na própria norma de ação das editoras antigas do país, quase todas avessas, até então, à propaganda técnica e em grande escala. Somente alguns raros livros vinham merecendo dos editores o valioso cuidado da preparação de terreno junto ao público, que é feita pela propaganda técnica e que só essa propaganda pôde suprir.

LIVRO VENDIDO ANTES DE SER LANÇADO!

Tinhamos ouvido já um curioso rumor a respeito de um dos primeiros livros prometidos pela nova editora, o já popular "O último trem de Berlim". Informaram-nos que a intensidade da propaganda desenvolvida pelos "Diários Associados", através dos seus numerosos veículos publicitários, resultara num caso inédito no mercado de livros do país: antes de editado, já "O último trem de Berlim" contava com pedidos cujo volume total se avizinhava aos 2.000, número de muitas das nossa "grandes" edições.

A ser verdade esse fato, ele trazia consequências novas para nossa literatura: a certeza de que a boa propaganda auxilia de fato o sucesso do livro, tanto quanto a qualidade deste. Realmente, quanta gente não compra esse ou aquele livro sobre tal assunto, por não ter tido, à mão, amplas informações sobre o mesmo, apresentadas na forma atraente e agradável como a propaganda especializada, às vezes muito mais atraente que os artigos pesados, embora consagrados, de certos críticos...

Procuramos então um dos diretores da nova Editora, o sr. Frederico Chateaubriand, e o inquirimos sobre a veracidade do que se propalava.

E' verdade, sim, disse satisfeito o novo e jovem editor. Verdade e, vou confessar apesar do que eu próprio esperava: uma bela surpresa. O livro estava ainda em composição, e os pedidos começaram a chegar. E vieram numa proporção mais do que otimista.

Tais foram as primeiras palavras de Frederico Chateaubriand na desprezenciosa palestra que caracterizou o nosso encontro com o jovem diretor que, ao lado de Leão Gondin de Oliveira, e de Accioly Netto, supervisiona um dos mais audaciosos e promissores movimentos editoriais já lançados no Brasil.

SERVIÇOS A TODOS QUE VIVEM DA PENA

— Este sucesso inicial, acenhou Frederico Chateaubriand, não significa para nós uma questão de sorte ou loteria. Não. Nós o esperavamos, embora mais modesto. Nós o esperavamos porque temos consciência do valor da norma de ação que impuzemos às nossas atividades editoriais: a de fazer propaganda dos livros. Aliás, sob esse ponto de vista, "DIRETRIZES" pode até dizer que, sem pretensão, vamos prestar um serviço à literatura brasileira, aos escritores do país e a todos que desejam o progresso intelectual de nossa terra e nossa gente. Não é que queiramos dizer que nossa editora não será uma atividade comercial. A Editora Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S. A. o é realmente, e nem podia deixar de sê-lo. O que afirmamos, porém, com absoluta convicção, é que, de nossas atividades, resultarão benefícios concretos para a difusão do pensamento do Brasil. Isto é, temos a intenção de suprir de algum modo a grande lacuna, a incompreensível lacuna do nosso ensi-

no de humanidades: a não existência de educação ou iniciação literária no curso ginásial.

Essa resoluta afirmativa do nosso entrevistado aguçou-nos mais a curiosidade pelo pensamento do moço que, sem tibidezes, está participando de uma vultosa iniciativa, como o é a editora recém-lançada. Frederico Chateaubriand prosseguiu:

— Sim, esse grande e enorme público perdido que temos pelo

Já imaginou o número enorme, colossal, de pessoas que tem o curso ginásial e o superior, mas que no entanto tem estado à margem nas estatísticas de prováveis compradores de livros? São centenas de milhares os brasileiros com curso de humanidades ou superior!... No entanto, como é triste dizê-lo, por ora os que adquirem livros são apenas alguns milhares, raramente uma dezena de milhares. Tudo



O sr. Frederico Chateaubriand no momento em que falava a DIRETRIZES

Brasil afóra, isto é, o público que tem capacidade e situação econômica para lêr mas não lê, porque não recebeu ou não teve educação ou iniciação literária, esse público irá tomar conhecimento da existência, do conteúdo, da importância e da utilidade dos livros úteis e importantes, que lançáremos. Vamos aplicar, no terreno editorial, essa admirável força educativa e persuasora que o tino prático dos americanos soube elevar ao máximo grau nas suas atividades: a propaganda. A Editora Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S. A. aparelhou-se de tal modo nesse ponto, que o Brasil inteiro saberá que foi publicado um grande livro, sempre que publicáremos um grande livro. A grande força difusora das dezenas de jornais, das revistas e das emissoras dos "Diários Associados" encaminhará a atenção do público para as obras de grande valor literário, ou filosófico, histórico ou social, que pretendemos divulgar.

ESFORÇO EM PROL DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA

— Tenho convicção do que estou lhe afirmando, acenhou mais uma vez Frederico Chateaubriand. Essa intensa campanha publicitária levará até aos homens instruídos — mas que por falta da tal iniciação literária ficaram somente na árdua leitura de livros de sua profissão ou especialidade — essa enorme publicidade que levará ao efeito natural da publicidade: a curiosidade, ao comentário e, finalmente, à aquisição do bom livro anunciado. E você pode imaginar o que a conquista desses "letrados indiferentes" significará como merecido para os livros nacionais ou estrangeiros editados no país?

porque no ginásio esse imenso número de homens profissionalmente instruídos não teve, para guiar seu apetite mental, professores de uma cadeira inexplicavelmente inexistente: a de literatura.

UMA LACUNA INCONCEBÍVEL NA VIDA INTELECTUAL DO PAÍS

— Aliás, acentua Frederico Chateaubriand, isso não é bem inexplicável: é inconcebível. Num curso de humanidades, recheado de algumas matérias inúteis na vida prática, e nele colocadas sob a desculpa de "erudição", não se incluiu a que justamente torna mais erudito e mais universal o espírito do homem: a de literatura. Todos nós sabemos o que significam hoje em dia, na existência dos povos, ao seu próprio destino, os grandes livros — de imaginação, criação ou interpretação da vida dos homens como indivíduos ou sociedade. E no entanto, nossos jovens são levados a recheiar a cabeça com estudos exaustivos de línguas mortas ou semi-mortas, assunto mais para colecionadores de curiosidades ou conservadores de museus.

E finalizando, Frederico Chateaubriand afirmou:

— Procuraremos então mostrar a todos que sabem lêr no Brasil que há um mundo novo e imenso, que foi guardado à sua sã curiosidade. Vamos pôr livros nas mãos do povo de todas as classes, tal como o precipitou o poeta. A intensa propaganda que planejamos para cada um dos grandes livros que lançáremos irá abrindo caminho, no espírito do grande público, para esse sadio, útil e — porque não dizê-lo — até patriótico hábito da boa leitura.

FAÇA A SUA PERGUNTA

("Diretrizes" encarrega-se do encaminhamento da correspondência que os leitores quiserem enviar a escritores residentes nesta Capital).

BARBACENA — Infelizmente não podemos dar maiores detalhes a respeito do Concurso Literário das Nações Unidas promovido pela firma Hutchinson Co. de Nova York. Vamos nos interessar para obter mais notícias e logo que as tivermos anunciaremos nesta seção.

Adamastode (Belo Horizonte) — O sr. Hermes Lima está preparando, sim, um livro sobre os novos rumos do pensamento americano. Acreditamos que seja um livro de grande interesse e de grandes qualidades literárias. Quanto ao endereço do sr. Anísio Teixeira poderá enviar cartas para a Sucursal de Diretrizes em S. Salvador que fará o encaminhamento. Quanto à terceira pergunta: baiano. Quarta: o endereço: Jardim da Piedade, 10 — S. Salvador. Quanto à última pergunta podemos responder que é uma opinião do nosso crítico. Breve ele elucidará o assunto. Não pense, contudo, que o sociólogo a que se refere seja tão ao lado do povo assim. Vá duvidando...

W. L. — Pode vir procurar o número da revista a que se refere.

A. F. — Não podemos saber nada a respeito do concurso "Prêmio José de Alencar", como pede. A ala narra o que aconteceu. A maior prova para responder à decisão do júri seria publicar os livros condenados. Ai o público daria a sua sentença.

L. T. — Não podemos revelar quem é o autor da seção "Panorama da Crítica", seção criada pela revista, com a responsabilidade da revista. Quanto aos desaforos que um dos nossos redatores poderia ter recebido, podem ficar em porta de livraria. Insultos e outras demonstrações de cólera não são assunto literário. A nossa seção não tem cunho pessoal nem agride ninguém. Agradecemos o seu aviso e fique certo de que o redator de que fala e pretendido autor da seção está acima das pequenas calúnias e dos insultos.

Leonel (Belém do Pará) — Fischer é um editor de Vichy, e é só o que podemos dizer a respeito desse cavalheiro, tão ambíguo e tão reacionário que editou um livro de Weigand.

F. G. (Petrópolis) — Dias da Costa reside nesta Capital, é técnico de educação e promete um livro de contos. Podemos assegurar que o livro de contos de Anibal Machado vai sair. O sr. Sérgio Buarque de Holanda trabalha no Instituto do Livro e o sr. Osório Borba pode ser procurado no "Diário de Notícias", à noite. O sr. José Geraldo Vieira não reside nesta Capital.

G. T. (Rio) — Lin Yutang encontra-se atualmente nos Estados Unidos.

L. E. (S. Paulo) — Não há nas livrarias desta Capital obras de Rilke em francês. Também podemos afirmar que não há Proust.

O. K. (Rio) — O nosso companheiro Edson Carneiro é baiano. O sr. Viana Moog foi aos Estados Unidos em missão semi-oficial, não sabemos bem.

G. E. — O sr. Herman Lima pode ser procurado na "Revista da Semana". Não sabemos se o sr. Castro Rebelo tem algum livro a publicar.

D. L. (Porto Alegre) — O poeta Sosigenes Costa mora em Ilheus e talvez vá publicar um livro de poemas.

B. E. (Aracajú) — Sua sugestão é muito boa. Vamos pensar.

K. (Vitória) — O sr. Antonio Cândido reside em São Paulo, é crítico da "Folha da Manhã". A respeito do crítico de que fala estamos de acordo. Inicialmente parecia entender do ofício, depois publicou um livro que exhibe a corrupção total do crítico e daí em diante ninguém mais pode acreditar nele. Falta-lhe escrúpulo e tudo que escreve é a dinheiro e em função do dinheiro. Não há esperanças de salvação.

P. V. (S. Paulo) — Joel não é irmão de Miroel Silveira. Nem ao menos são primos...

A ALMA DE ANTON PAVLOWITCH TCHEKOFF

MAXIMO GORKI

CERTO DIA, ele me convidou para visitá-lo em Koutchouk-Koij, onde possuía um pedaço de terra e uma casinha branca de dois andares. Ao mostrar-me os seus domínios, disse-me com animação:

— Se eu tivesse muito dinheiro, construiria um sanatório para os mestres do camponês. Construiria um grande edifício, claro, muito claro, com enormes janelas e altos telhados. Faria uma formosa biblioteca, compraria diversos instrumentos de música, colméias, prepararia uma horta e um jardim. Daria conferências sobre agronomia e meteorologia. O professor deve saber tudo, Gorki, tudo...

Calou-se subitamente, começou a tossir, lançou-me um olhar oblíquo, e com aquele sorriso doce que atrai a toda a gente, procurava dar maior interesse às suas palavras:

— Você se aborrece em escutar as minhas fantasias? Eu gosto de falar disso... Se você soubesse como é necessário no interior russo o professor inteligente e bom! Sem uma ampla ilustração do povo o Estado se ruiria como uma casa sem alicerces. E' preciso hoje mesmo dar uma maior posição ao professor do campo. Que é que vemos hoje? Em lugar de um artista enamorado de sua vocação, um funcionário pouco instruído que vai ensinar às crianças das aldeias com tanto entusiasmo como se fosse para o desterro. Sente fome, está oprimido e trema ante a ideia de perder esse meio de vida. E' preciso que seja o primeiro da aldeia, que possa responder a todas as perguntas do lavrador, que este reconheça nele uma força digna de atenção e de respeito, que ninguém se atreva a superá-lo nem a injuriá-lo, como agora qualquer um faz: o oficial, o banqueiro, o cura, o guarda, o praticante, o médico, e o funcionário que ostenta o título de inspetor de escolas, mas que, na verdade, se preocupa muito mais com a remessa dos relatórios à Diretoria Geral do que com o melhoramento do ensino. E é estúpido pagar com algum dinheiro o homem que vai instruir o povo. Instruir o povo!... Não; é preciso que esse homem não ande mais vestido de farrapos, não trema de frio nas classes úmidas e impróprias, nem sofra de laringitix, tuberculose, reumatismo aos trinta anos... E' uma vergonha para nós. Durante oito ou nove meses do ano vive como um ermitão, não encontra ninguém para trocar palavras; embrutece na solidão, sem livros nem distrações, e, se conviça os seus camaradas, é acusado de conspirar contra o governo — palavra idiota com a qual os perversos assustam os imbecis! Tudo isso é indigno. Parece motivo de escárnio àquele que realiza uma grande missão, tremendamente importante. Quando eu vejo um mestre-escola, sinto-me um sujeito violento: é tímido e mal vestido. E me parece que sou o provocador de tal indigência...

Calou-se, ficou pensativo, e depois acrescentou baixinho, as mãos agitadas:

— Que nação estúpida e malvada é a Rússia! A sombra de uma tristeza profunda obscureceu-lhe os olhos rodeados de pequenas rugas. Depois replicou, brincando consigo mesmo:

— Veja você... Dei-lhe o material para um artigo de fundo num jornal liberal... Mas, vou convidá-lo a tomar um pouquinho de chá para recompensá-lo da minha conversa caçete.

Era comum em Tchekoff falar desse modo, com calor, seriedade e sinceridade, e, de repente, zombar de seus próprios discursos. Notava-se na-

quele sorriso docemente irônico o ceticismo refinado do homem que conhece o valor das palavras e o valor dos sonhos. E naquela ironia havia também uma grande delicadeza, uma modéstia simpática.

Entramos em casa silenciosamente. Era um dia claro e morno. As ondas batiam nas pedras; um cachorro ladrava de alegria. Tchekoff pegou-me no braço e disse lentamente, tossindo:

— E' triste e vergonhoso, mas é a pura verdade; há muitos desgraçados por aí que invejam os cães... E ainda acrescentou, a sorrir: — Hoje eu só pronunciei palavras sensis. Estou envelhecendo.

As vezes me dizia: — Sabe, Gorki, hoje chegou um professor doente e casado. Será que você pode ajudá-lo?...

E noutro dia: — Escute aqui, Gorki... Ali está um mestre-escola que deseja conhecê-lo. O coitado não se pode levantar, e sofre. Por que você não vai fazer-lhe uma visitinha?... O coitado sofre tanto...

Ou ainda: — Dois professores (doentes, coitados) me pediram seus livros...

Certa vez encontrei um desses mestre-escolas na casa de Tchekoff. Estava sentado à beira da cadeira, o suor abundante, e nervoso por encontrar uma palavra, ao menos. Esforçava-se desesperadamente para falar com correção gramatical e com a discreção do tímido. Fazia tuco para não parecer um tolo aos olhos do grande escritor, mas dirigia a Tchekoff um aluvião de perguntas, incoitadas.

Tchekoff escutava com muita atenção o discurso incoerente e chato; em seus olhos brilhava sempre um sorriso. Depois, agitando as sobrancelhas, começou a pronunciar palavras simples, humanas, claras e cheias de vida, a voz profunda e triste; palavras que num instante trouxeram o professor ao seu natural, impedindo-o de continuar afetado, obrigando-o a tornar-se interessante e claro.

Recordo-me de um mestre-escola famélico, alto e delgado, a pele amarela e o nariz largo de lutador. Estava sentado diante de Tchekoff, e dizia com a voz áspera, fixando-o nos olhos:

— As impressões de uma existência dessa espécie formam no espaço da temporada pedagógica um conglomerado psíquico que afoga absolutamente toda possibilidade de tratar objetivamente a realidade ambiente. Sem dúvida, o mundo não é mais que a representação que nós próprios fazemos dele.

Lançando-se à filosofia transcendente, errava como um cego sobre o gelo.

— Diga-me — perguntou Tchekoff com a voz suave e acariciadora. — Diga-me uma coisa: quem é que bate nos seus alunos?

O mestre-escola levantou-se vivamente, e respondeu, os braços agitadíssimos:

— Quem lhe disse isso? Eu? Nunca bati nos meninos, nunca! E' mental!...

Estava furioso.

— Acalme-se, continuou Anton Pavlowitch, sorrindo para tranquilizá-lo. Acalme-se, homem. Quem é que está falando de você? Mas, eu li no jor-

nal que alguém, lá mesmo no seu distrito, batia nos alunos...

O professor acalmou-se, enxugou a testa, disse com um suspiro de consolo:

— E' mesmo verdade; há um caso, foi Makarof, que é um selvagem; mas a gente deve compreender... Está casado, tem quatro filhos, a mulher anda doente e ele físico. A es-



Maximo Gorki

cola é uma bodega, na qual ele e a família ocupam um lado. Nessas condições quem é que não bateria num anjo de Deus nem que fosse pecado?... E os escolares estão muito distantes de ser anjos, pode ficar certo.

Coisa estranha. Aquele homem, que acabava de emergir Tchekoff num mar de sabedoria, se punha agora a pronunciar, torcendo o nariz, palavras simples, humanas, pesadas como pedra, mas ardentes e penetrantes de sinceridade. Mostrava-se, com o seu realismo ameaçador, a vida



Anton Tchekoff

miserável que levava um camponês russo.

E pedindo permissão para retirar-se, o mestre-escola sacudia, com ambas as mãos, a mãozinha seca, de dedos finos, de Tchekoff, confessando:

— Vim a sua casa como se fosse a casa de um superior, medroso e tremendo, e vou orgulhoso como um galo da Índia. Queria demonstrar-lhe que também sou alguém, e saí daqui convencido de que o senhor é um homem semelhante a mim, mas que compreende tudo... E' formidável a gente que compreende tudo! Muito obrigado! levo uma excelente

impressão do senhor. Os homens como o senhor são mais humanos, compreendem melhor, estão mais próximos da alma do povo que todos esses sujeitos que se consideram gênios, e entre os quais vivemos... Adeus, nunca mais eu o esquecerei.

Seu nariz tremia; nos lábios havia um riso franco:

— Os covardes são dignos de lástima... Que o diabo os leve!

Quando partiu, Tchekoff o acompanhou com o olhar; em seguida pôs-se a rir, exclamando:

— E' um sujeito bom, mas não ensinará muito tempo.

— Por que?

— Não de atormentá-lo até jogá-lo na rua. E acrescentou, suavemente: — Na Rússia um homem bom é semelhante ao lobis-homem que as amassecas aproveitam para intimidar as crianças.

Em presença de Tchekoff todo homem sentia o desejo de ser mais humano, mais simples, mais exato. Muitas vezes comprovei como em sua presença as pessoas abandonavam a roupagem esplêndida das palavras da moda, das frases livrescas e de todas as futilidades que se empregam na Rússia quando se quer passar por europeu, à semelhança do selvagem que se adorna de conchas e de dentes de animais.

Anton Pavlowitch desprezava os dentes de animais e a plumagem do galo. Irritava-se facilmente com os disfarces do homem que quer aparentar o que realmente não é. Observei que Pavlowitch fazia tudo para despojar a cara e a alma daquele que se lhe apresentava dissimuladamente. Durante toda a sua vida, Tchekoff foi sempre o mesmo: livre interiormente, nunca se punha em guarda para com os demais. Desprezava as conversações sobre temas elevados, que na Rússia encontram sempre muitos voluntários. Sendo feito de uma belíssima simplicidade, preferia tudo o que fosse simples, real, sincero, e sabia curar os outros.

Lembro-me que uma vez três senhoras muito elegantes e violentamente perfumadas foram visitá-lo. Sentaram-se cerimoniosamente, fingindo um grande interesse pela política:

— Quando julga o senhor que terminará a guerra? Tchekoff tossiu, reflexionou e respondeu:

— Sem dúvida, com a paz! — Oh! evidentemente! Mas, quem conseguirá a vitória, os turcos ou os gregos?

— Acho que os mais fortes vencerão.

— E quem são os mais fortes, na sua opinião? — perguntaram as três senhoras a uma só vez.

— Os que se alimentam melhor e os que são mais instruídos.

— Quanta agudeza! — exclamou a primeira das senhoras.

— E a quem prefere o senhor, aos gregos ou aos turcos? — interrogou a segunda. Anton Pavlowitch fixou-a amavelmente, e respondeu com o seu cordial sorriso:

— Eu prefiro... eu prefiro a marmelada. A senhora gosta de marmelada?

— Muito! — exclamou a senhora com vivacidade.

— Sobre tudo a de Damasco — acrescentou a primeira.

Anton Pavlowitch Tchekoff sorriu de novo. E a terceira, fechando os olhos:

— E' tão aromática...

As três começaram então a falar volubemente, demonstrando uma grande erudição na arte de fazer doce. Via-se que estavam à vontade, sem forçar o espírito na demonstração de vivo interesse em turcos e gregos, nos quais não haviam pensado nunca. Despediram-se alegremente de Anton Pavlowitch.

— Vamos enviar umas latirinhas de marmelada para o senhor.

— Você esteve admirável, disse-lhe eu, após a saída das senhoras.

Tchekoff respondeu suavemente, como sempre:

— E' preciso que cada um fale a sua linguagem.

Outra vez encontrei um jovem em sua casa, o substituído do procurador. Dizia vivamente:

— Em sua novela "O Mal-Intencionado", o senhor expõe uma questão muito complexa. Se eu admito em Denis Gregorief um desejo criminoso e consciente, devo sem dúvida metê-lo no xadrez, segundo exigem os interesses da sociedade. Sim, é isso mesmo, ele não passa de um bruto, incapaz de compreender a importância de seus atos, somente me inspira piedade. Mas, tratando-o como um sujeito que age sem discernimento, como garantirei a sociedade que ele não distorce uma vez mais os paráfrases da via-férrea para causar outra catástrofe? Que fazer então isso?

Calou-se, apertou-se, lançou um olhar inquisidor a Anton. Sua roupa era nova, os botões brilhavam-lhe no peito com o mesmo brilho de segurança e estupefação dos olhos na cara límba do jovem defensor da justiça.

— Se eu fosse juiz — respondeu Tchekoff — Denis seria absolvido.

— Por que?

— Eu lhe diria: "Denis, ainda não chegaste ao tipo de criminoso consciente. Vai-te e trata de fazer fortuna".

O "jurista" caiu na risada, mas voltou rapidamente a seriedade, continuando:

— Não; o problema exposto só pode ser resolvido atendendo-se ao interesse da sociedade que eu defendo. Denis é um bruto, mas é também um criminoso. Essa é a verdade.

— Você gosta de gramofones? — perguntou subitamente o escritor com afabilidade.

— Sim, sou louco por gramofones — respondeu o jovem.

— Pois eu não suporto os gramofones — confessou Tchekoff, com tristeza.

— Por que?

— Ora, porque falam e cantam sem sentir coisa alguma. São uma caricatura de tudo... Você gosta de tirar fotografias?

Aconteceu justamente que o jovem era ainda mais louco em tirar fotografias, e começou a falar com entusiasmo. Então, vi aparecer sob a roupa nova um homem vivo e alegre, em lugar de um manequim articulado.

Anton Tchekoff disse com voz áspera, quando ele saiu:

— E saber que esses fantoches, em nome da justiça, dispõem da vida dos homens! — E depois de um instante de silêncio: — "E' o caso de supomos que os juizes são afilhados à pesca, sobretudo se a pesca é de rãs..."

Tchekoff possuía a arte de descobrir a trivialidade e de atenuá-la. E' uma arte acessível somente aos que têm altas exigências de vida, desejosa de ver os homens simples, humanos e em harmonia. Nela, a insensatez encon-

(Continua na pag. 25)

Panorama da Crítica

Não podemos separar esta secção de um acontecimento: as agitações na Itália. Convém dizer, ao iniciarmos estas mal notadas linhas que em julho findo caiu Mussolini. Teria a notícia a ressonância de um poema porque reanimou velhos e vencidos espiritos, velhos e amargurados corações. Embora não significasse a queda do fascismo — que nunca foi um fenómeno italiano ou alemão, mas um fenómeno político de classe, uma tática — o afastamento do Duce provocou um sinal de mais sólida esperança — a primeira pulsão da sombria e sufocada literatura italiana que há vinte anos espera, que há vinte anos fala em morte, fala baixo e apodrece sob algemas, maganelo e a polícia secreta. Os escritores italianos ainda não podem respirar livremente, mas o tombo do Duce anuncia outros tombos e o fascismo já demonstra fadiga e desespero.

Não poderíamos separar esta pobre secção dos acontecimentos que sacodem e transformam o mundo onde se desfazem "instituições como múmias ao sol". Nunca a literatura se tornou tão ligada a esses acontecimentos como hoje — e vale a pena lembrar que ela foi sempre dirigida por eles, em todos os tempos. Hoje se tornou mais conciente como arma de combate e nesse sentido lembramos que há mais de oitenta anos alguém pensando nela disse estas palavras viris: sua paixão essencial é a indignação e sua tarefa essencial é a acusação. Por isso os escritores italianos estão a caminho de sua liberdade para acusar e com eles quantos escritores de outras nações subjugadas que sentem nas carnes e nos livros o estigma de censura, a masmorra, as bestiais inquirições, a sombra, o olhar e a bofetada do "tira"!

A literatura sob o fascismo diz a vida "é uma máquina que vos raspa o crânio, vos arranca os dentes, vos transforma, enfim, num semblante de morte" lembrando a citação feita pelo sr. Oto Maria Carpeaux nas suas pungentes páginas sobre letras italianas, cuja voz, sente ele, é um silêncio obstinado na "Itália em luto, que vela o rosto". Ninguém nos deu no Brasil, por ora, informações mais precisas e ricas a respeito da atual literatura italiana do que o sr. Oto Maria Carpeaux. Eis porque, sem nenhuma

ofensa, poderíamos chamá-lo de divulgador da mais alta categoria.

A PRESENÇA DO SR. OTO MARIA CARPEAUX

E agora que colocamos a presença deste homem de letras nestas colunas queremos considerar que se, no suplemento anterior o chamamos de reacionário, não tínhamos a intenção de o comparar, por exemplo, ao sr. Alceu de Amoroso Lima. Deu-se, portanto, um equívoco que não deixáramos ficar em pé. Se queremos aqui fazer este esclarecimento não o fazemos com o propósito de agradar o autor de "Cinza do Purgatório" — que dispensa o nosso agrado — nem tampouco recuar das nossas modestas considerações anteriores. O adjetivo foi sem dúvida supérfluo. Um simples caso de redundância. Bastava dizer o que em seguida afirmamos — sem nenhum intuito de diminuir o escritor austriaco: — um veemente anti-marxista, um exegeta do primado do espírito ao máximo delírio. O adjetivo, como vemos, não um erro de conceito. E se houve — o que talvez não aconteceu nem mesmo por um movimento de orgulho intelectual — algum aborrecimento por parte de tão insigne escritor achamos que foi um nobre aborrecimento. Isto nos alegra e só temos a felicitar os que não querem ver nele um regresso a Hegel, um conformista revestido de inconformismo, uma posição espiritualista de quem se devora a si mesmo.

Não estamos aqui para fazer críticas pessoais, criar ferozes mal entendidos, nem queremos assumir ares definitivos em nossos comentários feitos muitas vezes com rudeza, mas sinceros. Podemos ser exaltados nunca, porém, intencionalmente injustos. Nossas observações à margem da crítica literária do nosso país podem ser primárias, podem causar o sorriso de cristal da chamada elite que se engolfa num verso de Mallarmé e se isola do mundo atrás de uma cortina de fumaça e cultivava um requintado e erudito desprezo, gramatical e heráldico

desprezo pelo que se faz dentro do mundo que nunca desesperou de si mesmo e onde o sr. Oto Maria Carpeaux tem encontrado a fonte de seu inesgotável e bíblico desespero e de seu bíblico e inesgotável pessimismo. Desespero e pessimismo que definem a condição não-conformista de um orgulhoso intelectual que não aceita o futuro porque é fundamentalmente tradicionalista e, no entanto, perdeu o seu passado. Porque se, em seus artigos literários o sr. Oto Maria Carpeaux mostra uma singular compreensão dos fenómenos da literatura moderna — não esqueçamos a sua bela página sobre Última Canção — Vasto Mundo Mauriac e o ensaio sobre Portinari — suas idéias fundamentais, sua orientação filosófica, sua formação intelectual estão em oposição ao espírito, por exemplo, dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, e basta aludir à sua malograda página sobre Frederico Garcia Lorca. Não se dirigem ao novo humanismo — intacto na riqueza de suas idéias e na força de seus sentimentos e intuições — que está surgindo e que é a continuidade dialéctica de seu próprio humanismo que tanto ama, em que formou a sua sensibilidade e a sua grande cultura, erigiu o seu reino do Espírito, criou a sua concepção do homem e do universo e com o qual quer morrer. No seu livro — forte livro que poderá oportunamente provocar discussões e definir divergências tão dialeticamente essenciais para as nossas atitudes e para a interpretação do que queremos — o sr. Oto Maria Carpeaux declara: "é preciso restituir o verdadeiro sentido às palavras, maltratadas por paixões ou por falta de veracidade". E' que se lê também em "Sem olhos em Gaza" de Huxley e assim os dois espíritos se encontram em pleno acordo, a respeito desse urgentíssimo problema. Ora, se chegassemos a dizer que Huxley e Carpeaux são reacionários, o faríamos sob o critério indicado pelos dois humanistas europeus, no objetivo de restituir um verdadeiro sentido à palavra que se tornou tão repugnante sob o

fascismo, quando a agudeza da crise capitalista não pôde mais permitir uma clara distinção entre os democratas conservadores e não-fascistas e os democratas que aceitam a deslocação da democracia para novos quadros mais amplos e lutam por isto. Não poderíamos chamá-lo impunemente de reacionário na significação imediatamente política de hoje, — como não chamaríamos ao sr. Georges Bernanos, estranho monarquista e veemente guerrilheiro anti-fascista — apenas tentamos situá-lo como no caso de Bernanos, no terreno das idéias chamadas puras e em face de sua orientação, rica de sugestões, é verdade, como possível influenciador nos processos de crítica e nos rumos da nossa vida literária, tal o seu valor como homem culto e como professor de literatura comparada no meio do nosso estarecido, pedante, ingênuo e provinciano autodidatismo.

É o próprio sr. Oto Maria Carpeaux que afirma: "o simplismo é o inimigo da verdade, da verdade histórica sobretudo". Assaltou-nos, com efeito, o receio de fazermos uma definição simplista do pensamento e da escolha em matéria de idéias políticas do autor da Oração Fúnebre de Carlos Maurrás. Tivemos uma conclusão desesperada sob o nosso ponto de vista quando começamos a estudá-lo e a compreendê-lo diante de uma determinada concepção do mundo e de uma determinada ordem de idéias. Longe estaríamos de considerá-lo revolucionário — sob o critério de "não interpretar o mundo de diferentes maneiras mas o de transformá-lo" ao depararmos estas palavras que parece salidas de velhos textos bíblicos:

"Atualmente uma era da história está chegando ao fim. Se uma nova Idade Média nos atingir, não será, para nós outros, nem uma esperança nem uma ameaça. Uma nova Idade Média justificaria talvez ainda as angústias progressistas, mas não as esperanças tradicionalistas. Mas desta "nova Idade Média nada sabemos, senão que ela não se parecerá, absolutamente, com a velha. A "velha Idade Média" era obra de jovens bárbaros, de uma juventude cheia de promessas, cuja vitalidade abundante podia ser dominada, pois que uma luz divi-

(Continua na 24.ª pag.)

NOTÍCIAS LITERÁRIAS

FOI a seguinte a ata da reunião de julgamento:

Aos vinte e três de julho de mil novecentos e quarenta e três, no escritório da Livraria José Olímpio Editora, sito no Edifício da Bolsa, à praça 15 de Novembro, 20, no Distrito Federal, tiveram início os trabalhos do julgamento do "Prêmio de Romance José de Alencar", com a presença dos seguintes membros da Comissão Julgadora: Alvaro Lins, Brito Broca, Genolino Amado, Graciliano Ramos e Sergio Buarque de Holanda. Não tomaram parte nessa reunião os srs. Mario de Andrade e Tristão de Alhayde, que, por carta, haviam pedido exclusão de membros do júri, alegando a impossibilidade em que se encontravam de ler os originais. Foi submetida a discussão e a votação se havia obras merecedoras do Prêmio "José de Alencar", votando negativamente os srs. Alvaro Lins, Brito Broca, Genolino Amado e Sergio Buarque de Holanda. O Sr. Graciliano Ramos achou que devia dar o prêmio, considerando dignos do mesmo os seguintes romances: "A Escolha" (Máximo); "O Desespero do Pecado" (Salvador Abelardo de Monte Negro); "Moema" (Ricardo Fernando). Absteve-se, entretanto, de optar por um deles, por estar vencido o seu voto, em face da deliberação da maioria. Foi submetida a discussão e votação se havia obras merecedoras de menções honrosas, votando negativamente os srs. Alvaro Lins, Genolino Amado e Sergio Buarque de Holanda; e favoravelmente o sr. Brito Broca, nos seguintes romances: "A Escolha" (Máximo); "O Desespero do Pecado" (Salvador Abelardo de Monte Negro); "Moema" (Ricardo Fernando); e o sr. Graciliano Ramos, nos seguintes romances: "A Escolha" (Máximo); "O Desespero do Pecado" (Salvador Abelardo de Monte Negro); "Moema" (Ricardo Fernando); "Lixo" (Turibio Anunciação da Paz) e

"Dez anos de Agonia" (Joseff Nagrib).

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos de julgamento, não tendo sido concedidos nem o Prêmio "José de Alencar", nem as Menções Honrosas, por determinação da maioria. Lavrou-se, então, a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão, servindo eu, Brito Broca, de secretário.

Rio de Janeiro, 23 de julho de 1943.

— Alvaro Lins — Genolino Amado — Graciliano Ramos — Sergio Buarque de Holanda — Brito Broca, secretário.

A Livraria José Olímpio Editora, resolveu publicar os romances que obtiveram votos de dois dos juizes, convidando assim seus autores a comparecer aos seus escritórios para os respectivos contratos de edição.

Os originais acham-se à disposição dos concorrentes.

O sr. Melo Lima não aceitou o oferecimento da Editora José Olímpio em publicar o seu romance "Desespero do Pecado" com o qual concorreu com o pseudônimo de Salvador Abelardo de Monte Negro.

Foi realmente um grande acontecimento literário a publicação da "História da Literatura Brasileira" de Silvio Romero. Uma obra que marca um capítulo dos mais sérios na história das nossas idéias e no esforço com que queremos nos libertar do autodidatismo. A Livraria José Olímpio fez um grande serviço às nossas letras. Silvio Romero é um exemplo de intelectual que não tem medo das chamadas idéias avançadas e foi sobretudo um ousado investigador e um estudioso que sabia ir até onde as idéias do seu tempo o levavam. Sua paixão pela literatura, seu

gosto pelo regionalismo no melhor sentido, sua independência intelectual são qualidades legítimas que se evidenciam nas páginas de vasto estudo lançado agora pela José Olímpio.

Na Coleção "A Ciência de Hoje", a Livraria José Olímpio acaba de apresentar aos leitores brasileiros o "Triunfo sobre a Dor" — História da anestesia — de René Fulop Muller, famoso escritor húngaro que publicou "Espírito e Fisionomia do Bolchevismo", "Lenine e Gandhi" e outros livros muito conhecidos pelo público. "Triunfo sobre a Dor" é um livro da mais palpitante atualidade.

A Editora Atlântida anuncia a publicação de "Journal de Guerre" de Georges Bernanos em que estão reunidos os principais artigos do autor de *Lettre aux anglais*. "Journal de Guerre" aparecerá na coleção "Les Cahiers de la Victoire" da mencionada editora.

Outras edições da Atlântida Editora: "Monsieur Qui-ne" de George Bernanos, romance intenso e dramático; "Pilote D'Essai", de Rupert d'Herbomez; Sud Amerique, de Jean Gerard Fleury.

A Livraria José Olímpio apresenta mais um romance de Fran Werfel. Pertence à Coleção "Fogos Cruzados" que vem sendo uma coleção para os leitores brasileiros.

A Livraria Globo fez as seguintes edições: "Um rio imita o Reno", malogrado romance e bom ensaio político de Viana Moog. "Palavras e San-

gue", de Papini e o extraordinário "Lord Jim" de Conrad.

Noticias do Rio Grande do Sul anunciam que o sr. Erico Verissimo acaba de ser distinguido com um convite do governo norte-americano para assumir as cadeiras de professor-visitante de Lingua Portuguesa e Literatura Brasileira na Universidade de California.

Steinbeck, o grande romancista de "Vinhas da Ira" foi contratado pelo Herald Tribune, de Nova York, como correspondente de guerra.

A Livraria Globo anuncia que vai editar novos livros de Charles Morgan como "A Fonte" e a "A Viagem".

A mesma Livraria vai publicar uma edição em português d'"O Rei Arthur e seus cavaleiros".

Inaugurando a nova coleção "Aulores Brasileiros", a Globo anuncia o aparecimento do tão esperado romance de José Geraldo Vieira, "A Quadrágésima Porta" destinado a grande sucesso literário.

Outras edições da Globo: "Bolívar" de Emil Ludwig, "Vida e Morte de Trelawny" de Margaret Armstrong, "Dora e Veronica" de Johanna Spyri e Dicionário Enciclopédico Brasileiro Ilustrado, de Alvaro Magalhães.

Iniciando as suas atividades editoriais o Clube do Livro vai publicar um album de desenhos de Lasar Segall, tendo por motivos do "bas fond" com texto de Mario Andrade e Manuel Bandeira.

O sr. Gilberto Freyre tem ultimamente uns artigos fortes contra os falsos sacerdotes es-

palhados no sertão pernambucano. O sociólogo brasileiro acaba de aparecer em grande estilo, nas melhores vitrinas da Capital. Trata-se de uma grande edição de "Casa Grande e Senzala", publicação da José Olímpio, com ilustrações de Santa Rosa.

A senhora Lia Correa Dutra obteve este ano o Prêmio Humberto de Campos instituído pela Livraria José Olímpio para o melhor livro de contos. O livro premiado acaba de sair com uma capa de Luiz Jardim. Trata-se de uma série de contos de primeira ordem destinados a um real sucesso literário. "Navio sem Porto" coloca a sua autora entre os verdadeiros ficcionistas brasileiros. A senhora Lia Correa Dutra é também uma ensaísta de valor tendo publicado vários ensaios em que exibe excelentes qualidades de interpretação e cultura.

"Três Marias", o romance da Senhora Raquel de Queiroz que obteve grande sucesso em 1939 acaba de sair em segunda edição. A romancista cearense promete para breve um novo romance.

Graciliano Ramos anunciou aos seus amigos que vai entregar os originais de seu livro de contos ao editor José Olímpio. "Insônia", como se chama o livro, vem quebrar o silêncio do grande escritor de "Angústia", cujo primeiro volume de memórias também sairá breve.

Com um prefácio do sr. Oto Maria Carpeaux, o sr. José Lins do Rego lançará por estes dias o seu novo romance "Fogo Morto". Ao que nos consta o assunto do livro vem do nordeste. O romancista regressa aos seus engenhos de açúcar, aos seus banguês, aos seus personagens perdidos nos brejos paraibanos. Será que o livro

(Continua na 24.ª pag.)

CRÍTICA LITERÁRIA

SILVIO ROMERO E LIMA BARRETO — OS CONTOS DE LIA CORRÊA DUTRA

Especial para DIRETRIZES

Por Edison Carneiro

O GRANDE acontecimento literário deste ano foi a reedição da "História da Literatura" de Silvio Romero, que abre ao editor José Olympio, definitivamente, um lugar de destaque entre os grandes beneméritos das nossas letras. Este mês, surgiram nas livrarias dois dos grandes romances de Lima Barreto, "Triste fim de Policarpo Quaresma" e "Recordações do escrívão Isaías Caminha", em edição do Livro de Bolso. O "Navio sem porto" de Lia Corrêa Dutra vem situar a poetiza entre os nossos melhores contistas.

O mês passado esteve cheio de promessas, mas, afóra essas três publicações de que falei, nada de importante aconteceu nas letras nacionais, se excetuarmos a reedição de "As Três Marias", de Rachel de Queiroz.

HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Não será difícil, agora, concordar com Silvio Romero em que a sua "História da Literatura Brasileira" é mesmo "um livro de amor". Mais de cinquenta anos se passaram sobre a primeira edição deste trabalho monumental, honra e orgulho das letras e da cultura nacionais, mas sobre o nome e a obra do seu autor, que tinha "consciência de haver desagradado em toda a linha", não cessaram de cair "as calúnias, injúrias e descomposturas" que a sua combatividade provocou desde 1870. Estamos, hoje, a uma distância razoável dos acontecimentos, das disputas literárias dos fins do Século XIX, dos começos deste. Chegou o momento de fazer justiça a Silvio Romero.

A contribuição do ardoroso sergipano à cultura brasileira é inestimável. A ele devemos o salvamento de um vasto material ameaçado de se perder completamente, de desaparecer com a marcha do progresso, — os contos e os contos populares do Brasil. A ele devemos a discussão e a vulgarização de teorias filosóficas e políticas, a interpretação de métodos de exame em literatura. A ele devemos alguns dos primeiros passos firmes em etnografia no país. A ele, enfim, devemos esta "História da Literatura Brasileira", o primeiro, grande e sério esforço pela compreensão da expressão literária entre nós.

A obra de Silvio Romero — que sempre recebeu "em paga o apêdo aviltante, ou a injustiça apta a lhe negar os títulos e as honras de seu trabalho" — está se revelando de grande importância para os brasileiros em várias setores da sua cultura. Em etnografia, é impossível prescindir dos "Contos" e dos "Contos populares", — dois trabalhos de pesquisa que se enquadram na melhor maneira moderna de "field-work", pela estrita veracidade do material colhido, pela clareza da exposição (e da narração, no caso dos "Contos"), pela não interferência das convicções pessoais do autor na apresentação dos fatos registrados pela observação direta. Em doutrina política, os seus trabalhos de crítica, especialmente "o Parlamentarismo e o Presidencialismo no Brasil", são sintomáticos de um estado de reajustamento das instituições republicanas entre nós e uma fonte fidedigna para o estudo das tendências e das correntes de opinião então reinantes. Para o estudo do folclore, Silvio Romero contribuiu com um livro hoje clássico, "Estudos sobre a poesia popular brasileira". E, com "o Brasil social", propôs uma série de problemas a estudar quanto à constituição étnica e à formação social do nosso povo: Nina Rodrigues encontraria estímulo nesse livro de Silvio Romero para prosseguir no seu grande e fecundo trabalho sobre "os Africanos no Brasil". Em literatura...

Em literatura começam, ainda hoje, as dificuldades com Silvio Romero. É fácil dizer que errou muito, que não viu muita coisa que outros, menos dotados, viam com toda clareza. Mas o que espanta, o que surpreende, é ver como esse homem impetuoso e desabusado era coerente no erro, como o erro vinha, naturalmente, do ponto de vista em que se colocava para julgar. Ora, se a verdade é uma questão de ponto de vista, sempre que a evidência material não pode ser chamada à discussão, que havia de estranho na fogueira com que o sergipano defendia as suas idéias e combatia as dos adversários?

Ele mesmo se sentia à vontade no ambiente de "provocações e debates" em que viveu, sem se ter "na conta de um inocente, atacado sem motivo", sabendo bem que tinha dado ocasião a toda "gritaria" em torno do seu nome.

Uma das suas maiores dificuldades foi a sua desmedida admiração por Tobias Barreto — uma admiração que lhe valeu muitos desaforos, mas que afinal de contas situou "o profeta da Escada" (como dizia Carlos de Laet) na cultura do Brasil. Mas, hoje, com a serenidade que

dão os cinquenta anos que se passaram desde então, vemos que os adversários de Silvio Romero foram mais injustos no seu ataque do que que o crítico no seu elogio. Com efeito, se Silvio Romero dá a Tobias Barreto o lugar de iniciador do condoreirismo, baseando a sua argumentação em datas irrecusáveis, os seus adversários o combateram por dar precedência a Tobias Barreto, como poeta, sobre Castro Alves. E tanta "gritaria" se fez em torno disso que Tobias Barreto durante muito tempo passou a viver nas letras nacionais em função de Castro Alves, esquecidos os críticos de Silvio Romero das páginas em que analisou a obra jurídica e filosófica do autor dos "Estudos Alemães". Só recentemente, com os trabalhos de Gilberto Amado e Hermes Lima, estamos descobrindo o outro Tobias Barreto, antecipador do direito e da filosofia, homem de cultura, um dos espíritos mais significativos do Século XIX. Este exemplo — um entre muitos — dá bem a idéia dos erros de Silvio Romero. Preso por ter cão, preso por não ter cão, o mestre sergipano se atirava ousadamente à luta, cometendo novos erros, dando motivos novos para novos insultos.

Mas, quando se lançou à tarefa de escrever esta "História da Literatura", Silvio Romero tinha destruído, em parte, a aliança que nele havia — de acordo com Tobias Barreto — entre o crítico e o polemista, chegará à crítica "imparcial" e achava bom "adiar as paixões". É evidente que essa "imparcialidade" só podia ser relativa, num temperamento como o seu. Mas foi com verdadeiro carinho, com amor, que escreveu a sua "História da Literatura":

"Não há um só autor mencionado neste livro que não tenha sido diretamente pesquisado, lido e estudado por mim; não tive o menor auxiliar em ninguém, nem aceitei nunca os juízos formulados por outrem".

Que se calcule o trabalho que não foi para Silvio Romero a elaboração deste livro, tão rico de fatos, datas, nomes, citações, inteiramente perdidas no esquecimento de livrarias, belchiores e bibliotecas!

Ainda uma coisa é preciso dizer sobre Silvio Romero — que ele foi, na mais ampla expressão do termo, um homem do seu tempo. Por temperamento, mas também por convicção, não ficou indiferente aos problemas que angustiam os seus contemporâneos, nem supôs — como o fazem, atualmente, alguns filhos-de-família das letras — que a sua missão de escritor o afastasse da arena política. Foi um combatente da abolição e da República e defendeu os seus pontos de vista políticos com a mesma bravura e a mesma tenacidade com que defendia as suas opiniões literárias e filosóficas. Para ele, a arte de escrever não era um passatempo, era uma trincheira. Os seus escritos — em que tantas vezes se dirige ao leitor, em alguns casos com toda a familiaridade, — são um toque de reunir.

Esta "História da Literatura Brasileira", na edição aumentada que a generosidade do editor José Olympio acaba de entregar às modernas gerações do Brasil e a que a dedicação de Nelson Romero acrescentou notas e esclarecimentos de valor, constitui um dos pontos mais altos da cultura e da inteligência nacionais.

NAVIO SEM PORTO

Lia Corrêa Dutra nos deu uma agradável surpresa com o seu livro "Navio sem porto". Estamos diante de meia dúzia de contos de uma força de análise, de uma profundidade psicológica raras no conto brasileiro. E vemos que a autora domina perfeitamente a arte do conto — que não é uma discípula, mas uma perita nesse gênero.

Eu disse "meia dúzia" porque o conto inicial do livro, "Navio sem porto", e "O Negro", são contos em que a autora se vale de elementos estranhos à história, para conseguir efeitos de certa maneira fáceis, abaixo das suas possibilidades. O primeiro conto, história de um navio de imigrantes israelitas, recusados em todos os portos, vale sem dúvida pelo seu sentido

humano, mas não chega a ser um conto. E o fim — "E o navio sem porto afastava-se para um destino incerto, no mar imenso que não tinha fim" — dá bem a idéia de instantâneo, talvez de reportagem, mas nunca de conto. Em "O Negro", Lia Corrêa Dutra usa um expediente desagradável — o de fazer uma das personagens contar o seu conto. Isso destrói inteiramente a singularidade do caso, que o diálogo, as interrupções, a apresentação das personagens, certas cozinhas de grupos literários, etc., naturalmente reduzem a nada. E o pior é que o "conto" que Lia Corrêa Dutra quis contar seria interessantíssimo se fosse contado diretamente pela autora.

Um exemplo da força de contista de Lia Corrêa Dutra é o conto "O banho no rio", o maior do livro, talvez o melhor. Todo o conto se dirige para a cena final, quando o pai do Raul verifica que não conhece o filho, mas todo o conto é denso, profundo, trágico, e, mesmo sem o seu desfecho, seria um grande conto. A parte que se refere propriamente ao banho no rio, ao afogamento de Dunga, é de uma realidade de doer: os garotos arrastados pela corrente, o Mingote a afundar querendo salvar os dois, o repeião que dá no outro para salvar o Raul, as razões que levam o Mingote a salvar o pequeno de família... Aqui, sem dúvida, a autora exercitou com rara felicidade as suas qualidades invulgares de contista.

Outro exemplo — talvez tão característico quanto "O banho no rio" — é o conto "Questão de dignidade". Um velho "coronel" a matutar sobre a infidelidade da amante. A história vai se desenrolando com muita coerência, com muita suavidade, de maneira tão convincente que a solução encontrada pelo comendador Albano acaba se tornando a única solução razoável entre a dor de se saber enganado e o desejo de não perder a felicidade que lhe davam Maria do Carmo e o pequeno Rafael.

Um tanto inferior a estes, mas ainda assim um bom conto, é o "Ronda noturna", embora o seu desfecho seja por demais conhecido, por demais esperado. O mesmo se pode dizer dos contos "A finada d. Aninhas", baseado em recordações da infância, e o "Trem", uma página de grande compreensão humana, e um pouco o conto "Adolescência".

Assim, Lia Corrêa Dutra conquistou um excelente lugar entre os nossos contistas e, com este "Navio sem porto", bem mereceu o Prêmio Humberto de Campos — embora o nome do Conselheiro X.X. não possa honrar ninguém.

DOIS ROMANCES DE LIMA BARRETO

Em edição do Livro de Bolso, acabam de ser publicados dois dos mais raros romances de Lima Barreto — o "Triste fim de Policarpo Quaresma" e os "Recordações do escrívão Isaías Caminha". Essa iniciativa é muito oportuna e, pelo que parece, o Livro de Bolso pretende fazer uma edição completa de todos os romances de Lima Barreto e do livro de contos "Histórias e Sonhos".

Lima Barreto estava caindo num esquecimento imerecido e injusto. Não tanto dos intelectuais, mas do público, que ele amava e que transportou para os seus romances. Com esta edição a preços populares das histórias de Policarpo Quaresma e Isaías Caminha — e das que se seguirão, de Gonzaga de Sá, dos Bruzundangas, de Clara dos Anjos, de "Numa e a nina", — o romancista dos subúrbios cariocas volta novamente à circulação, trazendo consigo as suas figuras caricaturais, os seus tipos sinistramente deformados, as suas recordações da fisiologia e dos costumes do Rio de Janeiro de há poucos anos, dos tempos de Floriano Peixoto e da consolidação da República. É todo um mundo que esse romancista descontente, amargurado, espantado pelas preconceitos, "salvou" para o futuro. Exatamente o mundo que queria destruir.

É verdade que Lima Barreto está a exigir

(Continua na 27ª pág.)

Aldous Huxley é um moralista?

De Douglas Jerrold

Do B. N. S. para DIRETRIZES (especial)

ADA indivíduo é herdeiro da sua História, o produto da sua família e classe, do seu país e da sua época. Poucos escritores ingleses exemplificaram melhor esse conceito do que Aldous Huxley.

O estudante estrangeiro de literatura inglesa, ao qual fossem entregues simultaneamente exemplares de "Chrome Yellow", "Antic Hay" e "Grey Eminence" (o mais recente dos livros de Aldous Huxley), ficaria talvez surpreendido com a peregrinação espiritual assinalada nessas obras. Com efeito, da opinião de que a conduta do homem é constituída por uma série de excentricidades fúteis desprovidas de qualquer significação definida, Huxley passa a acusar a sedução exercida sobre o caráter do homem que abandona a sinceridade espiritual para se entregar à atividade política. A peregrinação assim representada é ao mesmo tempo característica de Aldous Huxley, da Inglaterra e do século vinte.

Esse escritor descende do cientista vitoriano, de quem herdou a curiosidade intelectual, a sua crença na potencialidade da ciência e a sua desconfiança inata no Cristianismo ortodoxo. É tipicamente um homem do século vinte, e como tal revolta-se contra as convenções que dominaram a Inglaterra do século passado, sendo ainda uma vítima do cinismo engendrado pelo fracasso da paz de 1918.

No período de 1920 a 1930, Aldous Huxley, graças à sua cultura, à sua eloquência a seu espírito e à ausência de inibições vitorianas relativas aquilo que deve ou não deve ser descrito, tornou-se um dos prediletos entre os leitores com experiência da vida, não só na Europa como na América. É verdade que as suas novelas não continham personagens humanas memoráveis, nem mesmo pintavam camadas típicas da sociedade inglesa. Mas o que representavam, e com uma fidelidade que é hoje chocante, a falência moral e espiritual dos anos intercalados entre as duas guerras.

A guerra de 1914-1918 desencadeou na Insaúde internacional, si esse idealismo houvesse sido aproveitado por uma política sábia e prudente. Mas sabemos que não foi isso o que sucedeu. Já em 1919 havia quem assim pensasse, e dez anos mais tarde era essa a opinião da maioria. Privadas de qualquer cooperação construtiva, desgostosas com a corrida armamentista que se alastrava pela Europa, e assustadas pelos sinais de um futuro colapso na estrutura da segurança europeia, numerosas inteligências ativas na Inglaterra e em outros países puzeram-se a proclamar que a guerra e nos Estados Unidos não só uma avalanche de sentimento exaltado como também um idealismo que teria fornecido amplos recursos para um edifício duradouro de amizade mais rústica, não conduzindo a experiência individual no medo de vida, de conformidade com o gosto de cada um. "Do what you will" e "Justing Pilate" foram dois dos livros escolhidos por Aldous Huxley para os seus estudos dos homens, temperamentos e ambições no curso desse período. Bem poderiam ter servido de lição para todos eles. Que é a verdade? Que é a realidade? Apenas experiências psicológicas desprovidas de qualquer valor absoluto.

Essa atitude recebeu um impeto imenso graças à ampla popularidade das suas deduções — na sua maioria incorretas e desautorizadas — sobre os estudos psicológicos de Freud, Jung e Adler. Já nos foi dado afirmar que é antes a psicologia do que a ciência física que constitui o principal interesse do século vinte. Aldous Huxley caminhou com o tempo. Possuía o despreendimento do observador científico. Isolou e relatou as curiosidades da conduta dos homens. Naquela época absteve-se de tirar qualquer moral das suas observações, a não ser ao afirmar que a própria moral não existia.

Mas Huxley era por demais inteligente para manter essa opinião durante muito tempo. Os seus poderes de observação, bem como o seu conhecimento do passado, ensinaram-lhe que o homem é um animal social. Que espécie de sociedade estaria sendo engendrada pelo século vinte? A resposta foi dada em "Brave New World".

Naquela fantasia Huxley apresentou a conclusão lógica de que idéias desintegradoras minavam a sociedade ocidental. Esse limbo da personalidade humana, isolado da paixão, da prevenção, da violência e do afeto bem como da insanidade física do nascimento, da doença e da lhumanação, era o objetivo para o qual caminhamos. A descrição de Huxley era acompanhada de uma riqueza de detalhes que a muitos fascinava e enojava a um número ainda maior. Forneceu aos jornalistas mais uma frase estereotipada. E revelou o fato de que, mais uma vez, Frankenstein tinha medo do seu Monstro.

A partir de 1932 a produção literária de Huxley passou a apresentar um cunho moralista. O observador científico principiou a deduzir das suas observações. E não só a deduzir como também a pregar. A herança vitoriana de Huxley estava finalmente se vingando.

"Ends and Means", publicado em 1937, é uma pesquisa séria sobre as bases morais da civilização. Quais são os meios desejados pelos maiores pensadores de todas as raças e credos para assegurarem o bem estar da sociedade humana, e como poderão serem eles conseguidos? Na sua qualidade de homem do século vinte, Huxley não encontra dificuldade em pôr de lado a solução marxista. A sua observação e a experiência da sua época ensinaram-lhe que a personalidade humana não consiste no Homem Econômico nem no membro de um proletariado imbuído de preconceitos de classe.

Para assegurar a felicidade dos membros da sociedade torna-se necessário algo mais do que a simples satisfação das necessidades materiais. Foi afirmado por todos os grandes filósofos e líderes religiosos, por Jesus Cristo, por Buddha, Confúcio, Lao-Tse e Sócrates, que o ideal está na libertação das algemas da vontade humana, ou em outras palavras, no despreendimento. Esse estado foi atingido por filósofos e santos de várias épocas e de vários países. Mas como converter ao despreendimento uma sociedade inteira?

É mais fácil o diagnóstico do que a cura. Huxley não encontrou dificuldades em diagnosticar a ambição, a injustiça, os preconceitos, a crueldade e a estupidez da humanidade. Nem tampouco ignora a capacidade humana para o sacrifício e para o heroísmo. Compreende que a sociedade é um organismo, não uma organização, e que qualquer ação revolucionária, por ser violenta, só pode acarretar a violência e não o bem. Afastou-se consideravelmente da noção materialista de que



Aldous Huxley

o homem necessita apenas de "bens" materiais. Sabe que o homem precisa de satisfação intelectual e psicológica. Mas, sendo ainda um homem do mundo, não pode invocar meios sobrenaturais para conseguir os seus fins. É obrigado a recorrer à educação. A diminuição do seu poder e da sua eloquência, nos capítulos em que discute os seus meios, sugere que nem sempre a educação é capaz de educar. Resta sempre um elemento obstinado — a vontade humana. Torna-se necessário dominá-la mediante a influência de um fator externo. Mas na falta de Deus, qual será esse fator? "Ends and Means" é a obra que assinala a evolução de Huxley. De crítico e novelista satírico, transformou-se em filósofo moralista.

O mais recente livro de Huxley é "Grey Eminence" (1941), estudo do Père Joseph de la Tremblay que era consultor confidencial de Richelieu. "Grey Eminence" muito nos informa sobre a história daquele período, já que Huxley, homem de cultura, escritor experimentado um psicólogo tem plena consciência dos destinos em jogo. Contem, entre outras coisas, uma descrição admirável dos efeitos da Guerra dos Trinta Anos sobre a Alemanha, bem como a responsabilidade de que teve essa guerra no surgimento de certas anomalias curiosas no povo alemão dos nossos dias.

Aldous Huxley, assim como C. E. M. Joad, viu-se obrigado a modificar a agnosticismo

(Continua na 25.ª pag.)

Não irão para a fogueira os livros de Shakespeare

David Jardim Junior

Especial para DIRETRIZES

QUANDO ia mais acesa a batalha de Stalingrado, as notícias eram tantas que não é de se admirar que muitas passassem quase despercebidas.

Uma delas, entretanto, até hoje não me saiu da memória. "Entre as ruínas de Stalingrado — dizia um telegrama — ficou de pé um pedaço de parede, onde se lê um nome que é o orgulho da Inglaterra. A placa da "Rua William Shakespeare" foi uma das poucas coisas que escapou da cidade".

Escapara mais. Salvava-se — como na batalha da Grã-Bretanha, em 1940 — não somente o nome, mas o próprio espírito de Shakespeare. Um soldado russo — é o mesmo telegrama que nos conta — comentou o fato com estas palavras: "Isso é um símbolo. Estamos lutando para termos o direito de continuar a ler Shakespeare".

Os fascistas arrasaram Stalingrado. Mas não conseguiram destruir a inabalável decisão dos russos de derrotar o fascismo. Mataram milhares de ingleses — jovens, velhos, mulheres e crianças. Mas não conseguiram matar o espírito da Grã-Bretanha. Como disse, tão expressivamente, o soldado russo, continuamos a ler — e a apreciar Shakespeare.

Se os hitleristas não queimaram as obras do criador de "Othelo", foi apenas por um lamentável descuido, por mais uma contradição do fascismo — balão de oxigênio de um regime que se baseia na contradição e no desequilíbrio. Na verdade, ninguém melhor que Shakespeare merecia as honras dos autos de fé contemporâneos, por ser, pela intensidade de seu espírito humano, a própria negação da ideologia fascista. O realismo shakespeariano não pode ser tolerado por qualquer doutrina baseada em misticas e abstrações.

A grandeza de Shakespeare se deve, principalmente, ao fato de ter sido, acima de tudo, um homem. Não será de mais, para os que — de certo por um complexo de inferioridade — se fazem passar por "super-homens", pelos representantes da "raça privilegiada", — por semi-deuses, em suma? — Shakespeare é a encarnação da democracia, da tolerância e da compreensão; todas qualidades essencialmente contrárias ao fascismo.

Quem duvida, como Hamlet, pode ser tolerado pela filosofia do "crê ou morre"? Incontestavelmente, estará muito melhor na fogueira, fazendo companhia a Freud e Einstein. Quem ama como Romeu ou como Jessica poderá ser perdoado pelos que pregam a "beleza do ódio"? Quem zomba de Falstaff poderia poupar Hitler e Mussolini? Sem dúvida, o lugar de Shakespeare é no "Index", ao lado de Henri Heine e Charles Chaplin.

No Conselho de Polonius a Laertes está a verdadeira divisa de Shakespeare:

"Isto acima de tudo: sê fiel a ti mesmo"

Essencialmente fiel a si mesmo, Shakespeare somente teve a guá-lo, em sua arte, a própria consciência e o próprio gênio. Sem se considerar um "super-homem", acima do "vulgo", separado da "massa"; sem outra preocupação além de dizer o que sentia, numa linguagem acessível a todo o povo, e não a meia dúzia de iniciados das denominadas elites intelectuais — Shakespeare foi, em verdade, a própria encarnação da democracia. As obscuridades que hoje se notam em sua obra — quando não são resultantes de simples erros de cópia — não provêm de haver querido ocultar seu pensamento, mas, ao contrário, de empregar alusões muito particularizadas e que, por isso mesmo, perderam a oportunidade. Interpretava o pensamento dos homens e escrevia para ser lido por todos os homens. Era democrático, por ser fiel a si mesmo: quer dizer, fiel à humanidade, como homem que era.

Jamais o fascismo poderia tolerar a democracia e o realismo de Shakespeare. O fascista nunca poderia ser fiel a si mesmo, porque é, por definição, fiel a um mito: a raça, o sangue — ou escravo de um chefe que não erra. E o realismo não deixa lugar a subentendidos. Tem de ser claro, e clareza é sinônimo de sinceridade. O fascista é, por natureza, nebuloso: somente as névoas conseguem disfarçar, um tanto, as contradições.

Não resta dúvida que, se tivesse vencido, Hitler se teria apressado em corrigir o lamentável esquecimento em que incorreu. Ainda faltava muita coisa para ser queimada...

Felizmente, Londres enfrentou a Luftwaffe e Stalingrado enfrentou a Wehrmacht — e os livros de Shakespeare não foram para a fogueira, nem pereceu o espírito de Shakespeare. Antonio, Julieta, Ariel — o caráter, a beleza, a poesia — continuam ao nosso lado, enquanto lutamos pela vitória da democracia sobre o fascismo, que será a vitória da sinceridade sobre a hipocrisia, da clareza sobre a nebulosidade, da ironia sobre o pedantismo, do homem sobre o mito, — a vitória de Shakespeare sobre Spengler e Rosenberg.

LEIA!

SINCLAIR LEWIS, DR. ARROWSMITH, tradução de Juvenal Jacinto (Coleção Nobel, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1943) — Este romance de Sinclair Lewis pode ficar ao lado do "Babbitt", do "Ann Vickers", do "Doddsworth", como dos maiores romances do seu autor, mas com a diferença que, neste, o sorriso sardônico de Lewis vai de par com uma enorme seriedade no trato do seu assunto. Este é um romance dos bons tempos, sem a pressa e o falso humorismo dos seus últimos romances. É um romance construtivo, que conta a história de um jovem médico que procura fazer honestamente o seu caminho, por entre as dificuldades opostas pela sociedade do dólar. Penetrado de profundo sentido humano construído com cuidado e fidelidade ao drama que narra, este "Dr. Arrowsmith" é de intensidade dramática surpreendente. Um romance que é uma lição de constância — e de cecência. Excelente tradução de Juvenal Jacinto.

Emile Zola, THERESE RAQUIN (Americ-Edit., 1943) — Foi uma boa idéia da Americ-Edit. reeditar, para o continente americano, este grande romance de Zola, tão querido do público brasileiro, que entretanto só o conhece através do "Germinal" e do "Naná", aquele através da bela tradução de Banciera Duarte (agora reeditada pela Casa Vecchi), este publicado numa pequena coleção da Civilização Brasileira. O intenso drama passionnal da passagem do Poncneuf certamente será lido com enorme prazer pelo leitor brasileiro, que ainda não se esqueceu da língua francesa. É possível, mesmo, que a história dos amores de Laurent e Thérèse venha por novamente na ordem do dia essa língua que cada vez perde mais terreno para o inglês e a própria literatura francesa, que pode produzir obras de arte imperecíveis como este grande, e tão maravilhoso romance de Zola.

Rachel de Queiroz, AS TRÊS MARIAS (Liv. José Olympio, 1943) — Nova edição do último romance da autora de "João Miguel", que conquistou o prêmio Felipe de Oliveira. Um romance que se lê com facilidade, que conta o destino vário de três moças — "as três Marias" — criadas num colégio de freiras da província. A história tem lances de drama, um lento mas inexorável processo de liquidação da consciência religiosa trazida do colégio, ao contato com a realidade da vida. Um dos bons romances da moderna geração brasileira de escritores, em que Rachel de Queiroz ocupa um lugar de merecido destaque. Escrito com uma encantadora simplicidade, "As três Marias" marcam um passo definitivo na carreira da romancista do "O Quinze".

René Fülöp-Miller, O TRIUNFO SOBRE A DÓR, tradução de Cecília Reis (Liv. José Olympio, Rio de Janeiro, 1943) — Uma das grandes reportagens de René Fülöp-Miller, desta vez sobre os progressos da anestesia. Um aspecto muito simpático da luta do homem pela felicidade — os meios e processos de evitar a dor — desde os estudiosos da Idade Média até os homens de ciência dos nossos dias. Um capítulo muito interessante — entre os interessantes capítulos do livro — é o dedicado ao parto: "Darás à luz sem dor!" Um livro indispensável como ilustração à história da ciência e da sua dedicação à felicidade humana.

Antoine de Saint-Exupéry,

PILOTO DE GUERRA, tradução de Monteiro Lobato (Companhia Editora Nacional, 1943) — Saint-Exupéry conquistou merecida notoriedade com o seu "Terra dos homens" — um livro intensamente dramático em que procura compreender a tragédia do seu tempo. Neste "Piloto de guerra", tão bem traduzido por Monteiro Lobato, Saint-Exupéry imortaliza um alto momento de heroísmo e de audácia dos pilotos franceses, nos últimos dias da resistência da França, em 1940.

Sra. Leandro Dupré, **ERAMOS SEIS** (Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1943) — Um romance que revela, sem sombra de dúvida, uma romancista — uma romancista que procura os seus motivos na beleza e na simplicidade do cotidiano e con-

sificar de romance, na sua obra, o "Contraponto", pois os seus outros "romances" nada mais são do que diálogos entre personagens da classe superior, muito interessados na discussão de temas filosóficos, morais ou políticos, sem nenhum arcabouço de romance.

—Um romance muito interessante e muito engenhoso sobre o fabuloso tesouro que se encontraria escondido nessa ilha mais oriental do Brasil. O autor confessa, num prefácio muito bem feito, que a sua novela, não é fruto exclusivo da imaginação, embora se re-



"Não sabemos si houve outro Brasileiro que com tanta acuidade nos observasse." JOÃO RIBEIRO

A Livraria JOSE OLYMPIO Editora
tem a satisfação de participar o lançamento da obra-prima da sociologia brasileira **CASA-GRANDE & SENZALA** de GILBERTO FREYRE em sua 4.^a edição, DEFINITIVA-2 VOLUMES in-8 com 800 paginas.

4 RAZÕES QUE FAZEM DESTA REEDIÇÃO UMA OBRA PODE-SE DIZER NOVA, INDISPENSÁVEL POR CONSEQUENTE A TODOS OS ESTUDIOSOS:

- 1- Pela 1.^a vez foi rigorosamente revista por Gilberto Freyre.
- 2- Pela 1.^a vez foi a obra admiravelmente ilustrada a bico-de-pena por Santa Rosa.
- 3- Pela 1.^a vez traz magnífica bibliografia.
- 4- Pela excelente apresentação gráfica dos volumes na Coleção Documentos Brasileiros.

Venda em todas as Livrarias do país
PREÇO DOS 2 VOLS. BR. Cr\$ 80,00 - ENC. Cr\$ 100,00
EXEMPLARES DE GRANDE LUXO, PARA BIBLIÓFILOS Cr\$ 300,00

em missão de reconhecimento nas proximidades de Arras. Durante esse voo — uma operação realizada com a coragem que dá o desespero — todas as cenas da queda da França chegam à consciência dos pilotos, que desafiam as baterias anti-aéreas inimigas, voando baixo sobre as linhas alemãs. Um grande documento do nosso tempo, escrito por um homem das forças aéreas aliadas que tem hoje um lugar na primeira fila dos grandes escritores do mundo.

Alexander Marchant, DO ESCAMBO A ESCRAVIDÃO, tradução de Carlos Lacerda (Brasiliense, Companhia Editora Nacional, 1943) — Este livro do prof. Marchant se refere às relações econômicas de portugueses e índios na colonização do Brasil, no período compreendido entre 1500 e 1580, e traz importantes contribuições para o entendimento das verdadeiras causas que levaram os lusos a adotar a escravidão dos negros. O prof. Marchant e toda a questão com a seriedade e a sobriedade de um scholar, valendo-se de fontes de informação seguras — cartas régias, regulamentos, trabalhos dos jesuítas, os livros de Gandavo, Gabriel Soares, Vicente do Salvador, Simão de Vasconcelos, Jaboatão, — e das obras de interpretação histórica de Varnhagen, Capistrano de Abreu e Almeida Prado. Um ensaio que honra o seu assunto. O tradutor, Carlos Lacerda, escreve um prefácio ao livro, salientando a importância da obra do prof. Marchant na refutação do erro de supor o índio um elemento negativo na colonização do Brasil.

Stendhal, A CARTUXA DE PARMA, tradução de Antônio Rino (Editora Oceano, São Paulo, 1943) — O imortal romance do precursor do naturalismo, numa tradução cuidadosa e fiel. Neste romance se afirmam, decisivamente, as qualidades de psicólogo de Stendhal, que o singularizaram entre os escritores franceses da sua época e lhe deram um lugar de pioneiro na literatura moderna. Um romance que, escrito em plena maré do romantismo, se baseava nas observações pessoais de Stendhal, cônsul francês em Civitá Vecchia e retratava, com muita objetividade, a sociedade e os costumes locais.

ta, com uma naturalidade encantadora, pequenos acontecimentos da vida doméstica — um território de certo modo desconhecido nos romances do Brasil. A narrativa, singela e despretensiosa, é de grande força de convicção e, embora nem sempre muito cuidadosa, prende o leitor. Este livro já conquistou, para a sua autora, uma posição singular nas nossas letras. Esperemos que outros romances com este — melhores do que este — venham confirmar o lugar que se fez à sra. Leandro Dupré entre os nossos romancistas. — O livro traz um prefácio muito original de Monteiro Lobato.

Aldous Huxley, EMINENCIA PARDA, tradução de Paulo Moreira da Silva (Livraria do Globo, Porto Alegre, 1943) — Todos os que conhecem a obra de Aldous Huxley sabem que ultimamente ele se vinha orientando para o estudo de caracteres isolados, abandonando cada vez mais o romance. Aliás, só se pode clas-

Com "Eminência Parda", a história de Frei José de Paris, conselheiro de Richelieu, Aldous Huxley parece ter enveredado pelo caminho que é o seu. A biografia, nas mãos de Huxley, se transfigura, num milagre de compreensão. E Huxley sustenta que o conselheiro do cardeal deu os primeiros passos na estrada que levou às guerras mundiais de

1914 e 1939. A história do capuchinho que fez a Guerra dos Trinta Anos, o mundo real e intelectual da Eminência Grise de sinistra memória, o ambiente do tempo, estão evocados com uma seriedade — e principalmente com uma argúcia — que é alguma coisa de raro num romancista, e ainda mais quando esse romancista é um Aldous Huxley, que se diverte com o ridículo da sua classe. "Eminência Parda" traz também a discussão o problema do misticismo — um problema muito mais atual do que parece, nesta hora de profunda confusão ideológica. — Um grande livro.

fira, dubitativamente, à existência do tesouro — "lenda ou realidade". O desenrolar da ação lembra os romances de piratas, muito especialmente do gênero vulgarizado por Stevenson. São aventuras em terra e no mar, narradas com certa desenvoltura, mas com diálogos de folhetim. Uma tentativa de romance de aventuras num gênero ainda inexplorado no Brasil.

Edigar de Alencar, MOCORORÓ (Pongetti, Rio de Janeiro, 1943) — Poesia "cômica", em que ha mesmo boa dose de humor. O autor começa explicando que "não deve ser mera coincidência" qualquer semelhança que se note com personagens vivos — e produz pequenas alfinetadas como esta:

Mente tanto, tanto mente,
que quando ele vem chegando
eu penso que está ausente.

Ou esta maldade:

Madama é um poço de virtudes,
ninguém nega o conceito
transparente.
Pena é que no poço não
[mergulhe
o marido somente.

Versos simples e fáceis, explorando temas e situações comuns, cotidianos. Uma sátira sem amargura, que procura antes de tudo efeitos cômicos. Um livrinho que se lê com prazer, embora se repita um pouco e por vezes explore incidentes familiares à poesia satírica e humorística nacional.

Não Leia!

Pedro Calmon, VIDA DE D. PEDRO I, o Rei cavaleiro (Brasiliense, Cia. Editora Nacional, 1943) — Esta "segunda edição aumentada" do livro do sr. Pedro Calmon nada traz de novo, como a primeira também não trouxe, sobre o turbulento Bragança. É incrível como o sr. Pedro Calmon desentende dos assuntos. O livro está muito cheio de nomes, de cavalhadas na calçada da noite, de gestos de ou-

(Continua na 22.^a pag.)

Leia se Quizer!

Maurice Barrés, LES DIVERSES FAMILLES SPIRITUELLES DE LA FRANCE (Americ-Edit., 1943) — Este livro, escrito na guerra passada, conclui pela "unanimidade profunda" do povo francês diante do inimigo. Barrés estuda as diversas correntes de opinião existentes no país no momento do ataque alemão e o seu devotamento à causa da salvação nacional. Livro apaixonante do inimigo. Barrés escrito no teatro e sob a impressão dos acontecimentos, é impressionante a serenidade desse Dâmoqueles ao pesar todas as forças em jogo, a justiça com que procura entender os motivos religiosos dos católicos, dos protestantes, dos israelitas, dos motivos morais dos socialistas, dos tradicionalistas, para dar todo o seu apoio, toda a sua capacidade de abnegação, de trabalho e de sacrifício à tarefa de esmagar o invasor. Por esse documento da guerra passada, pode-se ver o contraste entre a França em 1914 e em 1940. "Le génie de la France sommeillait sur un oreiller de vipères", diz Barrés. Em 1940, nas mãos de Pé-

tain e Laval, o gênio da França, foi abafado, sufocado, expulso — para Londres, para a África do Norte — pelas botas do inimigo. O livro de Barrés é uma tomada de contato que revela, ainda hoje, a verdadeira França, que a ignominia dos colaboracionistas não pode fazer desaparecer.

Adalgisa Nery, AR DO DESERTO (Liv. José Olympio, Rio de Janeiro, 1943) — Novo livro de poemas da autora de "A Mulher ausente". Embora um tanto prejudicado pelas rimas, que impedem a liberdade de expressão da sua poesia, tão largada, tão inconsciente da "carpintaria" poética, há neste pequeno volume alguns poemas bem interessantes, como "Mensagem", "Cantiga de ninar", "Poema da mulher destruída". Não é possível, porém, deixar de lamentar a existência da rima, que de muito reduz a força de convicção dos versos, mesmo nos melhores poemas.

Adolfo Monjardim, O TESOURO DA ILHA DA TRINDADE (Rio de Janeiro, 1942).

BALANÇO LITE- RÁRIO

(Continuação da 21ª pag.)
 adia, de pequenos lanceos tem-
 peramentais. Tudo isso pa-
 rece muito importante para o
 empomadado acadêmico. Mas
 a figura realmente histórica
 do Imperador não está nesse
 alentado volume da Brasília-
 na. Temos de reconhecer uma
 virtude no sr. Pedro Calmon —
 os assuntos de que trata não
 se esgotam, não se corrompem,
 — continuam virgens. ... É a
 impressão que dá este volume,
 embora o adjetivo só por for-
 ça de expressão se possa apli-
 car a Pedro I.

Jorge Gadret, **DESLUMBRA-
 MENTO** (Porto Alegre, 1942)

— Um livrinho de poesias des-
 te gênero:
 Olha aquelas criancinhas,
 tem pena por caridade,
 vagando sempre sózinhas
 pelas vielas da cidade.
 Um poeta abaixo de qual-
 quer crítica, que só nos inspi-
 ra uma pergunta — que alias
 se contém numa das suas poe-
 sias: "Além de versos, fazes
 outras cousas?" Certamente
 as "outras cousas" serão me-
 lhores.

A INTELIGÊNCIA LI- VRE CONTRA A DIS- CIPLINA FASCISTA

(Continuação da 10.ª pag.)

dade é que o jornalista pode vir
 a aprender a ler no jornal e che-
 gar a ser um expoente da pro-
 fissão. Posso contar a respeito
 da ideia da academia que quan-
 do saiu o decreto antigo sobre a
 mesma toquei no assunto no nos-
 so sindicato. Exprimi aquele
 ponto de vista de que jornalista-
 tas, como poetas, não se inven-
 tam. Reconhecia, porém, a van-
 tagem da fundação de cursos
 livres de aperfeiçoamento, fun-
 cionando junto a um órgão da
 classe, a A. B. I. por exemplo.
 Esses cursos compreenderiam
 matérias diversas em que os in-
 teressados procurariam se aper-
 feiçoar. Um comentarista inter-
 nacional, por exemplo, poderia,
 se lhe faltassem conhecimentos
 maiores, seguir um curso de po-
 lítica, direito internacional ou
 geografia econômica, assim por
 diante. Sem nenhum caráter
 obrigatório creio que o funciona-
 mento de meros cursos de aper-
 feiçoamento constituiriam solu-
 ção adequada.

Rodolfo Motta Lima fez sua
 carreira no "Correio da Manhã",
 para onde entrou como revisor.
 Aponta as vantagens dessa "ta-
 rimba". Imaginemos um re-
 dator-chefe acadêmico, que vies-
 se a ocupar essa função em vir-
 tude do título. Recebendo uma
 prova em que figurasse uma li-
 nha de cabeça para baixo qual
 seria sua atitude provável? Cha-
 mar o chefe da oficina para uma
 repreensão...

Algumas recordações da agita-
 da vida do "Correio da Manhã"
 ocupam os nossos últimos minu-
 tos. Rodolfo Motta Lima faz o
 merecido elogio de Edmundo Bi-
 tentcourt e do grande órgão da
 imprensa brasileira.

— Participou de todas as gran-
 des campanhas nacionais, porque
 foi sempre um jornal ao lado do
 povo: a campanha civilista, a
 reação republicana, os dois 5 de
 Julho, a revolução de 30. No tem-
 po do Bernardes, um dos mo-
 mentos culminantes da sua vida
 combativa, vivíamos os redato-
 res de armas nas mãos, expostos
 como andávamos aos vexames
 dos "cravos vermelhos". Foi tal-
 vez a hora maior do "Correio".
 Um exemplar chegava a ser ven-
 dido em São Paulo por dez mil
 réis, e dez mil réis era o preço
 de uma gravata fina naquele
 tempo.

Expressões afetuosas vão tocar
 muitos dos antigos combatentes
 do velho jornal, já hoje afastados
 da atividade: Osmundo Pim-
 mentel, Heitor Melo, João Tib-
 ré da Cunha e outros, muitos dos
 quais mais antigos que o primei-
 ro número do jornal. Motta Li-
 ma explica porque, já que nas
 praxes jornalísticas do tempo,
 até ha pouco subsistentes, incluía-
 se a de tirar "provas" do jornal
 pelo espaço aproximado de uma
 quinzena ou uma semana antes
 de circular a primeira edição. O
 progresso mecânico dos jornais
 hoje lançados matou essa neces-
 sidade, que dantes assegurava a
 apresentação do jornal ao pú-
 blico na sua estreia.

O maior trabalho literário
 do nosso tempo!

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO

por WILL DURANT
 autor da HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Há cerca de 20 anos, antes de publicar
 sua esplêndida HISTÓRIA DA FILO-
 SOFIA, Will Durant concebeu o plano de
 escrever uma história do século XIX.
 Começou, nessa época, a trabalhar no
 projeto, mas logo verificou que a evolução
 histórica e social daquele século só pode-
 ria ser exposta ou compreendida quando
 analisada em relação com acontecimentos
 anteriores, que deitavam raízes nas mais
 diversas e remotas quadras da história.
 Assim, suas pesquisas levaram-no a am-
 pliar o projeto inicial e a formar o plano
 de uma história de toda a civilização, an-
 tiga e moderna, Ocidental e Oriental. Essa
 HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO, que se des-
 tina a ser a obra prima de Will Durant e
 na qual ele vem trabalhando desde 1927,
 constitui a mais brilhante e audaciosa
 tentativa feita por um único cérebro no
 sentido de interpretar, num todo, a lon-
 ga e tumultuosa história da humanidade.



Partes publicadas:

I - NOSSA HERANÇA ORIENTAL - Tradução
 de Monteiro Lobato. Compreendendo a história da
 civilização no Egito e no Oriente Próximo até a
 morte de Alexandre, e na Índia, China e Japão
 desde os começos até nossos dias, com uma in-
 trodução sobre a natureza e os fundamentos da
 civilização. Dois volumes profusamente ilustrados
Cr\$ 56,00

II - NOSSA HERANÇA CLÁSSICA (A Vida na
 Grécia) - Trad. de Guinara Morais Lobato, revista por
 Monteiro Lobato. História da civilização grega des-
 de o seu início, e da civilização do Oriente Próximo
 desde a morte de Alexandre até a conquista romana;
 com uma introdução sobre a cultura pré-histórica
 de Creta. Dois volumes profusamente ilustrados.
Cr\$ 56,00

EM TÓDAS AS LIVRARIAS

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

ADAR Rubens

(Continuação da 10.ª pag.)

Estou contando apenas o que
 eu mesmo vi e sei quão pouco
 posso relatar a respeito. Quem,
 até hoje, pode escrever mais
 do que um fragmento da ca-
 tástrofe, mesmo das cidades
 que foram retomadas pelo
 exército Vermelho? Rostov,
 Krasnodar, Voroshilovgrad,
 Kursk e uma dúzia de outras
 foram recuperadas nas mes-
 mas condições que Stalingra-
 do, Rzhev e Kharkov — cada
 uma, em si, um cataclismo
 grande demais para que a in-
 teligência humana possa
 abranjer.

Nas ruínas da histórica Len-
 ningrado, uma das cidades
 mais bonitas da Europa, um
 terço da população também
 morreu de fome. Na bela Kiev,
 os nazistas levaram a efeito
 terríveis massacres e progroms,
 de acordo com as declara-
 ções do primeiro ministro
 Molotov, que sustenta com do-
 cumentação formidável a sua
 horrível acusação de que "as-
 sassinaram 52.000 homens, mu-
 lheres e crianças". E essa era
 a quantidade há um ano atrás.
 Qual será hoje? De acordo
 com um exemplar recente da

As atrocidades alemãs na parte da Russia ocupada pela Wehrmacht

publicação dos próprios nazis-
 tas: "Nova Ucrania", a cidade
 de Kiev agora parece uma
 grande aldeia. Até as roupas
 que o povo usa, dão-lhes o as-
 pecto de camponeses. Ainda
 foram deixados aqui, cerca de
 tres mil trabalhadores. "Se
 Kiev, em certa época a tercei-
 ra cidade maior da Russia,
 com 200.000 trabalhadores e
 um milhão de habitantes apro-
 ximadamente, tornou-se em
 uma aldeia insignificante,
 quaes serão então as condições
 de cidades tais como: Odessa,
 Minsk, Nikolayev e Smolensk?"

Ninguém pode observar o
 nazismo em ação, sem concluir
 que é a concretização de uma
 política concebida por Hitler,
 mesmo que tudo o mais fra-
 cassasse. "Se os nossos cora-
 ções estão empenhados em
 crear o nosso grande Reich
 Alemão, temos que acima de
 tudo, expulsar e exterminar as
 nações eslavas", disse o Fueh-

rer num daqueles arroubos de
 candura que os estadistas de
 antes da guerra, inexplicavel-
 mente, preferiram ignorar.
 "Vinte milhões de pessoas de-
 vem ser eliminadas, de agora
 em diante este será o princi-
 pal objetivo da politica ale-
 mã".

Mas, se vinte milhões de
 cadáveres é o preço que o che-
 fe do nazismo espera que a
 Russia pague pela sua vitória, o
 que irá ele extorquir quando
 a hora da sua derrota e da sua
 catástrofe pessoal se apresen-
 tar próxima? Não poderá ma-
 tar aquela quantidade de ho-
 mens do exército Vermelho,
 mas terá sob o seu poder,
 meios para matar ou extinguir
 pela fome duas vezes mais de
 civis. Parece resolvido agora a
 fazer de cada cidade e aldeia
 que a Wehrmacht é compeli-
 da a abandonar na Russia
 Oriental, um deserto.
 As pequenas combatentes

que mencionei no começo, con-
 taram-me sem exagero, os
 crimes cometidos contra os
 seus amigos nas vizinhanças
 de Smolensk. Mas — e isso
 pareceu-me espantoso — ob-
 servaram que vários alemães
 faziam parte dos seus bando-
 s de combatentes. Haviam se
 passado para eles com suas ar-
 mas, e tinham sido aceitos.

"Não pensava que as vidas
 deles valessem um kopeck pra-
 ra vocês", disse-lhes franca-
 mente. "Por que não?", per-
 guntou Leza. "Estamos lutaa-
 do apenas contra os hitleris-
 tas e não pretendemos exter-
 minar o povo alemão. Recebe-
 mos bem todos os anti-fascis-
 tas, tanto alemães como os ou-
 tros. O nosso melhor atirador
 de metralhadora é um ale-
 mão e todos nós gostamos de
 ele e confiamos nele. É um óti-
 mo individuo".

É confortador se ter como
 aliado um povo como Pania,
 Leza e Kenya — povo que a-
 pesar de tudo o que tem aconte-
 cido ao seu país, ainda pode
 admitir que haja um alemão
 bom. Este é o povo que merece
 que o conheçamos mais am-
 plamente; povo que merece a
 nossa inteira compreensão.

Dois poemas de Augusto Frederico Schmidt

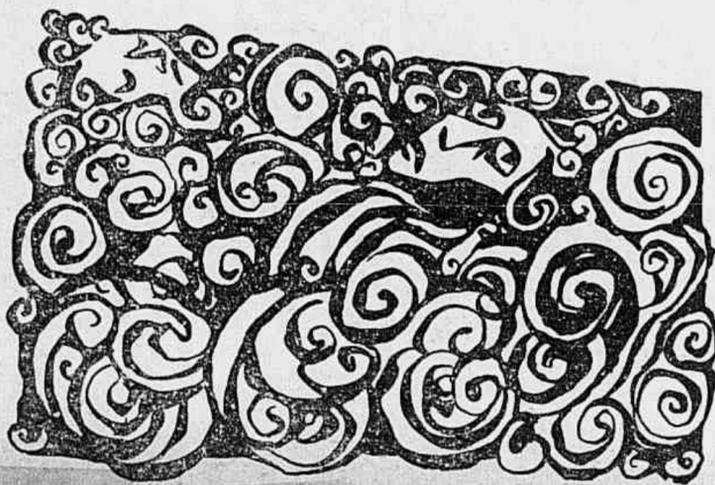
M A R

ESTRELA da manhã boiando n'água
Luz bendita de Deus, fonte e carinho
Razão do meu esforço, ermo de glória.

Tempestade que vem! clara a manhã se estende
Long dos olhos meus, brumas no céu.
Rudes os braços! Vento soprando pelo mar afora
Longe!

Braços rudes, tristes mãos.
As mãos mortas nas terras de alem-mar
As cruces batidas pelos ventos.
As cruces dos tímulos batidas pelos ventos
Tempestade que vem. Os sois passados.
Mastros! Claros os braços!

Virgens nas pontes
Virgens nas pontes dando adeus, nas praias,
Dando adeus nas rochas, nos penhascos altos — dando
[adeus!]



V O Z

DEUS apagará tua voz
Deus apagará todas as vozes
As da natureza e as do amor
As dos tristes e a dos monges
E as que se elevam majestosas
As que choram e as que acordam os males

As feliceiras caminharão nas ruas velhas
Os teus pés nus pisarão a areia branca da praia
Tua voz porem morrerá de súbito
O orvalho não molhará as rosas abertas
Canta agora que a tua voz está viva!
Canta porque tua voz se apagará!

UM LIVRO SOBRE A GUERRA

INVASÃO — Quentin Reynolds — Programado pela Editora Empresa Gráfica "O Cruzeiro S. A.", deverá aparecer, nas próximas semanas, o sensacional "best-seller" de Quentin Reynolds "Dress Rehearsal", que na edição brasileira recebeu o título de "Invasão". O famoso autor de "Somente as Estrelas são neutras", que participou da ação dos comandos no histórico "raid" de Dieppe, conta-nos a operação dessa grande operação de guerra, situando-a como prelúdio à invasão da África e preparativo final ao desembarque dos exércitos democráticos e à abertura da segunda frente, em território europeu.

Leitores de livros anteriores de Quentin Reynolds sabem que ele é um dos maiores reporters da atualidade, capaz de dar-nos os vivos e humanos relatos dos dramas gigantes que abalam os nossos dias. Em "Invasão", esse magnífico

jornalista internacional que já percorreu todos os cantos da terra, indo do Cairo a Moscou, de Londres a Kuibishev, que conversou com Stalin e Churchill, o embaixador da Pérsia e Litvinov, que viu, enfim, todos os teatros da guerra, apresenta-se, neste livro em sua melhor forma, proporcionando-nos uma visão cinematográfica completa, total e empolgante de todas as tentativas para romper, entre as barreiras de aço, tanques, canhões e arame farpado da famosa Fortaleza da Europa, os caminhos vitoriosos da Segunda Frente.

É uma leitura empolgante a que Quentin Reynolds nos possibilita, através de um estilo leve, em que não raro uma boa dosagem de humor corrige todos os efeitos da tragédia. . .

Este livro é, também, a melhor biografia de Mountbatten, o genial criador das heróicas forças expedicionárias que todos conhecemos sob a designação de Comandos,

José da Luz

(Continuação da 13.ª pág.)

nha. Erguera a tampa — e uma chuva de espoletas vermelhas se espalhou no chão. Soltando a pistola, escapulira-me, deixando a gaveta aberta. Em horas de angústia, sem me animar a entrar na sala, esperara que me chamassem, me responsabilizassem pelo desarranjo. Não chamaram. Num degrau alto da escada, movendo a chave, eu temia que se derramassem espoletas da fechadura. Não exatamente espoletas. Mas os ferrinhos tilintantes podiam querer desencaxar-se com espalhafato.

Repunha tudo nos seus lugares, descia, abandonava os miudezas e as ferragens, ia embeber-me nas estampas que ornavam as peças de chita. O mais vistoso desses pedaços de papel mostrava uma árvore encalombada de frutos em forma de cabaças. Um machado encostava-se ao tronco. E um tigre arreganhava a dentuça, equilibrava-se em dois pés, ameaçando um inimigo ausente. Apresentavam-se assim os panos de Machado, Pereira & Cia., grandes fornecedores do Recife. A companhia era o tigre, Delfino Tigre. Eduquei-me no respeito a entidades semelhantes.

Uma tarde em que espiava na litografia as garras de Tigre, o cabo de Machado e os ramos de Pereira, vi José da Luz entrar na loja e esfriei. Quis fugir, esconder-me debaixo do balcão: as juntas endureceram-se, os músculos relaxaram-se. Tentei vencer o medo, endireitar o espinhaço, articular uma frase, sorrir. Em vão. Amunhecava, olhando estu-

pidamente as unhas de Tigre e o gume de Machado. José da Luz era terrível, Metia gente na cadeia, dava surras e muchicões nos feirantes. Superior a Machado, Pereira & Cia., credores de meu pai. O vermelho e o azul da firma notável, expostos na chita, exibiam-se no vestuário de José da Luz — e isto me isolava. Ainda que eu ignorasse a enorme importância do cafuso, não me seria possível tomar intimidades com as cores das litografias.

Deu-se então o caso extraordinário. O soldado pregou os cotovelos no balcão e pôs-se a conversar comigo, natural, como os viventes mesquinhos, Amaro, José Baía, os moradores da fazenda. O terror sumiu-se, a espinha gelada aqueceu-se, os movimentos surgiram. Se meu pai estivesse presente, a fala da personagem seria gentileza indireta. Habituar-me a isso. Certamente era indigno de atenção. Contudo, se me viam acompanhado, sujeitos amáveis falavam-me, careteando, lisonjeando. As caretas e as lisonjas deixavam-me desconfiança. Quando me achava só, tudo isso desaparecia. José da Luz não esperava de mim nenhum favor: a conversa dele era gratuita.

Vieram outras conversas — e tornámo-nos amigos. Por fim não me limitava, na prisão, a inventar fantasmagorias, reparar nas fechaduras e nos papéis coloridos. Tinha um companheiro excelente, que diminuía junto do balcão e era quase do meu tamanho. Não conservo nenhuma das histórias que ele contava, curtas e variadas,

sem dúvida pouco significativas. Ouvia-as pensando em coisas diferentes, interrompia-as muitas vezes:

— Cante um bocado, Zé da Luz.

José da Luz temperava a goela e dizia as tristezas mentirosas da caserna:

Agora é tarde. Me recorde Trabalho imenso... [e penso...

Versatil, eu atentava nos botões amarelos da blusa prestigiosa, no quepi miúdo. Por que era que ele usava chapéu sem aba? As perguntas saíam-me espontâneas, e José da Luz explicava-me que chapéu de soldado era assim mesmo. Contentava-me com isso, a minha curiosidade não tinha exigências. A farda vermelha e azul de José da Luz desbotava, não diferia muito da minha roupa de fustão branco, onde havia traços encarnados. E as botinas de José da Luz, brilhantes e ringidoras, aproximavam-se dos meus borzeguins duros, cada vez mais estreitos. Éramos duas insignificâncias, uma loquaz, buliçosa, outra cheia de sonhos, emperrada. Os meus bonecos da altura dum polegar esmoreceram.

Esse mestiço pachola teve uma influência grande e benéfica na minha vida. Desonuvicou-me, atenuou aquela pusilanimidade, avizinhou-me da espécie humana, que se ia distanciando em excesso. Ótimo professor. Acho porém que era um mau funcionário. O Estado não lhe pagava etapa e soldo para desviar-se dos colegas, sujos e ferozes, encher com lorotas as cabeças das crianças. Um anarquista,

ÚLTIMAS EDIÇÕES

da

LIVRARIA MARTINS

Louis Verneuil — A VIDA MARAVILHOSA DE SARAH BERNHARDT — Tradução de Galeão Coutinho br. Cr\$ 22,00

Vemos, nesta biografia magnífica, não apenas uma sucessão de triunfos da grande artista, mas sim e principalmente a soberba mulher, a personalidade dominadora que foi Sarah. E como numa opulenta novela de aventura, recompomos em detalhes os episódios fantásticos dessa grande vida de que tanto nos falaram as lendas que difundiram por todos recantos da terra a sua glória.

Edgard Cavalheiro e Almiro Rolmes Barbosa — AS OBRAS-PRIMAS DO CONTO BRASILEIRO — Retratos de J. Wash Rodrigues — br. Cr\$ 20,00, cartonado, 22,00.

Um verdadeiro e completo panorama, do gênero, desde os princípios até os autores mais modernos. Tanto o critério observado na escolha dos originais, como as agudas e completas notas biobibliográficas que os precedem, não deixam margem a qualquer crítica e fazem de "As

Obras-Primas do Conto Brasileiro" um trabalho tão perfeito quanto é possível à perfeição em obras deste gênero.

Anna Seghers — A SÉTIMA CRUZ — Tradução de Otávio Mendes Cajado — br. Cr\$ 20,00

Os leitores de hoje, de um mundo em guerra, e os leitores do futuro, de um mundo em paz, virão ainda a considerar a história da fuga de George Heisler do campo de concentração de Westhofen o maior e o mais profundamente compreensivo dentre os livros escritos sobre o mais tremendo assunto destes tempos: a luta contra a tirania nazista.

Só um escritor alemão, que conheceu a Alemanha de hoje, poderia ter escrito este livro. Só uma romancista, do vigor de Anna Seghers poderia cingir a trama desta história com tanta força e, ao mesmo tempo, tanta poesia.

A venda em todas as Livrarias — Se o seu livreiro não os tiver, peça diretamente, pelo Serviço de Reembolso Postal

LIVRARIA MARTINS EDITORA

Rua 15 de Novembro, 135 — SÃO PAULO

(Continuação da 18.ª pag.)

na brilhava sobre o mundo. Uma nova Idade Média seria obra de outros bárbaros, os "bárbaros verticais" de Páthenau, que surgiam da escória de civilizações muito velhas: "monstrum horrendum cui lumen ademptum", um monstro sobre o qual, por definição, nenhuma luz poderia brilhar. Bárbaros sem luz. Não se pode subcrever, nem admitir, que os últimos servidores da luz estejam na obrigação de aliar-se a esta nova era. Se houver, pois, uma nova Idade Média, não será mais "a" Idade Média, e, sim, "uma" Idade Média. Nesta partícula "uma" fica toda a incerteza do nosso futuro. O sr. Oto Maria Carpeaux, ao falar sobre Antero de Quental, disse que se desesperou ao querer situá-lo numa certa categoria de poetas místicos. E o que nos ocorre agora. O trecho que citamos tem qualquer coisa de apocalítico e de vago ao mesmo tempo de desesperador e define a posição medievalista do escritor ainda que não o pretenda ser.

UMA DEFINIÇÃO DO SR. ALVARO LINS

Longe estamos de supor no autor de um livro escrito em língua portuguesa, tão tumultuoso e tão ardente, tão cheio de caráter, como "A Cinza do Purgatório", um "bem pensante" travestido de inconformado. Já uma vez Gide falou no não conformismo de Claudel — hoje tão Petain! — que aparentemente se aliava ao não conformismo de Malraux. A questão é que não-conformismo não exclui o conteúdo reacionarista que um intelectual carrega consigo, misturado com as suas imprecações, com a aparência ou talvez a heresia de suas conclusões, e na a força de sua independência que é mais uma forma trágica de solidão. E quanto ficamos certos de que o Sr. Oto Maria Carpeaux é tão diferente de um Alceu de Amoroso Lima, de alguns desertores como Ortega y Gasset, de alguns estáticos na sua alta contemplação como Bergson, não deixamos, por outro lado, de indicar as suas "reações" contra a ação e a vitalidade dos dias que não de vir, e aqui damos a palavra ao Sr. Alvaro Lins no seu artigo, em "Jornal de Crítica", "Um novo companheiro":

"Todos os estudos de Oto Maria Carpeaux se realizaram dentro de um critério absolutamente universal. A sua especialização se orientou no sentido da literatura comparada, para a qual levou o conhecimento de oito línguas vivas e mortas. Inclusive, hoje, da portuguesa. E adiante: "Entre as suas antigas atividades quero lembrar as seguintes: uma longa colaboração de artigos franceses para Cité Chrétienne (Bruxelas); artigos em alemão como diretor da página cultural de Reichspost, principal diário católico da Áustria, e em holandês, como redator de "Gazet van Antwerpen", grande jornal católico da Bélgica flamenga; redator-chefe de "Berichte zur Kultur und Zeitgeschichte", revista austríaca e ponto de convergência dos católicos mais inteligentes e lúcidos; os seus livros: três sobre as letras e a história da Áustria, um outro "soldado" apologético, uma obra de apologia do catolicismo "largo" e evangélico contra o catolicismo "estreito" dos bem-pensantes, e, por fim, "A Missão Europeia da Áustria". Foi este livro que o chanceler austríaco leu até as vésperas do seu assassinio. A visão deste livro — a de uma Áustria independente e europeia — foi a visão que Dolfuss levou para além da morte. Aliás, sobre esta base da independência da Áustria é que o chanceler Dolfuss e o escritor Oto Maria Carpeaux

Panorama da Crítica

sempre se entenderam; quanto aos problemas sociais, ao contrário nunca puderam se entender, porque Dolfuss não quis se libertar inteiramente dos mitos totalitários e Carpeaux quis permanecer irredutivelmente fiel aos seus ideais de verdadeiro cristianismo". Não queremos ferir o delicado assunto de uma amizade entre o cristão Carpeaux e o fascista Dolfuss que aliviava os seus tormentos nas paginas de seu amigo, a visão do famoso Fevereiro sangrento que cobriu de luto e ruínas a Viena operária. Estamos mesmo certos que a experiência política do sr. Oto Maria Carpeaux o levaria a tomar uma nova interpretação acerca do regime dolfista, caminho pelo qual pôde Hitler anexar a Áustria. Puro platônico, o sr. Oto Maria Carpeaux, submerso aos seus longos e profundos estudos que o separavam das tremendas realidades populares, poderia divergir de seu amigo quanto ao fascismo e se conciliar com ele quanto à independência da Áustria, esquecido, por culpa tão somente de seu platonismo, que a solução socialista no próprio sentido cristão dos problemas sociais, com a qual Dolfuss não concordava, seria a única base da independência austríaca, da resistência austríaca ante o nazismo.

UM PESSIMISTA E UM PROFETA

Diz ainda o sr. Alvaro Lins a respeito do autor de "Cinza do Purgatório": "Carpeaux é um pessimista e é um profeta, ou, mais exatamente: é um profeta porque é um pessimista. Nada espera deste mundo nem dos homens nem dos povos nem dos Estados. Está certo que nenhum acontecimento modificará a substância da velha e inviolável natureza humana. Que as civilizações se sucedem sem que nada suceda de novo dentro dos homens. **Que só a Morte é um princípio de Vida.** E se este é o seu pensamento no plano filosófico ainda se torna mais pessimista e mais profético no plano histórico, quando ao momento que estamos vivendo".

Tudo isso vem carregado de patético e nos dá arrepios diante da respeitável mas perturbadora conduta de um escritor desesperado. Como poderia orientar o seu pensamento aos jovens brasileiros. Partindo da afirmativa de que só a Morte é um princípio de Vida? E note-se que essa conduta, como diz o próprio sr. Alvaro Lins não é uma conduta passiva. Eis o que o tão categórico crítico brasileiro nos diz: "... o pessimismo de Carpeaux nada tem de feminino, de fragil, de demissionário. Ao contrário, é um pessimismo conciente, trágico, viril". Surpreendemo-nos com um pessimismo em plena ação, isto é, em plena reação aos que reconhecem que nem só a morte é um princípio de vida.

O sr. Oto Maria Carpeaux é um sério agitador de idéias e temos por ele os sentimentos mais fraternais. Está ao lado das forças democráticas, acha-se entre nós dando o que há de melhor de seu esforço literário, voltado aos nossos problemas culturais, um humanista encarnado no seu trabalho e na sua curiosidade intelectual, na divulgação e agitação de suas idéias e de seus profundos conhecimentos. E isso é importante para nós sem que nos negue o direito de mostrar em seu livro o lado obscuro ao mesmo tempo violento de suas tendências em oposição ao nosso ponto de vista, em confirmação do nosso

conceito. Muitas vezes essas tendências levam ao simplismo, como por exemplo aqui: "O fascismo foi impossível na Rússia. E' também um fato fundamental que a Rússia não conheceu, não teve uma classe média. Ora, segundo a corrente da época, o bolchevismo criou uma classe média". E mais adiante: "O fascismo e o bolchevismo tem o seu lado comum de serem expressões das novas classes médias. E a ideologia que permite explicar o espírito das novas classes médias é a ideologia do pequeno burguês, violentamente revolucionária e anti-intelectualista. Explica-se, por isso, que George Sorel, o pai espiritual comum do fascismo e do bolchevismo, o ideólogo da violência, seja um homem profundamente pequeno-burguês, representante típico das classes médias francesas", etc. Esse conceito de violência, esse sistema soreliano, parece assim que é moderno e que nasceu com Sorel. Como se não fosse mesmo um conceito também cristão — sobretudo dos Jesuítas, dos puritanos da Revolução de Cromwell, como se não fosse aplicado por Bismark contra o socialismo e por Versalhes contra Paris de 71. E' o conceito de Napoleão na idealização de seus Estados Unidos da Europa; podemos ir mais longe e tomar Maquiavel e Hobbes como exemplos e recorrer também aos meios pelos quais a civilização ocidental fez a conquista das Américas e da Africa. Antes mesmo de Sorel outros pensadores revolucionários estabeleciam o método de violência não como um método original, mas o exemplo — numa forma adaptada ao tempo — do que se faz sempre quando se tornou necessária a mudança de classes dominantes como podemos ver pelo ascenso da cristandade, pela derrubada do feudalismo pela formação do proletariado cossos ingleses para dominarem a Ho-industrial na Inglaterra e pelos proulanda e a Espanha na época da formação capitalista e pela guerra de secessão.

AS CILADAS DO SIMPLISMO

Estamos nos alongando nestas linhas em que tratamos de fazer um esclarecimento. Para encerrarmos queremos ainda falar a respeito do ponto de vista do sr. Oto Maria Carpeaux sobre as causas do fascismo. Diz ele: "O livro mais documentado que conheço sobre o fascismo, "Fascisme et Grand Capital", de Daniel Guerin, apresenta a tese de que o fascismo é a última expressão do grande capitalismo. Tese errônea. Provando irrefutavelmente que o grande capital se serviu do fascismo para bater o movimento trabalhista, Guerin esquece-se de concluir que o instrumento se mostrou, enfim, mais forte do que o mestre, e que os operários e os capitalistas perderam, juntos, a liberdade de movimento, pela ação deste inimigo de ambos — as classes médias. Fato fundamental de nosso tempo, o fascismo propaga-se e vence através das classes médias das quais é a expressão triunfal". Ora, isto é simplismo dos mais tocantes. Esquece-se o ensaísta do que está acontecendo na Itália e na Alemanha. Agora mesmo na Itália esta-se revelando que os grandes capitalistas foram os que lucraram com o regime fascista. Na Alemanha é fato concreto, absolutamente concreto, que é o grande capital que predomina e que dirige os acontecimentos. Agora mesmo um sh.

ple jornalista norte-americano, correspondente em Berlim, apresenta fatos minuciosos provando como o grande capital engendrou o fascismo para adiar a sua queda e que apenas se serviu das classes médias para a agitação ideológica. As classes médias na Alemanha tiveram o seu nível de vida incrivelmente mais baixo e perderam, ou mais exatamente, não obtiveram nada mais do que a obrigação de fazer suportar a guerra. Não se tornou em classe dominante. Pergunte-se quem são os donos dos grandes consórcios industriais germânicos pelos quais o imperialismo nazista fez a guerra e tentou uma nova redivisão do mundo colonial. Como se vê o sr. Oto Maria Carpeaux cai às vezes nas ciladas do simplismo. Dizer que o grande capital e o operariado perderam juntos, é dum simplismo de bom abade. Imagine um proprietário das Siemens abraçado a um operário das mesmas usinas chorando a sua miséria e dizendo: "Meu camarada, Hitler nos enganou. Somos ambos desgraçados. Estamos na mesma miséria, sofremos as mesmas condições de vida!"

Imaginem Van Tyssen batendo à porta do campo de concentração, onde Hitler encerrou alguns líderes proletários, a clamar:

— Sou um dos vossos camaradas. Hitler nos fez iguais!

Entretanto poderemos ver o que o grande capital alemão pretendia fazer na Rússia. Os seus planos financeiros, a sua larva expansão imperialista, em busca de centros vitais, como no Cáucaso, nada tem de classe média, vamos convir. E isto demonstra que os simplistas não são apenas os primários, mas os grandes intelectuais, os "regentes da literatura", numa expressão muito da estima do sr. Alvaro Lins.

Tudo isto não vem apagar a nossa admiração e o nosso respeito pelas altas qualidades do sr. Oto Maria Carpeaux. Hesitaríamos, decerto, em acreditar que o cristão Carpeaux chegasse a dizer limpidamente o que disse o católico José Bertramin: "A li impostura de la contra-revolucion que se dice defender la "causa del orden", respondi uma vez que la causa del orden es la revolucion, la única causa legítima del orden porque es ley revolucionaria del amor, la que mueve el sol y las otras estrellas, ley del divino amor de la justicia, ordenadora revolucionaria del universo, unificadora revolucionaria del diverso". E essa hesitação nos levaria, por fim, a não esperar do pessimista e não-profético sr. Oto Maria Carpeaux estas palavras que escreveu Voltaire e que queremos citadas em espanhol por Anibal Ponce, numa das suas notáveis conferências: "Todo lo que veo arroja las semillas de una revolucion que llegará ineludiblemente y a la cual no tendré la alegría de asistir. Los hombres jovens son mas felices, veran cosas hermosas."

Sempre é necessário saber aquilo que nos separa e aquilo que nos une. O que nos separa, é muito e muito. Mas não sejamos intransigentes diante dessa face bárbara, sulcada pelos sofrimentos" diz o sr. Oto Maria Carpeaux ao concluir o seu artigo sobre Dostoyevski. Ainda bem que trouxemos para cá as suas próprias palavras, diante das quais terminaremos dizendo que presentemente o muito que nos separa pouco importa, pois alguma coisa nos une e que é o desejo comum de ver o mundo libertado do fascismo. Depois, então, continuará o debate.

MANUEL EVARISTO

(Continuação da 18.ª pag.)

atingirá a altura de "Banguês"?

O sr. Osorio Borba fez inesperadamente uma conferência na Associação Cristã dos Moços a convite do Grêmio Hebreu. O tema do conferencista girou sobre o fascismo e foi uma grande noite para o numeroso público que encheu o salão da referida sociedade.

Vinicius Moraes publicou "Cinco Elegias", uma pequena edição onde podemos encontrar o mesmo poeta tumultuoso de "Forma e Exegese". O poeta de "Novos Poemas" pretende publicar uma coleção completa de seus poemas. Uma lista na José Olímpio está a disposição dos seus amigos e admiradores afim de custear a edição. Será um grande serviço à poesia a publicação do livro

Notícias literárias

de um dos maiores poetas brasileiros em nosso tempo.

O sr. Tristão de Ataíde Lertmeijou um livro sobre o Cardinal Leme.

O Padre Leonel França perpetrou um livro sobre filosofia em que ataca Silvio Romero, toda a Escola de Recife e faz uma espécie de imprecação a Farias Brito.

A Academia Carioca de Letras inaugurou o maxsolon de Cruz e Souza. A propósito do poeta houve discursos.

Acha-se nesta Capital a senhora Nise da Silveira que se encontrava há tempos no Norte. Nise da Silveira é uma das

altas figuras femininas pelo seu valor como cientista e pela contribuição como escritora, que tem dado à interpretação de alguns escritores contemporâneos.

Esteve também nesta capital o poeta cearense Aluisio Medeiros, um nome que se vem destacando na nova geração e que há um ano publicou o seu primeiro livro de poemas "Trágico Amanhecer".

Editores norte-americanos chegaram ao Brasil afim de promover um intercâmbio entre escritores e casas editoras do nosso país e os Estados Unidos. Houve uma reunião no Instituto Nacional do Livro para começo de conver-

sa. No meio do assunto uma senhora invade ruidosamente a sala onde estavam reunidos os editores norte-americanos e brasileiros. Tratava-se de d. Geny Pimentel Borba que se fez anunciar como editora também e queria por certo lançar as suas drogas como bestsellers no mercado ianque. Contam que o poeta Vinicius Moraes que assistia à reunião desmaiou.

O sr. Rosario Fusco vai escrever com romance. Chama-se "O agressor" o romance. O sr. Amândo Fontes promete também o seu terceiro romance, cujo tema é tirado de tipos e costumes de Sergipe.

uma roda na Livraria

José Olímpio alguém começou a falar que as crônicas do correspondente de guerra Barreto Leite Filho eram tão dominadoras... O maldizente acrescentou que quando está muito cansado das notícias de guerra decide-se a ler o sr. Barreto...

O VALE DA DECISAO — Marcia Davenport — Vibrante e realística novela da América, apresentando o drama de três gerações de ianques envolvidos no ritmo do crescimento industrial dos Estados Unidos. "O Vale da Decisão" é a história do aço, refletida na mais humana das crônicas de família que, na América do Norte, já foram escritas, desde "The Forsyte Saga". Sua ação inicia-se em 1870 prolongando-se até às vésperas de Pearl Harbour. Maria Eugénia Celso traduziu este livro que está destinado a marcar um dos maiores êxitos literários da atual temporada.

UMA RETIFICAÇÃO DESNECESSÁRIA

CONHECIDO escritor Araujo Ribeiro — conhecido principalmente pela volúpia com que caçeteia o próximo — não tem o espírito tão "contemplativo, místico e sonhador", como generosamente se confessa. Tanto assim que armou em várias colunas de jornal, nestes tempos de crise de papel, uma tentativa de escândalo, que só pode ser encarada como um bem pouco sonhador amor pela publicidade.

O caso é simples: Os editores Pongetti adquiriram da Companhia Brasileira Editora os direitos de "A lenda de uma quinta senhorial", e foi resolvido que este livro seria incluído na coleção "As 100 obras primas da literatura universal", sob a minha orientação, apenas... E eu achei que estava bem. Mas a tradução que me apresentaram pareceu-me que poderia ser retocada em algumas passagens. Não sabendo quem fosse o seu autor, eu, que conheço meio mundo, cuidei até que fosse algum obscuro rapaz português, pela forma com que eram apresentados certos trechos da tradução, como por exemplo: "A Olin, já lhe subira o sangue à cabeça". Aconselhei, portanto, que se fizesse uma pequena revisão no livro. Foi aprovada a idéia, encarregaram-me da revisão. Fiz, cortei uma nota bestialógica a propósito de Weber, e assim, isto é, responsabilizel-me pelo que tinha feito, como o faço com todos os livros que rejeito, mesmo que sejam eles traduzidos por criaturas tão sublimes como Araujo Ribeiro, Goethe, Shakespeare e outros. No frontispício, aliás, lá está: "Tradução revista por Marques Rebelo"; so uma pessoa perfeitamente estúpida poderá deduzir destas palavras que eu tenha traduzido o livro, o que parece ter acontecido, infelizmente, com o escritor Araujo Ribeiro, tanto assim que fez uma longa exposição das suas qualidades de tradutor, esquecendo-se de mencionar que eu não me considerava o tradutor, o que para um espírito leviano poderá parecer que o escritor Araujo Ribeiro esteja agindo de má fé, o que não acredito.

Se o escritor Araujo Ribeiro acha-se lesado, procure os editores Pongetti, que são uma casa comercial. Eu, não. Sou apenas escritor, de nome muito menor que o de Araujo Ribeiro, e é para ganhar a vida que também rejeito traduções alheias, assinando-as. Entendendo-se com eles, e pondo de parte seu espírito contemplativo, místico e sonhador, poderá pedir por danos ao seu bom nome literário, ou à vaidade de tradutor diretamente do sueco, língua tão difícil que só mesmo quem não tem que fazer tem tempo para aprender. Poderá entrar em acordo, colocar o seu nome em lugar do meu, conservando naturalmente as emendas que eu fiz. Poderá ainda exigir que em outra edição apareça: "Primorosa tradução, diretamente do sueco, do escritor Araujo Ribeiro, revista miseravelmente por Marques Rebelo." Enfim, poderá fazer o que bem entender, eu nada direi, porque não tenho nada com isso.

Quanto à acusação de ser eu o tesoureiro da Associação Brasileira de Escritores, tenho a dizer que não me possuído do cargo — fui eleito. E o escritor Araujo Ribeiro está correndo, com esta lembrança infeliz, o risco de ser considerado fascista, negando a seriedade dum eleição rigorosamente democrática como foi a da diretoria da Associação Brasileira de Escritores.

Quanto ao fato da Associação tomar conhecimento do caso, é preciso, pelos Estatutos, que antes de mais nada o escritor Araujo Ribeiro seja sócio.

MARQUES REBELO

VERBOTEN

"SOU CONTRA OS SINDICATOS LITERARIOS!"

(Continuação da 15.ª pag.)

UMA nova lista de livros proibidos foi publicada recentemente na França, organizada por Otto Abetz, o "gauleiter" francês. Não podem mais ser vendidas: (1) Todas as obras inglesas (Shakespeare, Shelley e outros clássicos serão tolerados até o estabelecimento definitivo da "nova ordem"). (2) Os livros de autores judeus e as biografias de autores "arianos" consagradas a judeus por exemplo, as biografias dos músicos Mayerbeer, Offenbach e Darius Milhaud são proibidas. Segue-se uma sugestiva lista de livros franceses condenados: todos os documentos sobre a Alemanha, o nazismo e os guerras pan-germanistas.

A tradução do "Mein Kampf" foi também colocada no "Index", pois no livro de Hitler compreende-se muito claramente quais são suas reais intenções, que os Dœt, os Doriot e outros escribas do nazismo tentam ocultar ao povo francês. Aliás, encontram-se também na lista títulos de obras de "colaboradores", datados de antes de sua entrada ao serviço de Abetz...

Enfim, veem os romances de Malraux, Remarque, Benda, Thomas Mann, e Julio Verne — considerado, sem dúvida, como perigosíssimo escritor anglófilo.

E', entretanto, significativo o fato de se encontrar, no fim do lista, a nota de que as obras de autores semitas, de conteúdo científico, são "reservadas". Uma prova de que, embora o credo nazista esteja decidido a manter o povo na ignorância, os senhores do Reich não se conformam com as restrições quando o regra compromete a aplicação da ciência à técnica do armamento.

O caminho dos intelectuais franceses é simples: conseguir a nova lista de Abetz, consultar para todos os fins úteis as obras proibidas, e procurar nelas as causas de sua proibição — e propagá-las largamente.

VALENTIM FELDMAN MORTO PELOS NAZISTAS

Valentim Feldman, professor de filosofia do Liceu de Dieppe, foi fuzilado pelos alemães. Preso sob denúncia, foi acusado de haver participado num ato de sabotagem contra a central elétrica. Posto a ferros e martirizado, Feldman manteve-se firme até o fim ante os carrascos nazistas. Condenado à morte, recusou-se a assinar um pedido de perdão, declarando que "não tinha nenhum favor a pedir aos inimigos da França". Hoje, repousa sob um monte de terra anônima, no cemitério de Ivry.

Todos os estudantes da filosofia que frequentaram a Sorbonne de 1930 a 1935 lembram-se de Feldman, do prestígio que se ligava ao seu nome. Sua rude vida de estudante pobre tornou-o lúcido a todas as mentiras, a todas as covardias dos aristocratas do pensamento.

J. M. N.

ciativa, assinava um contrato com aquela estação, contrato esse que me assegurava um ordenado mensal de três contos de réis. Vim para o Rio, no ano seguinte, continuando a escrever para os jornais e os rádios paulistas, ao mesmo tempo em que me integrava na redação de "O Jornal". Depois, foi a Mayrink Veiga. Até hoje.

Genolino Amado é, atualmente, um dos escritores mais bem pagos no Brasil. E' também um dos raros escritores nacionais que vive do que escreve, e daí o seu desdobraimento literário, no rádio e no jornal. Ele me explica as razões de tais atividades da seguinte maneira:

— O escritor no Brasil, quando não é rico, e eu não conheço nenhum cavalheiro rico que seja um verdadeiro escritor, tem de apelar para um recurso de vida num emprego ou numa profissão qualquer. Ora, achei melhor para mim utilizar como meio de vida a divulgação popular de noções, conceitos, idéias, etc. Isto me foi possível porque, não sendo um populista, no sentido exato da palavra, me sinto de tal forma integrado no meio do povo, confundido com ele, que sei muito bem o que o povo quer e de que maneira quer. Uma coisa precisa ficar escl-

recida aqui: é que, em todos os contactos que tenho tido com o povo, nunca tive necessidade de "descer ao gosto popular", como costumam dizer os preciosos. Fico no meio lugar, e o povo sempre teve facilidade de chegar até mim. Qualquer assunto é acessível ao povo, bastando que uma mão amiga o conduza. Não acredito que haja mistérios para o povo. O povo só acelera coisa ruim quando essa coisa ruim atende a problemas ou exprime anseios que ele não encontra expressos nas chamadas coisas boas. Coloque-se o povo entre a Academia, a falar da Acrópole, ou no samba do morro, falando da Favela, e o povo prefere o samba.

Genolino Amado dá um exemplo de como, por exemplo, um bom programa de rádio pode, ao mesmo tempo, atingir suas finalidades culturais e agradar ao grande público.

— O exemplo é o meu programa "Biblioteca do Ar" o programa literário que há anos venho mantendo na Mayrink Veiga. Recentemente a "Biblioteca" conseguiu o primeiro prêmio da Secretaria de Educação da Prefeitura e, paralelamente, alcançou a primeira colocação num concurso realizado por uma revista desta capital para saber qual o programa radiofônico mais popular.

PRESEÇA DO "FOCA"

Genolino Amado está muito satisfeito com o rádio:

— O rádio me permitiu uma vida independente. Foi o rádio que evitou que eu me tornasse advogado. Recentemente rejeitei dois empregos, um de diretor de uma emissora oficial e outro como alto funcionário da Justiça do Trabalho, e isso, entre outros motivos, porque nenhum deles me interessava pecuniariamente.

Lembro-me que, em 1939, ao entrevistar escritores e artistas, eu tinha invariavelmente uma pergunta final, espécie de chave de ouro: quais os seus planos para o futuro? Me vem agora uma vontade terrível de repetir a pergunta do "foca". Repito, Genolino responde:

— Continuar trabalhando todos os dias são os meus planos. Não ter compromissos literários com ninguém, ser intransigente com o que achar errado. E' um bom programa, quanto à literatura, é possível que publique, se tiver tempo de completar o que apenas iniciei "Diante do mundo novo".

ALDOUS HUXLEY E' UM MORALISTA?

(Continuação da 20.ª pag.)

vasio da sua mocidade. Ambos esses homens exemplificam o sentimento religioso fundamental dos ingleses, e o surto de uma profunda convicção de que o materialismo e o capitalismo industrial do século dezenove, embora talvez tenha proporcionado bons dividendos durante um período considerável, divergiam da maneira fundamental do crescimento sadio na nossa sociedade comum. A peregrinação espiritual de Aldous Huxley partindo do ponto de vista de de que o ser humano é insignificante, para chegar à convicção de que o ser humano é afinal a única coisa que importa no mundo, assume um caráter da mais alta relevância. Trata-se justamente de uma das reivindicações em jogo neste conflito que se alastrou pelo mundo inteiro. E nesse assunto de importância vital para a humanidade, Aldous Huxley está ao lado de todos os homens livres.

PROGRAMAS DE ONDAS CURTAS em português DOS EE.UU. PARA O BRASIL. Transmitindo simultaneamente das seguintes estações: WCBX - 17.83 Mgs. (Faixa de 16 ms.) das 18.00 às 20.45; WRCA - 15.15 " (Faixa de 19 ") das 18.00 às 24.30; WGEA - 11.85 " (Faixa de 25 ") das 18.00 às 24.30. Includes program schedules for Quinta, Terça, Domingo, Segunda, Quarta, Sexta, and Sabado.

A Epopéia dos Transportes

Por Jurandir Santos Lima
Especial para DIRETRIZES

INDISCUTIVELMENTE, tem-se dedicado, no Brasil, um especial cuidado ao problema rodoviário e o bom êxito relativamente conseguido tem constituído uma empreitada de alto interesse nacional, independente, embora, de uma ação conjugada dos diferentes órgãos da administração federal, da administração estadual, e, mesmo, das administrações municipais.

Nos Estados Unidos (estamos já acostumados a citar a grande nação como a de melhores estradas de rodagem do mundo), quando se tornou mister o estabelecimento de um plano econômico e estudar o desenvolvimento dos transportes sob o ponto de vista da defesa nacional, ficou apurado que estavam seguindo caminho errado, não estabelecendo, de maneira enérgica, a unidade de administração e a intervenção do Governo Federal na construção das estradas de rodagem.

A lei norte-americana determina sejam atendidos os Estados e Municípios mais pobres, com os recursos colhidos ou fornecidos pelos Estados e Municípios mais ricos. Torna-se mister, assim, que todos os órgãos da administração trabalhem sob um ponto de vista comum, contribuindo cada um para a elaboração de novas leis, novas medidas a serem tomadas pela alta administração federal, de modo a tornar federal, de fato, e nacional a execução do plano rodoviário do país.

Cumpramos, no Brasil, malgrado a opinião de leigos neste assunto, conjugar os esforços das administrações federais, estaduais e municipais nesta importantíssima questão de rodovias. O Governo Federal já criou os órgãos necessários e deu as providências indispensáveis — falta, apenas, a conjugação de esforços e o estabelecimento de regras e métodos, sob um mesmo prisma, uma única orientação. Falta, apenas, unidade de comando.

A característica norte-americana de "progredir" deve, logicamente, ser imitada. Ainda agora, vem de ser delineado novo plano rodoviário que compreende a adaptação do caminho a todas as necessidades militares e industriais, além do turismo, mediante estradas sem cruzamento. Não se trata de desenhos futuristas nem de absurdas inovações, mas de adaptar as rodovias secundárias, fechando o maior número de cruzamentos, formando, assim, uma rede secundária de estradas de duas mãos que uniriam zonas metropolitanas através de montanhas, rios, etc.

A realização desse projeto americano completará a maior rede rodoviária do mundo. E, isso só será possível sob um controle único, uma centralização ou, melhor, uma real nacionalização do sistema rodoviário.

No Brasil — pode-se dizer — estamos atravessando o instante dos transportes.

A hora atual é dos transportes. Transporte é a palavra de ordem. Em todos os lados do mundo, a palavra "transporte" é compreendida como uma razão da própria existência dos povos e o meio real de sua aproximação. E, em nenhuma época como a de agora, os povos se viram na contingência de apreciar a necessidade imprescindível dos transportes como meio defensivo de suas próprias vidas. Não é preciso lembrar o que tem sido na Europa atual, a formidável movimentação de exércitos para se ter a convicção de que, neste instante histórico e trágico, se está escrevendo a "epopéia dos transportes".

Movimentando enormes con-

tingentes de homens, movimentando, enfim, "populações armadas" numa gigantesca e ciclópica empreitada, em que tudo há de ser observado: — a subsistência do homem, o desafogo da estrada, tropas que voltam, ambulâncias que passam; tropa que marcha a pé, num e noutro sentido; formações motorizadas; corpos de cavalaria e de artilharia a cavalo; motociclistas de ligação; o êxodo das populações; toda a complexa e heterogênea engrenagem de um exército que marcha; — é o que pode o europeu compreender e, com ele, todos os povos, o que representa, em tempo de paz, para um país, qualquer que seja a sua situação geográfica e a sua configuração topográfica, um sistema de transportes organizado e um parque rodoviário perfeito.

E, tanto termine essa catástrofe em que se aniquila a velha Europa, as atenções dos homens de governo e dos homens de negócios estarão voltadas para dois grandes objetivos: "estradas e transportes". País de enorme extensão geográfica, com um "hinterland" sempre por devassar, o Brasil não poderá fugir à regra das conveniências e terá a atenção dos seus dirigentes voltada para aqueles dois magnos problemas. Felizmente, porém, faz alguns anos, muito se tem realizado na melhoria das estradas de ferro, na abertura de rodovias e na facilidade da navegação marítima, aérea e dos transportes terrestres.

A rodovia ocupa, no instante que atravessa o mundo, lugar de destaque entre as necessidades inadiáveis. E o governo brasileiro tem sabido compreender essa verdade: várias estradas foram já concluídas, dezenas de outras já se acham em construção e outras mais delineadas. O "Plano Rodoviário Nacional", ligando o Sul ao Norte e permitindo ligações subalternas será uma das mais úteis realizações da nossa história e um dos maiores empreendimentos da América Latina.

Para que se tenha uma ideia do índice de prosperidade assinalado em nossos transportes, basta considerar que, em 1930, o Brasil contava apenas com 113.000 quilômetros de rodovias. Em 1940, o total elevou-se para 229.000 quilômetros, constatando-se o aumento de 116.000 quilômetros. Tal cifra permite avaliar que o Brasil está construindo 33 quilômetros de estrada por dia ou quase um quilômetro e meio por hora. O total de quilômetros construídos de 1930 a 1940 equivale a 12 vezes a extensão do litoral brasileiro.

Os Estados de São Paulo e Minas Gerais, respectivamente, com cerca de 50.000 e 40.000 quilômetros, são os que possuem maior extensão de rodovias, cabendo a ambos, reunidos, cerca de 40 por cento da extensão rodoviária do Brasil. Torna-se mister, unicamente, a organização de grandes empresas para a exploração do "transporte coletivo"; empresas que possam oferecer ao público brasileiro, fácil de contentar, serviços eficientes, com o máximo conforto e toda a segurança.

E, quando cortando as nossas grandes estradas, que constituirão a cadeia do Plano Rodoviário Nacional, tivermos grandes organizações explorando o serviço regular de caminhões e auto-ônibus, tal como sucede nos Estados Unidos onde uma única empresa possui 3.200 ônibus, o Brasil terá, então, conquistado o melhor lugar no concerto das nações fortes, uma aproximação maior dos seus filhos, um motivo poderoso da sua expansão econômico-financeira e um fator preponderante para a sua defesa.

A ALMA DE ANTÓN PAVLOWITCH TCHÉCOFF

(Continuação da pág. 17)

traria sempre um juízo implacável e sutil.

Alguem contou na sua frente que o diretor de um jornal popular, homem que falava constantemente da necessidade de amor e de misericórdia, ofendera estupidamente um modesto empregado, e que, em geral, tratava grosseiramente a todos os que dependiam dele.

— Pois é natural — disse Tchecoff com um sorriso incontento; é aristocrata, é instruído, fez seus estudos num seminário... Seu pai andava calçado com alpercatas, mas ele calça botas lustrosas.

Havia nesta reflexão algo flagelante contra o aristocrata improvisado, nulo é ridículo.

— E' um homem de grande talento — dizia uma vez de certo jornalista. Os artigos que escreve levam o selo de sua consciência, respiram um sopro humanitário; mas, diante de amigos, trata a própria mulher de tola, e em sua casa o quarto das empregadas é úmido, as pobres adquirem reumatismo.

— E você gosta dele?

— Sim, muito... E' um homem agradável — acrescentou Tchecoff, tossindo. — Saiba tudo, lê muito. Pediu-me três livros emprestados, que não me devolveu. Hoje dirá que sois um homem maravilhoso e amanhã assegurará a todos que sois um ladrão de vossos serventes, que furtasteis umas calças de seda do marido de vossa querida amante, umas calças negras com listas azues... Dará toda classe de pormenores.

E como alguém se queixasse da antipatia que inspiravam os artigos "sérios" das revistas importantes, disse:

— Não leia essas tolices; é literatura de amigos, dirigida do princípio ao fim. São feitas pelos senhores Vermelho, Negro e Branco. Um escreve um artigo, o outro a réplica, e o terceiro concilia as contradições dos dois. E' como se jogassem cartas com um morto. Nenhum deles tem a coragem de perguntar a si próprio: o que há de bom nisso tudo para o leitor?

Um dia, uma senhora gorda, elegante, respirando saúde, julgou oportuno dizer a Tchecoff:

— A vida me aborrece; as pessoas, o céu, o mar — tudo é escuro. Até as flores me parecem escuras. Não desejo nada. Minha alma vagacia numa languidez sem limites... E' como uma doença.

— E é uma doença, minha senhora — disse Tchecoff, convencido. E' uma enfermidade que em latim se chama *morbus feignibus*.

Por sorte, a senhora não sabia latim.

— Os críticos — dizia-me certa vez com o sorriso costumeiro, — são como as varejeiras que impedem o cavalo de trabalhar melhor. O cavalo trabalha, todos os músculos em tensão como as cor-

das de um contrabaixo, e eis que a maldita mosca se gruda na sua garupa, no pescoço, na barriga, no corpo inteiro. E' preciso espantá-las com a cauda. Porque a maldita mosca zumbe ainda por cima? Somente ela o sabe. Tem um caráter inquieto, quer manifestá-lo, e gosta de sangue. E' preciso que se saiba o que existe sobre a terra. "Veja: eu posso zumbir, zumbir sobre tudo", diz ela. Faz vinte anos que leio críticas de meus trabalhos, mas não me recordo de nenhuma indicação útil nem de um bom consolo. Uma advertência de Skabitchevski ainda me fez uma impressão: afirmou que eu morreria...

Em seus olhos tristes e bons conservava sempre uma fina ironia; mas às vezes o seu olhar era frio, vivo e rude. Nesses momentos, a voz, de um timbre sincero e flexível, soava mais firme, e me parecia então que aquele homem modesto e delicado, podia opor-se, quando julgasse útil, com energia a uma força hostil e vencê-la.

Às vezes, me parecia que os homens lhe inspiravam também um sentimento de dúvida muito próxima ao desespero.

— O russo é um ser estranho — disse-me um dia. — Nada conserva. Na juventude enche a alma de tudo o que encontra, e aos trinta anos nada mais possui, sinão ruínas. Para viver bem, para viver humanamente, é preciso trabalhar, trabalhar com amor e com fé... Entre nós isso não acontece. O arquiteto que construiu duas ou três casas se dedica a jogar cartas o resto da vida e a frequentar os bastidores de teatros. Quando tem uma clientela, o médico deixa de ocupar-se da sua ciência, não lê mais nada, exceto as "Novidades da terapêutica", e aos quarenta anos afirma seriamente que as enfermidades proveem, sem exceção, da friagem. Não encontro ainda um só funcionário público que compreendesse um pouco a importância de seu trabalho; geralmente mora na capital ou no melhor lugar da província; faz circulares que envia para diversos lugares. Como o seu, não se inquieta com as torturas do inferno. Depois de conquistar um título de orador habil, o advogado não se importa mais pela verdade; contenta-se em estudar o direito de propriedade; aposta em cavalos, engole ostras e passa por um bom conhecedor de todas as artes. O autor que representou bem dois ou três papéis não se esforça mais; põe um chapéu de copa alta e supõe-se um gênio. A Rússia é a pátria de todas as classes de gente inúteis e ávidas que comem e bebem em excesso, que roncam de dia e de noite. Casam-se para ter ordem em casa, e conservam suas amantes para manter o prestígio da sociedade. Tem uma psicologia de cachorro: quando seguros, queixam-se manhosa-

mente e se escondem nas poelgas; acariciados, deitam-se de costas, abrem as pernas, põem a língua de fora e balançam a cauda.

Havia um desprezo frio e doloroso naquelas palavras. Mas a sua alma sempre se encontrava cheia de piedade, e quando ouvia falar mal de alguém, intercedia logo:

— Por que você se zanga, homem? Ele é um pobre velho, tem já setenta anos...

Ou assim:

— Ele é ainda muito jovem; não sabia o que estava fazendo.

Ao dizer semelhantes mentiras, não havia desdem em seu rosto.

Na juventude, a vulgaridade é desprezível e até mesmo divertida; mas, pouco a pouco, vai penetrando o homem até que lhe alcança o sangue e o cérebro numa nuvem cinzenta, e o homem se parece então com uma velha bandeira coberta de lama. Dirá que é alguém e que representa algo, mas ninguém o sabe.

Já em seus primeiros livros, Tchecoff soubera desembaraçar-se do trágico sob uma aparência superficial ou cômica. Mas, lendo atentamente suas novelas curtas, notava-se quanto de cruel, de repugnante e de triste queria ocultar através de palavras e de cenas alegres.

Tinha uma espécie de pudor literário. Não se atrevia a dizer aos homens: "Sede mais corretos!" Porque esperava que eles compreenderiam a necessidade de uma vida regular. Odiando a tudo o que era trivial e ou indecente, desprezava as torpesas da vida com uma linguagem nobre de poeta, com um doce sorriso de humorista e apenas se lhe adivinhava na esplendor das frases a amargura do reproche interior.

O grande público, lendo "A Filha de Albion", se contentava em rir, sem descobrir que ele tratava de lançar nesta novela a injúria mais abominável que um senhor farto de bens pode dirigir a um solitário que vive absolutamente separado do mundo. E em cada uma das páginas de Tchecoff se ouvia o suspiro profundo de um coração verdadeiramente humano, o suspiro desesperado da compaixão aos seres que, em lugar de ser conscientes da sua dignidade pessoal, são a presa da força bruta, e vivem como os escravos. Não creem em nada, salvo na necessidade de comer cada vez mais; não sentem nada, salvo o temor de ser maltratados por alguém mais forte que eles.

Ninguém conhecia tão clara e firmemente como Antón Pavlowitch Tchecoff o lado trágico das mediocridades da vida; ninguém, antes dele, soube traçar com uma realidade tão implacável o vergonhoso quadro da fria existência dos burgueses. A trivialidade foi o seu maior inimigo. Durante toda a vida lutou contra ela e a ridicularizou com sua pena marcante e impassível. Soube desnudar as podridões, estivessem onde estivessem ocultas, sob as mais luxuosas e confortáveis existências. E a vulgaridade se vingou maquinalmente, fazendo colocar o cadáver do contestista-poeta num vagão destinado ao transporte de ostras frescas.

O soalho sujo desse vagão me pareceu como o imenso sorriso de triunfo da vulgaridade que venceu o inimigo. E nos jornais, julguei distinguir nos numerosos necrológios uma tristeza hipérita, atrás da qual o ódio fêido e frio da mesma vulgaridade se mostra-

SENSACIONAIS REPORTAGENS!!!

Isso tudo e mais alguma coisa vocês poderão encontrar na tradicional revista

Inteligência

PROCUREM EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS,
TODOS OS MESES, A REVISTA QUE COLIGE
O PENSAMENTO MUNDIAL

AGORA HÁ GEMIDOS EM ROMA

(Continuação da 2ª pág.)

coragem do fascismo foi colocar deliberadamente sob a batina do Papa.

Quem está destruindo Roma, irmãos, é a covardia fascista! Se eles destruíram meio Londres, se destruíram Varsovia, se destruíram Amsterdã, Belgrado e Stalingrado, porque estas não se declararam "cidades abertas", por que então foram eles "abrigar" sob a aureola sagrada de Roma os seus centros de produção bélica? Por que fizeram do "berço da cristandade" o ninho de suas "ardorosas" feras fascistas? Se queriam poupar os templos e os monumentos do cristianismo, por que foram construir bem perto deles as fábricas militares — imans ináliveis para as sacrílegas bombas dos herejes?

A guerra começou há quatro anos. Houve tempo suficiente e bastante para que alguém, que estivesse realmente interessado na poupança da capital do catolicismo, agisse no sentido de compelir os fascistas a transferirem suas fábricas para as cidades e aldeias profanas. Nesses quatro anos de guerra, e já antes deles, as valoro-

sas aviações da Itália e da Alemanha andaram destruindo cidades na Espanha, na Abissínia, no Egito, na Inglaterra, no coração e no leste da Europa. Destruíram e destruíram o mais que puderam destruir. Certas vozes andaram mudas, certos ouvidos andaram fechados, ao ribombo das bombas que caíam "tão longe", ao fragor dos desmoronamentos tão longínquos e aos gemidos de dezenas de milhares de moribundos que não ouviam.

Agora, porém, há gemidos em Roma. E há ruínas diante de certos olhos. Imprevidentes olhos que se esqueceram de que é na Bíblia, e não em outro livro, que vem ensinada a sentença de Talião: olho por olho...

Mas ainda é tempo. Sempre é cedo neste mundo que durará pelo infinito dos séculos. Ainda é cedo, ainda é tempo para que as influências poderosas impilam os ardentemente fascistas a carregarem suas fábricas para o campo aberto, onde possam receber a corteza de que a lição de violência que ensinaram ao mundo foi aprendida e muito bem aprendida.

PROBLEMAS DE APÓS-GUERRA

(Continuação da 2ª pág.)

mendações da falida Liga das Nações, inclui princípios concretos atuais como os estabelecidos na Carta do Atlântico. Vedar o engrandecimento territorial, em plena guerra; estabelecer como condição para modificações territoriais a livre expressão da vontade dos povos atingidos; franquear o acesso às fontes de matérias primas a todos os estados, grandes e pequenos, significa imprimir uma nova feição ao direito das gentes, universalizá-lo com uma grandeza humana que jamais alcançou em tempos anteriores. . . .

Esses textos, no plano interno como no externo (como se ainda fosse legítima a distinção entre homiões, considerados nacionais e internacionalmente) acham-se hoje incorporados ao código não escrito das obrigações internacionais. Não deverá ser possível, depois da guerra, existir país onde



PARA INSTANTES DE SONHO,
ALEGRIA E BELEZA

E' o que lhe faz o CASSINO ATLÂNTICO, a "boite" maravilhosa do posto 6, que, todas as noites, tem para o senhor e sua familia um presente de encantamento. Refinamento, arte, graça, poesia — são as palavras que melhor

definem o

CASSINO

ATLÂNTICO

Médicos e advogados

ATTILIO VIVACQUA
ALBERTO DE AZEVEDO

Advogados
Rua 1º de Março, 7 — 8º andar
Salas 805/806 — Tel. 23-2552
RIO DE JANEIRO

A ESPANHA ESTARÁ COM QUEM VENCER

(Conclusão da 7ª pág.)

Por outra parte, necessitamos da maquinaria alemã, máquinas de escrever, ferramentas, produtos químicos, artigos medicinais e outros artigos que poderemos obter em alguns países europeus. Ora, todos estes artigos necessitam para seu transporte "licença de trânsito" dos alemães, da mesma maneira que os artigos que se transportam por mar necessitam de uma licença da marinha inglesa. Como vocês sabem grãss agora na Espanha uma epidemia de malária e necessitamos de quinino para combatê-la. O único país europeu que tem grandes reservas de tal artigo é a Suíça; os suíços estão dispostos a nos enviar quinino, porém não pode ser transportado sem uma licença expressa e especial dos alemães; isto sem levar em conta que os próprios alemães necessitam de quinino na zona dos Balkans. Já temos importado tal produto, mas para isso obtivemos, antes, licença dos alemães. Não podemos continuar nossa campanha de reconstrução nacional senão sustentando firmemente nossa neutralidade. Já tivemos um milhão de mortos na guerra. Não queremos aumentar tal cifra. Agora por nossa vez, vamos fazer uma pergunta: Que nos dizem vocês sobre o resultado da guerra na Europa?

OS ITALIANOS — Para nós, de de qualquer maneira, será um resultado funesto.

OS ALEMAES — E' verdade que não podemos derrotar os Estados Unidos e a Inglaterra; mas, por outro lado, eles não nos podem derrotar.

OS NORTE-AMERICANOS E OS INGLESES — Venceremos os espanhóis. Como vocês estão vendo há diferentes opiniões; é indubitável que nosso Governo muito desejaria ocupar um posto ao lado do vencedor na Conferência da paz. Mas talvez seja possível que nosso Governo, por ora, ainda esteja dividido sobre qual será o vencedor... É prudente, portanto, e mais seguro para a Espanha, continuar neutra. Depois... Bem, depois a decisão ficará a cargo do Governo.

va encantado com a morte de seu perseguidor.

Ao lê-lo, tinha-se a impressão de um triste fim de outono, quando no ar opaco se desenham confusamente as árvores desfolhadas, as casas estreitas, as multidões escuras. Tudo era estranho, solitário, imóvel e sem força. O horizonte estava deserto e o céu pálido enviava à terra coberta de barro gelado um sopro frio que angustiava.

Como o céu de outono, Tchecoff iluminava os caminhos e as casas com a luz de um dia cruel. Eis Douchetchka, que passa rápida e ligeira como um sorriso; eis a mulher amável e boa que sabe amar tão ternamente. Pode-se-lhe pegar na orelha e não se queixa. Junto dela está a desgraçada Olga das "Três Irmãs"; também é muito amorosa e submete-se sem queixas aos caprichos da mulher vulgar e dissoluta do safado de seu irmão; em seus olhos tristes está a vida desgraçada de suas irmãs; chora, mas não pode ir em auxílio de ninguém; de seus lábios não sai palavra alguma de protesto contra a vulgaridade.

Eis aqui a senhorita Rantevsky, a chorona, e os outros velhos habitantes de Cerizate, egoístas como meninos e caducos como velhos. Esqueceram a morte no momento oportuno, e se lamentam sem ver nada em torno deles, sem compreender nada; são parasitas desprovidos das forças necessárias para perceber o jugo da vida. O péssimo estudante Trofimof fala eloquentemente da necessidade do trabalho, mas se fanatiza e se distrai perseguindo bestialmente a pobre Varia, que se sacrifica sem cessar ao bem-estar do senvergonha.

Verschinine sonha com a beleza da vida aos 300 anos; vive sem perceber de que em torno dele tudo se decompõe, que sob seus olhos, Soleny, impulsionada pelo desgosto e a necessidade, está disposta a matar o miserável barão Touzenbach.

Assim desfila um cortejo de escravos, prisioneiros de seus próprios desejos, por sua estuidez e preguiça, escravos cheios de terror diante da vida, vegetando na inquietude, enchendo o ar de discursos vazios sobre o futuro, e sentindo que no presente não há lugar para eles.

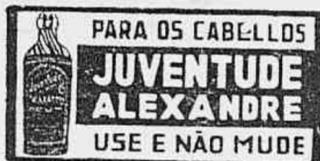
As vezes, nesse rebanho frio, aparece uma chama; é Ivanof ou Treplef, que compreendem o que deviam fazer, e estão mortos.

Alguns tem belos sonhos,

nos quais há promessas de que a vida será esplêndida dentro de dois séculos. Mas ninguém se pergunta a si mesmo: "Quem a fará esplêndida, se nós não fazemos mais do que sonhar?"

Entre essa melancólica multidão louca e impotente passou um grande homem, muito inteligente, atento a tudo; analisou os pobres habitantes de sua pátria, e com um sorriso triste, com um tom de reprovação terno, mas profundo, com uma desesperação infinita no semblante e no coração, lhes disse com uma voz sincera:

— Vocês vivem muito mal, amigos. E' vergonhoso viver assim!



CRÍTICA LITERÁRIA

(Continuação da 19ª pág.)

mais do que essa edição do Livro de Bolso. Onde está o estudo crítico que merece esse romancista das angústias e dos pesares dos subúrbios cariocas? Onde está a biografia desse rebelado, desse homem dominado pelo vício, desse vasto complexo de inferioridade que se sublimou em romances de tão extraordinário vigor?

O Livro de Bolso dá um passo inicial — muito oportuno, muito útil, — para o estudo de Lima Barreto, publicando a sua obra, que até agora esteve fora do alcance dos curiosos e dos entendidos, tão distante do povo, de onde nasceu e para que se dirigiu.

Em notas "antes do romance", Eloy Pontes se mostra muito reticencioso no contar a vida do romancista (receia de estragar o material reunido?), mas se estende em comparações e considerações que em nada adiantam ao conhecimento do autor ou da obra.

Mas, de qualquer maneira, o Livro de Bolso está prestando um grande serviço ao romance nacional — devolvendo ao público, em edições cuidadas e baratas, um dos nossos maiores romancistas, talvez o maior criador de figuras das letras brasileiras.

Endereço para a remessa de livros: — Almt. Pereira Guimarães, 11, apt. 201 (Leblon) — Rio de Janeiro



**SIM, ESTÁ TUDO ACABADO!
TOME O ANEL DE NOIVADO!**



Fazer a barba diariamente é um dever social!

Apresentar-se, de quando em quando, com a barba por fazer, é uma falta grave, que contribue para o insucesso - na vida social ou nos negócios. Fazer a barba todos os dias é uma regra de "bom tom", absolutamente indispensável. Por isso, barbeie-se em casa, todas as manhãs, com Gillette. Gillette faz uma barba rápida, confortável e econômica, evitando infecções no rosto. Compre um aparelho Gillette Tech e use-o sempre com as lâminas Gillette Azul, legítimas.

Gillette

C. Postal 1797 - Rio de Janeiro

